



15
HISTÓRIAS
DE
CONSERVAÇÃO

SAVE BRASIL

SAVE BRASIL

15

HISTÓRIAS
DE
CONSERVAÇÃO

COMUNIDADES, PESSOAS E AVES

QUE MARCARAM A NOSSA VIDA



EDIÇÕES TIJD

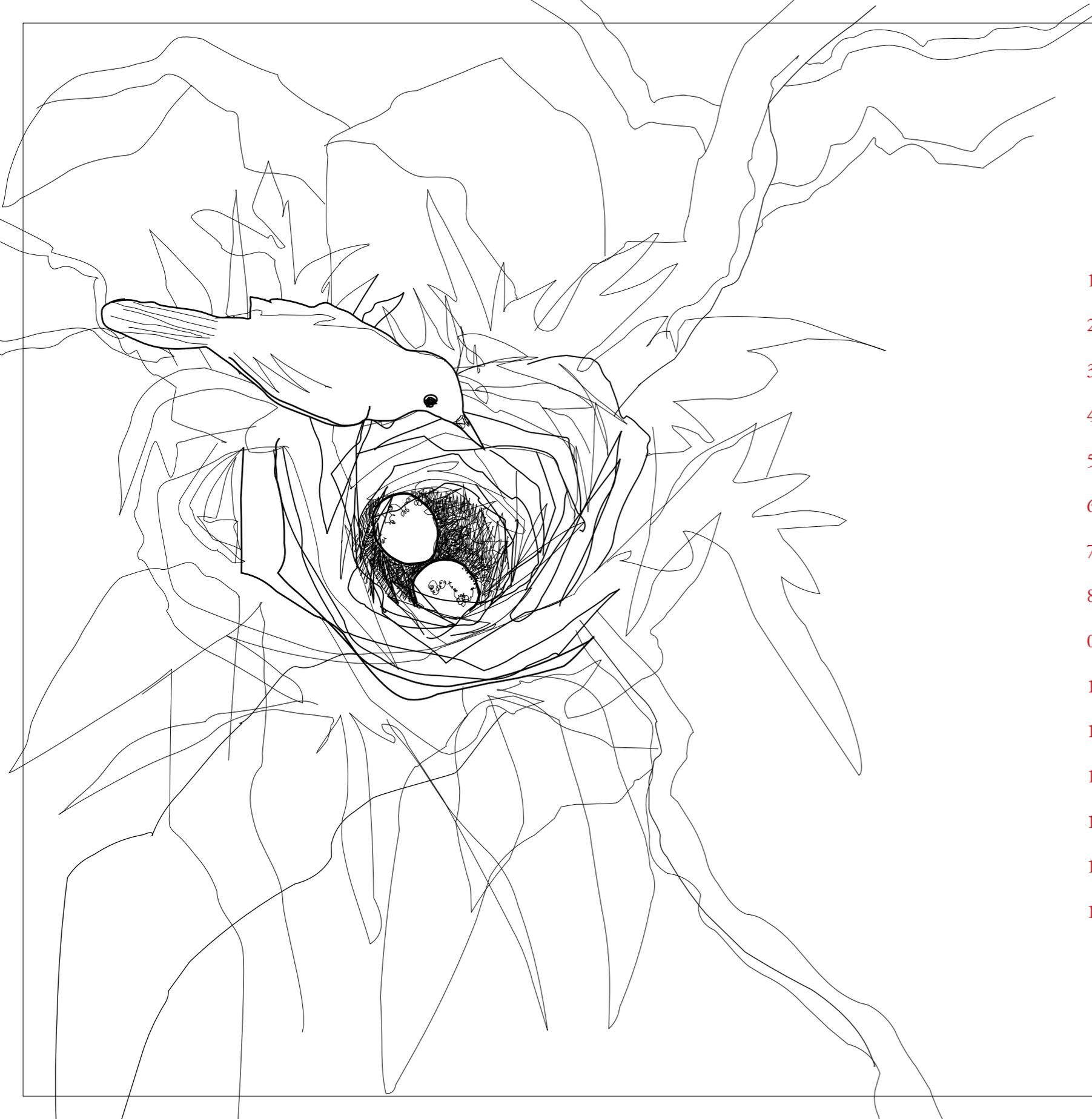
DEDICADO A

Helmut Sick

ORNITÓLOGO E NATURALISTA



QUE OS NOSSOS ESFORÇOS AJUDEM
NA SOBREVIVÊNCIA DAS ESPÉCIES
PARA QUE POSSAMOS TODOS ESCUTAR,
NOS CANTOS DAS AVES,
OS SEUS ENSINAMENTOS.



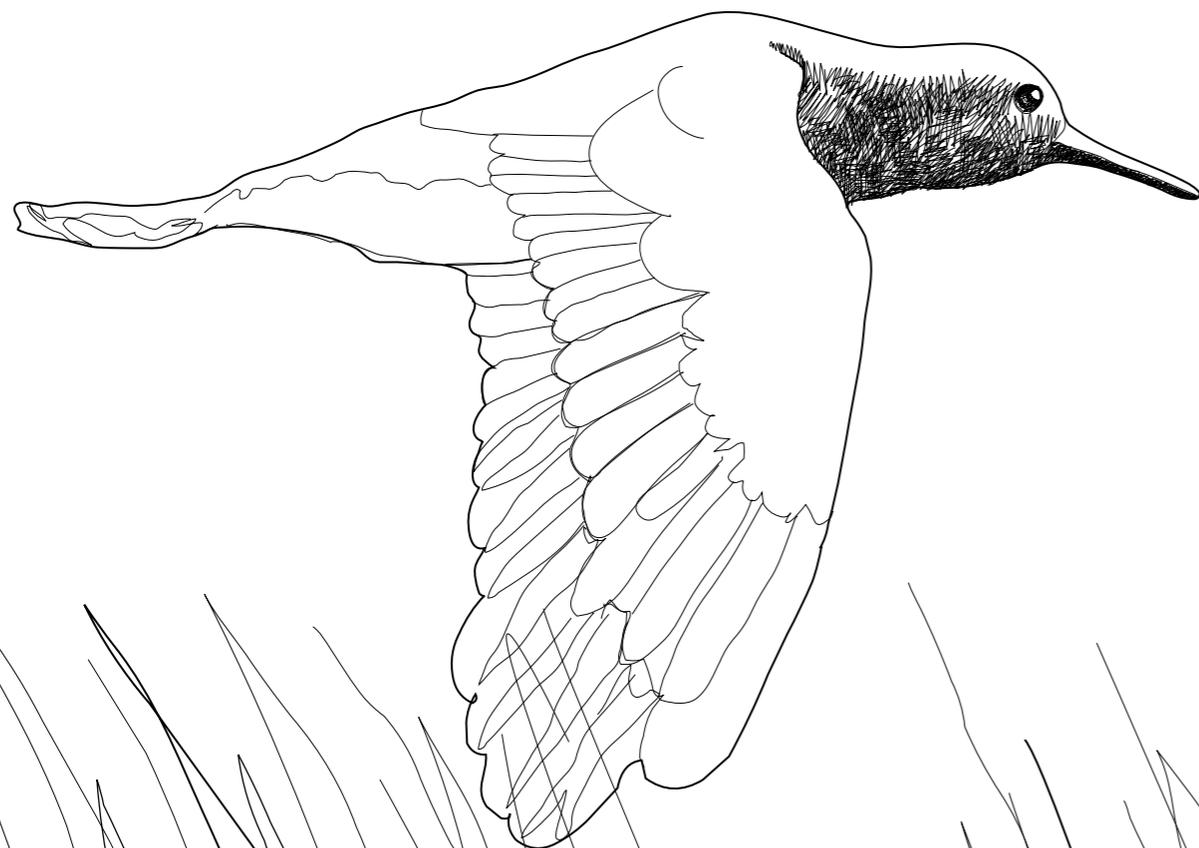
Sumário

	PREFÁCIO	7
	APRESENTAÇÃO	11
1	UMA ONG PARA AS AVES DO BRASIL	15
2	ONDE DEVEMOS PRIORIZAR ESFORÇOS?	25
3	UM PACTO PELA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE	31
4	RESERVA PARTICULAR PARA SALVAR A FLORESTA	39
5	A CABRUCA E O ACROBATA	51
6	UMA CIDADE MOBILIZADA POR UM PÁSSARO	59
7	ALIANÇA COM PRODUTORES RURAIS NO PAMPA	67
8	PROTEÇÃO DAS ROTAS DAS AVES MIGRATÓRIAS	75
09	REINTRODUÇÃO DA JACUTINGA NA MATA ATLÂNTICA	83
10	UM HABITAT PARA A ARARINHA-AZUL	93
11	UMA MATA CONSERVADA PARA A SAÍRA-APUNHALADA	101
12	PROTEÇÃO E PESQUISA PARA O FORMIGUEIRO-DO-LITORAL	109
13	GUARAREMA ADOTA O BICUDINHO-DO-BREJO	115
14	REAPARECIMENTO E PROTEÇÃO APÓS 75 ANOS	123
15	OBSERVAR AVES, GANHAR AMIGOS E FAZER CIÊNCIA CIDADÃ	131
	LINHA DO TEMPO	140
	AGRADECIMENTOS	142

Prefácio

JONATHAN FRANZEN

Premiado romancista e ensaísta americano, é conhecido também por suas reportagens. Escreve para revistas como *New Yorker* e *Harper's*. É observador de aves e conservacionista.



Na última vez em que ocorreu um evento de extinção na Terra, como o que enfrentaremos no próximo século, a classe de animais que sobreviveu para dominar o planeta foi a das aves. Quando o impacto de um meteoro envolveu o mundo em um permanente inverno, o ramo das aves, na família dos dinossauros, tinha um grande número de vantagens: homeotermia, desenvolvimento embriológico acelerado e comunicação vocal sofisticada. No entanto, nenhuma vantagem adaptativa foi mais importante do que a habilidade de voar. Hoje, no Hemisfério Ocidental, assim como no Velho Mundo, a diversidade e abundância da avifauna é uma prova do poder do voo. Ao longo de milhões de anos, aves canoras e beija-flores voaram em cada nicho isolado nos Andes, evoluindo em espécies novas; tentilhões ancestrais viajaram com os ventos até as Ilhas Galápagos, onde seus descendentes se especializaram em diferentes fontes de alimento, originando a diminuta e diversa subfamília Geospizinae dos fringílídeos, estudada por Darwin. Voos de longa distância podem ajudar uma espécie estável a prosperar e acelerar o processo de especiação. Na Califórnia, o rouxinol-de-Townsend se reproduz nas florestas montanas ricas em insetos e voa rumo ao sul, para passar o inverno nas florestas costeiras de sequoias. O sabiá-de-Swainson se dispersa pelo interior da América do Sul para, em abril, migrar rumo ao norte até o Alasca, onde explode em um canto assombrosamente complexo. Antes de cruzar o oceano Pacífico para nidificar na Nova Zelândia, milhares de pardelas-escuras voam em círculos sobre a Baía de Monterey em agosto, em formações tão densas que

chegam a tingir o céu de negros rios aéreos. Os papagaios da Bolívia estão em constante movimento, espalhando-se pela manhã à procura de alimento, indo e vindo dos paredões de argila com sais minerais que auxiliam na digestão, e retornando aos seus dormitórios ao anoitecer. Eles podem passar a sua estação não reprodutiva a centenas de quilômetros de onde nidificam. As aves migram, dispersam-se ou se deslocam acidentalmente. O movimento impulsionado pelas asas é sua essência e glória. Face ao iminente evento de extinção global, cuja ameaça agora vem da destruição de habitats e dilapidação pelos humanos dos recursos naturais, que certamente serão agravadas pelo aquecimento global e por eventos climáticos extremos, a mobilidade aérea não confere mais a mesma vantagem que há 65 milhões de anos. Aves marinhas podem voar enormes distâncias em busca de alimento, mas durante o período reprodutivo ficam limitadas às ilhas onde se reproduzem. Se estas forem invadidas por predadores introduzidos, se os recursos nas águas que as circundam forem dizimados, ou, ainda, se os adultos morrerem afogados em redes de pesca, os filhotes perecerão. O voo também não irá beneficiar espécies dependentes de um determinado ambiente terrestre – praias intocadas, florestas do noroeste do Pacífico, Mata Atlântica do Brasil – se o habitat adequado for completamente destruído. Muitas espécies migratórias da América do Norte precisam de uma série de ambientes para completar o seu ciclo de vida. Talvez ainda existam florestas temperadas em abundância para o tordo-do-bosque nidificar, mas as florestas no Caribe, onde passa o inverno

boreal, são vulneráveis ao desmatamento para a agricultura. Da mesma forma, a batuíra-da-montanha pode estar bem nos planaltos americanos durante o verão, apenas para morrer de fome no inverno, quando migra para os campos nativos do México, que sofreram sobrepastoreio ou foram convertidos em monoculturas. Aves tropicais não migratórias, como a população da rolinha-do-planalto no cerrado brasileiro, são vulneráveis aos incêndios, à expansão da agricultura, ao tráfico de animais silvestres e às variações extremas de temperatura que ocorrerão com as mudanças climáticas.

Ainda assim, as aves estão entre as mais resistentes espécies no reino animal. Elas cobrem a superfície da Terra há milhões de anos, e sua mobilidade lhes dará uma chance de lutar pela sobrevivência no próximo século. Como se sairão dependerá, em larga escala, do nosso comprometimento em preservá-las e da criatividade de nossas soluções de conservação. Para aqueles que se preocupam com o mundo natural, não podemos apenas focar nas mudanças climáticas, que agora só podem ser mitigadas, e não mais evitadas. Os projetos de conservação mais promissores atualmente são aqueles que direcionam seus esforços para determinados habitats ou grupos de espécies, atentos às necessidades de ambos, a vida selvagem e os seres humanos. Por exemplo, a recém-criada reserva da SAVE Brasil para a rolinha-do-planalto, situada próxima à cidade de Botumirim, oferece proteção não apenas à pequena rolinha, mas também às outras espécies dependentes do cerrado, como o belíssimo chifre-de-ouro. O trabalho da SAVE Brasil beneficia a avifauna local e a população de Botumirim, que já vê um aumento no ecoturismo, com a chegada dos observadores de aves para ver a rolinha.

Aqui há um círculo virtuoso – a reserva enriquece a comunidade, e esta, como resposta, abre-se às práticas de sustentabilidade e prevenção de incêndios. O mesmo modelo se aplica a outras reservas brasileiras criadas pela instituição e pelo governo, que protegem espécies espetaculares, como a ararinha-azul, o bicudinho-do-brejo-paulista, o soldadinho-do-Araripe e a choquinha-de-Alagoas. Igualmente importantes são os esforços para ajudar as aves regional e nacionalmente. A costa brasileira é vital para a sobrevivência de milhões de aves migratórias, e a SAVE Brasil, por meio da sua iniciativa na Rota Migratória do Atlântico, realiza projetos de conservação em localidades-chave, incluindo a Lagoa do Peixe e seus arredores. Além disso, realiza levantamentos de aves limícolas ao longo de mais de 2000 km na região costeira. Outro exemplo de círculo virtuoso é o programa no Pampa, no Sul do Brasil, Alianza del Pastizal, cujo objetivo é integrar a produção pecuária naquele bioma. A Alianza compreende diversas instituições no Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, e trabalha com um grupo dedicado de mais de 200 produtores rurais, que representam 133 mil hectares de terra, a maior parte campos nativos. A carne produzida pelos membros da Alianza leva um selo de certificação compatível com a conservação do Pampa, e está disponível em supermercados e restaurantes no Brasil e na Argentina. Os produtores rurais se beneficiam, assim como as espécies ameaçadas veste-amarela, papa-moscas-do-campo e noivinha-de-rabo-preto, com quem eles dividem a terra. A natureza não é uma abstração. Sua beleza, seus perigos e sua utilidade são maravilhosos e terrivelmente reais. Para prevenir sua destruição no século XXI, precisamos arregaçar as mangas. Precisamos de abordagens concretas para desafios

específicos, e em nenhum lugar do mundo esses desafios são mais graves do que no Brasil. Devido ao seu tamanho e à sua geografia, o Brasil tem maior diversidade biológica do que qualquer outra nação no mundo, mas tal diversidade está sob enorme pressão. A esperança para as aves do país está nas mãos de grupos como a SAVE Brasil, bem como de governos dispostos a investir em preservar o habitat que ainda resta, sem esquecer do crescente número de observadores, muitos deles jovens, apaixonados por aves e empenhados em conservá-las. O desafio é enorme, mas grandes também são as oportunidades. Onde há vontade, e existem asas, há um caminho.

Jonathan Franzen

Apresentação

JAQUELINE GOERCK E PEDRO DEVELEY

Jaqueline Goerck e Pedro Develey são biólogos com mestrado e doutorado em ecologia de aves e possuem ampla experiência na implementação de projetos de conservação ambiental no Brasil, integrando o embasamento técnico-científico com a aplicação prática e resolução de questões de conservação em campo. Jaqueline foi uma das fundadoras da SAVE Brasil e hoje atua como Presidente do Conselho da organização. Pedro é o atual diretor executivo da SAVE Brasil.

A sobrevivência do mais “forte”. Desde que passamos a entender os processos evolutivos descritos na ciência, ficou claro que os mais bem adaptados ao ambiente natural seriam aqueles que passariam seus genes para as gerações futuras. No entanto, muito diferentes daquelas preconizadas por Darwin, as batalhas que todos os seres vivos no mundo de hoje enfrentam dependem de muitos fatores externos causados pelo homem, e a aptidão de cada indivíduo para lidar com as mudanças naturalmente impostas pelo meio deixa de ser o fator mais relevante. É esse o desafio que as espécies encontram em sua luta diária face à destruição crescente do nosso planeta. Estamos todos interconectados. Se quisermos preservar as aves em seus ambientes naturais e dar uma chance para populações de várias espécies se recuperarem, é necessário conservar a natureza como um todo. Da mesma forma que não existe preservação de uma espécie ameaçada se seu ambiente não estiver protegido, percebemos que o único caminho possível para o sucesso é o trabalho conjunto, onde todas as partes interessadas se beneficiam. Os resultados positivos da SAVE Brasil ao longo dos seus 15 anos de existência se devem a diversos fatores. O Programa do Brasil da BirdLife International foi lançado no início do milênio, na esteira do otimismo com as perspectivas de preservação da natureza que se seguiu à Rio 92. A comunidade conservacionista se uniu buscando soluções conjuntas para os grandes desafios apresentados. Desde o início do nosso

programa, criamos laços fortes e de confiança com organizações nacionais e internacionais, governantes, educadores, pesquisadores, comunidades locais, empresários, investidores, e principalmente com outras pessoas que também se preocupam com as aves e a natureza. Juntos identificamos onde devemos atuar, elaboramos planos de ação, enfrentamos as dificuldades e comemoramos as vitórias, pequenas ou grandes, todas sempre muito valorizadas. Ao final de 2004 nasceu a SAVE Brasil, incorporando as atividades realizadas pelo Programa do Brasil nos quatro anos que a precederam. A nova organização possibilitou o enfrentamento de problemas mais complexos e complicados, como quase sempre é o caso quando se fala em conservação do meio ambiente. Uma equipe formada por pessoas determinadas, comprometidas, íntegras e com conhecimentos sólidos em diversos assuntos fez toda a diferença, e representa até hoje a maior riqueza da SAVE Brasil. Quando o ganho é indireto, ou não muito evidente a curto prazo, os desafios são ainda maiores. Mas maiores também são as conquistas. Encontramos comunidades ávidas por mudanças, acreditando em ações que até nós mesmos não sabíamos possíveis. Especialistas se uniram e generosamente compartilharam informações para identificar as áreas prioritárias para a conservação das aves no país. Uma cidade se encantou com uma espécie de ave cinzenta que era até então desconhecida pela população, e criou mecanismos de proteção e defesa do seu ambiente natural que favoreceram a



todos. Outro vilarejo se maravilhou com a reintrodução de uma ave que habitava as florestas antes dos humanos ocuparem a área. Um estado se comoveu com uma reserva florestal que é uma verdadeira preciosidade e aos poucos revela aos seus cidadãos a riqueza alada escondida no seu interior. Os habitantes de outra cidade sonham juntos com a volta de um símbolo da sua região que foi intensamente capturado para o tráfico de animais silvestres. Produtores rurais de quatro países uniram-se a conservacionistas ao perceberem que poderiam ganhar também com a preservação de campos nativos, essenciais para o ciclo de vida de algumas espécies de aves que não respeitam fronteiras geográficas. E, por fim, todos aprendemos que, ao observar e cuidar das aves na natureza, ampliamos nossos horizontes em todos os sentidos. Esses são apenas alguns exemplos de como a

compaixão, o esforço individual e o sonho coletivo, quando aliados a ações coordenadas baseadas em ciência, podem inspirar pessoas, alterar comportamentos e trazer novos benefícios a todos.

Este livro ilustra o nosso trabalho com espécies raras, ambientes preciosos, pessoas, culturas e tradições singulares. Ele mostra também como podemos manter o nosso propósito e a nossa organização vivos e atuantes, para que o trabalho seja replicado e perene. Esperamos que as 15 histórias de sucesso da SAVE Brasil aqui apresentadas, mesmo que longe de finalizadas, representem um sopro de esperança a todos os seres do planeta.

*Jaqueline Goerck
e Pedro Pereley*



Identificando parceiros

UMA ONG PARA AS AVES DO BRASIL

As aves são importantes indicadores ambientais. Portanto, quando trabalhamos em prol de uma espécie ameaçada, atuamos também para uma melhor qualidade de vida de todas as espécies, incluindo o ser humano

PERIQUITO RICO

(*Brotogeris tirica*)

Família PSITACÍDEOS

papagaios, periquitos e araras

Comprimento 14 cm

Distribuição PE até RS

Grau de ameaça **LC**

Endêmico da Mata Atlântica, habita florestas, áreas abertas, parques e jardins, e é visto frequentemente em bando. Apresenta peito e abdômen levemente amarelados, as penas exteriores são azuis e a cauda é longa e verde-azulada. Sua dieta é constituída de frutas, sementes, larvas de insetos. Enquanto se alimenta, utiliza o bico e os pés para segurar a comida e levá-la até a boca. Constrói ninhos em cavidades de árvores ou nas bainhas de folhas de palmeiras, junto ao tronco.

Quando a bióloga Jaqueline M. Goerck visitou pela primeira vez a Serra do Urubu, um dos últimos enclaves de Mata Atlântica conservados em meio ao agreste nordestino, sua ideia era confirmar se seria verdadeira a informação de que aquela floresta, apontada como importante abrigo para aves raras e ameaçadas de extinção, estava sendo dizimada para virar carvão. Grávida de suas primeiras filhas – gêmeas –, Jaqueline não se intimidou com a distância até Lagoa dos Gatos, em Pernambuco, nem com as más condições dos 10 quilômetros de estrada de terra da cidadezinha até o local. Mas ficou impressionada com a quantidade de carroças carregadas de carvão que cruzaram seu caminho até lá.

Jaqueline avaliou imediatamente que era preciso barrar aquela atividade ilegal o mais rápido possível e, como representante da BirdLife International no Brasil já há alguns anos, sabia que uma das melhores maneiras para isso era a transformação do local em uma unidade de conservação. Apesar da importância da área, seria muito difícil reivindicá-la como parque nacional, e a solução seria comprar a terra e criar uma reserva particular, como a BirdLife International já havia viabilizado em vários outros locais, inclusive no Brasil, deixando

a propriedade e a gestão da área para uma organização parceira local.

O Programa do Brasil da BirdLife International já estava consolidado e em vias de se tornar uma organização não governamental independente voltada à conservação das aves e de seus ambientes naturais. Diante da urgência de conservar e gerir a floresta na Serra do Urubu, em 29 de novembro de 2004 o Programa do Brasil foi transformado na Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil, SAVE Brasil.

AVES EM PERIGO

No final dos anos 1990, a BirdLife International estava preocupada com as aves no Brasil, país com o segundo maior número de espécies no mundo (1919), atrás apenas da Colômbia, mas o primeiro em espécies ameaçadas, com 174 espécies globalmente ameaçadas de extinção, o que representa 12% das aves em risco de desaparecer do planeta. O principal motivo dessa situação foi a destruição da Mata Atlântica, bioma com muitas espécies que só ocorrem ali, ou seja, endêmicas. Nos últimos anos, a Amazônia também tem sido motivo de preocupação.



BIRDFAIR

A British Birdwatching Fair ou Birdfair é um evento anual para observadores de aves, realizado desde 1987 em Rutland Water, na Inglaterra, e tem como objetivo reunir observadores de aves para celebrar a natureza, desenvolver uma feira comercial para a indústria de observação de aves e apoiar projetos internacionais de conservação. A ideia original de uma feira de observadores de aves foi de seus organizadores Tim Appleton e Martin Davies. Atualmente, mais de 24 mil visitantes participam da feira anualmente, e mais de 450 expositores exibem seus produtos, com a BirdLife International e seus parceiros recebendo os lucros de projetos de conservação. Desde o primeiro projeto até os dias atuais, foram levantados cerca de £ 4.679.152 para ajudar a salvar aves e seus habitats na Europa, África, Ásia e América do Sul. A Birdfair atrai expositores de todo o mundo, promovendo negócios tão diversos quanto o ecoturismo, equipamentos ópticos, livros antigos e novos sobre a vida selvagem e produtos para alimentação de aves.

A BirdLife International é uma aliança global de organizações não governamentais com foco na conservação de aves, de seus habitats e da biodiversidade em geral. O formato atual da organização nasceu em 1993, quando o Conselho Internacional para a Preservação das Aves (ICBP, na sigla em inglês), uma das primeiras organizações de conservação do mundo, criada em 1922, decidiu que trabalharia em rede com organizações nacionais para reverter o quadro crítico em que se encontravam as aves no mundo. Com o secretariado em Cambridge, na Inglaterra, a BirdLife International mantém uma sede em cada continente. Na América Latina, fica em Quito, no Equador. Presente em mais de 120 países, as organizações nacionais compartilham objetivos e princípios. Até o final do século passado não havia atuação no Brasil, pois não havia nenhuma organização com as características necessárias para fazer parte da aliança. “Fui para os Estados Unidos em 1992, onde fiz mestrado e doutorado em Ecologia, Evolução e Sistemática na Universidade de Missouri, em Saint Louis, onde existe o Centro Internacional para a Ecologia Tropical. Na mesma década, a BirdLife International havia editado uma publicação sobre as Áreas-chave para a Conservação das Aves nas Américas, e incluiu a área onde realizei o trabalho para o meu mestrado – o Pico do Corcovado, em Ubatuba”, conta Jaqueline. “Quando terminei o doutorado, em 1999, voltei para o Brasil bem na época em que a BirdLife International queria começar a atuar no país.” A BirdFair, do Reino Unido, parceira da BirdLife International, doou recursos para a conservação da Mata Atlântica, e com isso um orçamento foi destinado para começar o trabalho no país. “Como não conheciam nenhuma organização brasileira para fazer parte da

aliança, me convidaram para promover consultas a ornitólogos e conservacionistas para mapear possíveis ONGs parceiras e projetos. Ao final do processo, como não encontramos nenhuma organização com perfil para representar a BirdLife International – o principal requisito era que tivesse associados e que trabalhasse com foco em aves –, me propuseram desenvolver o Programa do Brasil da BirdLife International.”

Embora atuar em uma ONG não estivesse em seus planos, Jaqueline sempre se interessou por conservação. A opção por estudar as aves já durante seu curso de Biologia na Universidade de São Paulo teve essa motivação. “Ainda na graduação comecei a trabalhar com anilhamento e a ter contato direto com os bichos que caem na rede. O incrível é fazer ciência em contato direto com a natureza. Passei a observar aves e, no mestrado, a aprender seus cantos. Estudei a diversidade de aves do Parque Estadual da Serra do Mar, ao longo da trilha que leva ao Pico do Corcovado, em Ubatuba, a partir das diferentes altitudes. O interesse foi crescendo e, no meu doutorado, sobre ecologia de um grupo de aves, viajei muito pelo Brasil, e vi muitas áreas sendo destruídas”, diz.

INÍCIO DOS PROGRAMAS

O primeiro escritório do programa era um quatinho dos fundos da casa da mãe de Jaqueline, onde só ela trabalhava. “Comecei a entrar em contato com ONGs de áreas que haviam sido indicadas como prioritárias para a conservação de aves nos *workshops* que realizamos, onde não havia ninguém atuando diretamente. Entre elas estavam a Sociedade Nordestina de Ecologia (SNE), para a região de Murici, em Alagoas, e o Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia (Iesb), para a Serra das

Dentro do espírito que norteia a Birdlife International, a articulação em rede talvez seja um dos projetos de maior sucesso da SAVE Brasil. Jaqueline e Pedro sempre buscaram as parcerias e a participação da sociedade para guiar a organização

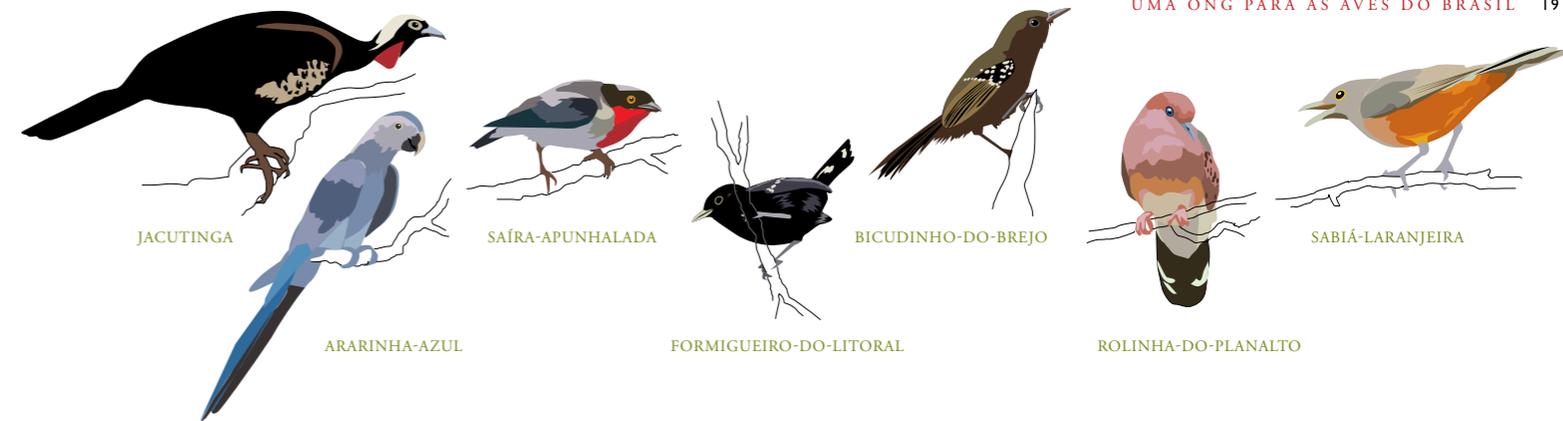
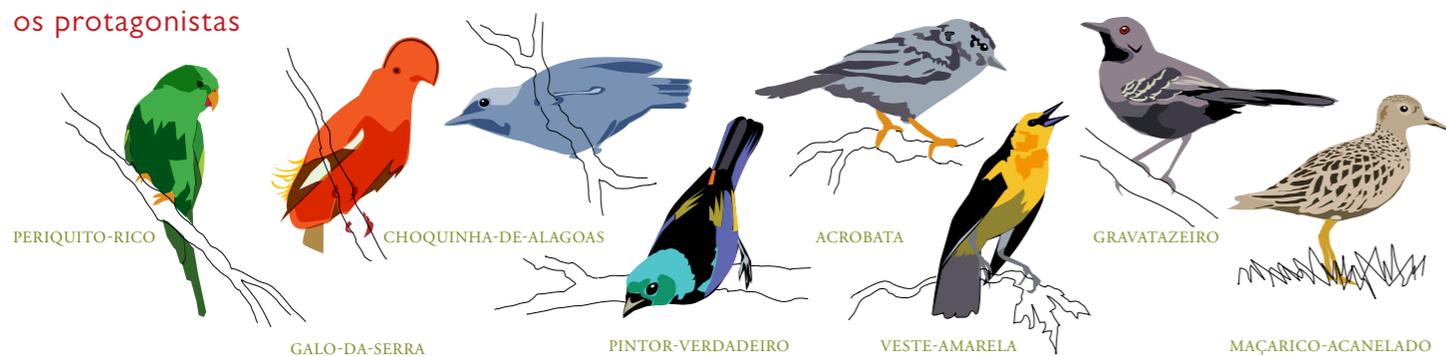
Lontras”, lembra a bióloga. Encontrar parceiros locais que possam participar dos projetos é um dos princípios da metodologia da BirdLife International, cuja atuação se baseia na produção de dados sobre as Áreas Importantes para a Conservação das Aves e da Biodiversidade e em conseguir recursos para a preservação das mais ameaçadas entre elas. Os principais resultados nesses dois primeiros projetos foram a criação, em 2001, da Estação Ecológica de Murici, e a assinatura, em 2004, do Pacto Murici com as maiores organizações ambientalistas do país, além da criação, em 2010, do Parque Nacional da Serra das Lontras. “Uma característica importante de todos os nossos projetos, tanto os iniciados ainda pelo Programa do Brasil da BirdLife quanto os atuais, que já começaram na SAVE Brasil, é que é preciso ter ação em campo, pé na lama, e evitar sobreposições: se já há outras organizações trabalhando na área, procuramos outros locais importantes para a causa das aves nos quais ninguém esteja atuando”, conta Pedro Devey, diretor executivo da SAVE Brasil. “Normalmente isso acontece em lugares difíceis, onde é preciso primeiro um trabalho de apaziguamento.” Também biólogo, com mestrado e doutorado pela Universidade de São Paulo (USP) em Ecologia de Aves, Devey

acompanhou a chegada da BirdLife International ao Brasil desde o início e começou a atuar como colaborador em 2004, do Brasil. “Estava voltando de um ano na Amazônia e também trabalhando com aves de Mata Atlântica, tema do meu doutorado, quando caí no mundo das ONGs, com o convite para trabalhar na SAVE Brasil. Soube que, em um mês, iria para os Estados Unidos para uma reunião no Banco Mundial para negociar apoio a um novo projeto no sul do Brasil. Conheci um mundo novo e me encontrei, pois nele a boa capacidade de articulação conta muito. A pessoa do banco com quem fui falar era o Michael Carroll, que hoje é nosso consultor no projeto de conservação do Pampa no Rio Grande do Sul”, diz. A equipe, na época, era formada por apenas três pessoas, a publicitária Priscila Napoli, Jaqueline e Pedro. Com Jaqueline grávida, Pedro teve que rapidamente se envolver em todos os projetos, ainda mais que, após a licença-maternidade, a então diretora presidente da SAVE Brasil passou a trabalhar meio período. O que não significou pouca atuação: “com a criação da SAVE Brasil, fui fazer curso sobre gestão e, aos poucos, fomos desenvolvendo outros projetos. A confiança que a BirdLife depositou em mim foi o que me fez ir em frente”, lembra Jaqueline. Para Pedro, esse início foi bem desafiador: “Com o afastamento da Jaqueline, assim que suas filhas nasceram, tive que conciliar a finalização do meu doutorado com a gestão de todos os projetos da SAVE Brasil. Não foi fácil, mas deu certo, e hoje olho com muito orgulho para tudo que foi construído. Da mesma forma que a BirdLife confiou na Jaqueline, ela por sua vez confiou em mim para tocar a organização.

INDICADORES DE QUALIDADE AMBIENTAL

A avifauna de uma região é um importante indicador de qualidade ambiental. Por meio de sua observação é possível conhecer suas características, seu estado de conservação e serviços ambientais prestados, como a qualidade da água e do ar e a regulação do clima, entre outros. Elas têm a vantagem de ser facilmente amostradas (vocalizações, cores e formas) por meio de técnicas simples e de baixo custo. Mudanças no *status* de conservação e na distribuição das espécies podem ser facilmente rastreados. Monitoramentos realizados ao longo das últimas quatro décadas pela Audubon Society, representante da BirdLife International nos Estados Unidos, revelaram que 58% das espécies de aves migratórias mudaram significativamente suas áreas de invernagem em direção ao norte, algumas delas em centenas de quilômetros, o que foi posteriormente atribuído às mudanças climáticas.

os protagonistas



ENTENDER A MENSAGEM DAS AVES É NOSSA MISSÃO

“As aves são indicadores ambientais porque, por meio delas, conseguimos entender o ambiente; elas são mensageiras. Quando detectamos o desaparecimento de uma espécie, entendemos que aquela área precisa de atenção para evitar que outras espécies sigam o mesmo rumo. Na Reserva Pedra D’Anta, comprada pela SAVE Brasil na Serra do Urubu em 2004, ocorria o limpa-folha do Nordeste. Possivelmente chegamos tarde demais para a espécie, que não é vista desde 2011. Em compensação, o pintor-verdadeiro, que não era mais visto por ali, reapareceu em 2018, e outras aves ameaçadas tiveram aumentos populacionais significativos. Quando trabalhamos em prol de uma espécie ameaçada, na verdade atuamos também para manter a integridade do ambiente, o que é fundamental para a sobrevivência de todas as espécies que ali ocorrem. A existência de unidades de conservação de proteção integral ainda é a melhor estratégia para manter a biodiversidade. Contar com uma espécie emblemática ajuda no engajamento local e no entendimento da importância da conservação dos habitats.”
Pedro Develey, diretor executivo da SAVE Brasil

IDENTIFICAÇÃO DE ÁREAS IMPORTANTES

Contando com total apoio da BirdLife International, que durante os primeiros anos foi responsável pelos recursos para as atividades, a SAVE Brasil começou pequena. Enquanto mantinha os projetos de campo, com outros sendo acrescentados, como Boa Nova, na Bahia, a organização deu continuidade, ainda, ao projeto de identificação das Áreas Importantes para a Conservação das Aves e da Biodiversidade no Brasil, conhecidas como IBAs, que havia começado pelo bioma Mata Atlântica também no início dos anos 2000. “Essas áreas foram identificadas em um esforço colaborativo de cientistas e conservacionistas. Nossa postura voltada para um fazer coletivo estimulou a participação”, afirma a bióloga. Após a identificação das IBAs, foram levantadas as prioridades de atuação, e a metodologia de campo da BirdLife International foi adaptada para o Brasil. Isso aconteceu a partir do projeto em Boa Nova, onde uma floresta de transição de Caatinga e Mata Atlântica é o único refúgio do gravatazeiro, pássaro ameaçado de extinção.

METODOLOGIA

Os projetos de campo desenvolvidos pela SAVE Brasil são inspirados em uma metodologia desenvolvida por David Wege, da BirdLife International, para atuar no

Vietnã. Nela, após a identificação de uma área importante para a conservação de uma ou mais espécies ameaçadas, é realizado um estudo de viabilidade a partir de um grande diagnóstico. Por meio de estudos de campo, realização de *workshops* com especialistas e entrevistas com atores locais, é produzido um levantamento sobre a comunidade que mora na região, se é rural ou urbana, sua estrutura sociopolítica e econômica, se existem empresas e de quais setores, atividades de turismo e unidades de conservação. Também é mapeada a localização da população de aves que se quer conservar. O levantamento ajuda a entender a situação da área, quem é seu dono, quais são os vetores de ameaças e como o processo pode ser revertido. A população local é engajada desde o início, colaborando na identificação do que precisa ser feito e já se comprometendo com a realização. “Em vários casos, a criação de uma unidade de conservação é um caminho a ser seguido. Temos tido bons resultados porque costumamos levar ao governo soluções, com o envolvimento da comunidade e de outras ONGs, com conflitos já resolvidos”, diz Jaqueline. Em outros casos, ou paralelamente, o caminho é o trabalho com produtores rurais e governos locais, sempre aliado a programas de educação ambiental. “Procuramos pessoas da comunidade com alguma sensibilidade, que se envolvam no

trabalho e gerem confiança nos moradores. Nunca chegamos impondo soluções; vamos com cuidado, principalmente porque nossa ideia não é permanecer na área para sempre. Em Boa Nova e Serra das Lontras já não estamos mais. Com a criação das áreas de conservação e o engajamento, a própria comunidade se responsabiliza. No norte do Rio de Janeiro, a criação do Parque Estadual Costa do Sol garantiu a conservação de 90% do habitat do formigueiro-do-litoral. A ave mudou de categoria e passou a ser menos ameaçada. Assim, podemos redirecionar nossos esforços para novas áreas e espécies com problemas de conservação mais emergenciais. Os recursos são sempre limitados e a priorização é necessária”, diz Pedro.

AVE COMO SÍMBOLO

A utilização de uma ave como motor para a conscientização ambiental e o engajamento da população na conservação é um dos grandes trunfos para o sucesso da SAVE Brasil. Animais que despertam admiração conseguem rapidamente ganhar a simpatia e a solidariedade dos moradores, que passam a se identificar e a se sentir responsáveis por seus pequenos vizinhos, que, em muitos casos, só existem ali. Isso acontece até quando a espécie já está extinta na natureza, como é o caso da ararinha-azul, cuja perspectiva de reintrodução, na Caatinga baiana, mobiliza os moradores a manter um

“Procuramos pessoas da comunidade com alguma sensibilidade, que se envolvam no trabalho e gerem confiança nos moradores. Nunca chegamos impondo soluções.”

ambiente propício para recebê-la quando for o momento. Formado por cerca de 10 mil espécies no mundo, o grupo das aves compõe um vasto universo de cores, formas e cantos. Belas e inspiradoras, têm valor econômico, cultural, étnico e espiritual para povos em todo o mundo. Além disso, são excelentes indicadores da qualidade do ambiente, funcionando como detectores de mudanças na saúde e condições de um ecossistema. Uma situação favorável ou não para as aves geralmente reflete uma situação semelhante para outros grupos de animais, inclusive as pessoas. É por isso que, uma vez mobilizadas por uma espécie, comunidades passam também a compreender os desafios ambientais e se tornam mais dispostas a mudar hábitos necessários para a conservação de uma área e até para a continuidade de vida no planeta. Caçadores se transformam em observadores de aves, desmatadores se tornam restauradores de florestas ou guias turísticos.

REMANESCENTES DA MATA ATLÂNTICA

A Mata Atlântica foi o primeiro bioma a ser profundamente alterado pelos colonizadores europeus. Assim, a forte ocupação significou a alteração de grande parte de seus ambientes naturais, de modo que a floresta remanescente chegou a representar apenas 11% da floresta original. Felizmente, devido a programas de restauração florestal e cálculos mais precisos, estudos recentes concluíram que atualmente os remanescentes de Mata Atlântica representam 28% da cobertura original. É importante considerar que uma parte significativa dessas florestas remanescentes são matas secundárias, e portanto não representam habitat adequado para muitas das aves ameaçadas do bioma. Mas a notícia da recuperação é fato a ser celebrado.

A LISTA VERMELHA DE ESPÉCIES AMEAÇADAS

Lista em escala global, elaborada pela IUCN, sigla em inglês para União Internacional para Conservação da Natureza, avalia o estado de conservação das espécies por mais de quatro décadas.

A BirdLife International é a autoridade em aves para a Lista Vermelha da IUCN, que divide as espécies em categorias:

- (EX) Extinta
- (EW) Extinta na Natureza
- (CR) Criticamente Ameaçada
- (EN) Em Perigo
- (VU) Vulnerável
- (NT) Quase Ameaçada
- (LC) Pouco Preocupante
- (DD) Deficiente em Dados

PRÊMIO RECEBIDO

Prêmio Muriqui (2014), concedido pelo Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Reconheceu o trabalho da SAVE Brasil pela conservação das aves no país.

A união da população em prol de uma ave dá uma sensação de pertencimento à comunidade e oportunidades econômicas. A eventual chegada de turistas para observação de aves ou por conta da criação de uma unidade de conservação acaba refletindo na economia local. “Em Boa Nova, mesmo o gravatazeiro, um bichinho pequeno e cinza, mexeu com os sentimentos da população, por só eles terem aquela ave, ativando o orgulho e a participação dos moradores”, diz Jaqueline.

CONSOLIDAÇÃO

Nos quinze anos de atuação da SAVE Brasil, a organização cresceu e se consolidou, ajudando a criar várias unidades de conservação e redes de proteção que beneficiaram diretamente cerca de 50 espécies de aves ameaçadas no país. As atividades desenvolvidas pela ONG abrangem todo o Brasil, com vários projetos de campo nos biomas Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pampa. Atualmente são 26 colaboradores diretos, sem contar parceiros, estagiários e voluntários, atuando em sete sedes: São Paulo (SP), Brasília (DF), Lagoa dos Gatos (PE), Botumirim (MG), Ouroeste (SP), São José dos Campos (SP) e Natal (RN), além de equipes de campo no Rio Grande do Sul e Pernambuco.

Além disso, a SAVE Brasil conta com um Conselho Deliberativo para o qual foram convidadas pessoas-chave que podem colaborar com a organização.

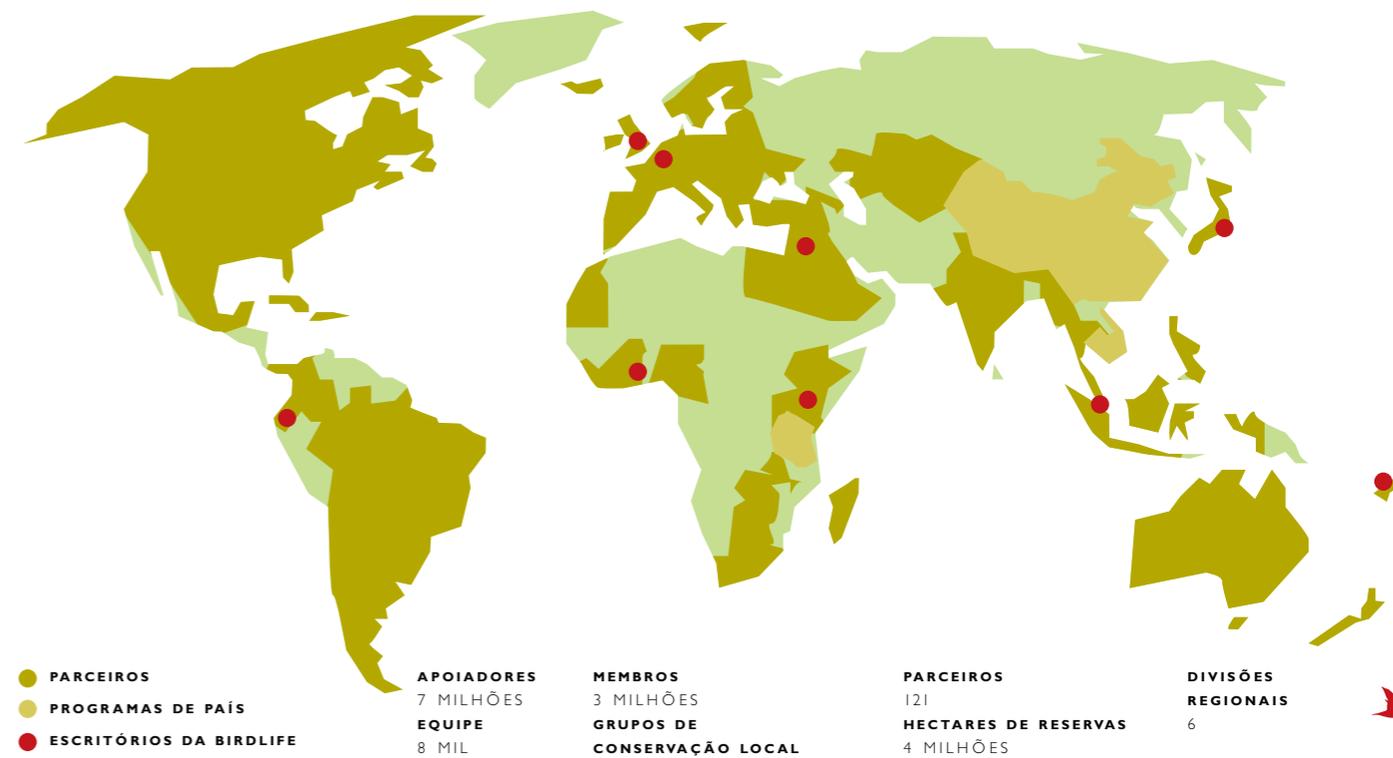
“O Conselho é muito ativo e nos desafia. O almirante Ibsen Câmara sempre apoiou o nosso trabalho e contribuiu muito logo no início da SAVE Brasil, assim como o dr. Marcos Kisil, sócio-fundador, e Malu Nunes, que fazem parte do Conselho há muitos anos. Braulio Ferreira de Souza Dias, atual presidente da BirdLife International, também faz parte”, diz

Jaqueline, que atualmente é presidente do Conselho Deliberativo da SAVE Brasil. Nas próximas páginas, contamos outras 14 histórias incríveis que mostram como e por que a SAVE Brasil se tornou a ONG das aves no país.

“Dentro do espírito que norteia a Birdlife International, a articulação em rede talvez seja um dos projetos de maior sucesso da SAVE Brasil. Materializada pelo Conselho Deliberativo, pelo programa de sócios, além dos amigos da SAVE Brasil, essa perspectiva impede que a organização seja uma ONG personalista. Mesmo tendo iniciado a partir de duas pessoas, Jaqueline e Pedro, eles sempre buscaram que as parcerias e a participação da sociedade guiassem a organização. Ao longo dos anos, o Conselho tem contribuído com esse processo.

A necessidade de seguir as orientações e prestar contas ao Conselho permitiu o crescimento da SAVE Brasil e legitimou a sua relevância. A participação dos sócios – pessoas que colaboram com a instituição – na assembleia anual é mais um passo importante. Assim, a SAVE Brasil consegue praticar o conceito de atuação em rede, pois pretende fazer da conservação um trabalho coletivo.”

Guto Carvalho, profissional de comunicação, idealizador do Avistar e vice-presidente do Conselho Deliberativo da SAVE Brasil



A RIQUEZA E A COMPOSIÇÃO DAS AVES INDICAM O GRAU DE CONSERVAÇÃO DO AMBIENTE



ESPÉCIES DE AVES AMEAÇADAS BENEFICIADAS PELO TRABALHO DA SAVE BRASIL

ATUAÇÃO DA SAVE BRASIL 2004-2019

-  CRACIDAE
-  ANATIDAE
-  ACCIPITRIDAE
-  COLUMBIDAE
-  TROCHILIDAE
-  PICIDAE
-  PSITTACIDAE
-  THAMNOPHILIDAE
-  FURNARIIDAE
-  PIPRIDAE
-  COTINGIDAE
-  PLATYRINCHIDAE
-  RHYNCHOCYCLIDAE
-  TYRANNIDAE
-  ICTERIDAE
-  THRAUPIDAE
- FRINGILLIDAE

FAMÍLIA	IUCN	ESPÉCIE	NOME COMUM
Cracidae	VU	<i>Penelope jacucaca</i>	jacucaca
	EN	<i>Aburria jacutinga</i>	jacutinga
	CR	<i>Ortalis remota*</i>	aracua
Anatidae	EN	<i>Crax blumenbachii</i>	mutum-de-bico-vermelho
	CR	<i>Mergus octosetaceus</i>	pato-mergulhão
Accipitridae	EN	<i>Leptodon forbesi</i>	gavião-gato-do-nordeste
Columbidae	CR	<i>Columbina cyanopis</i>	rolinha-do-planalto
Trochilidae	EN	<i>Thalurania watertonii</i>	beija-flor-de-costas-violetas
Picidae	VU	<i>Celeus obrieni</i>	pica-pau-do-Parnaíba
	EN	<i>Anodorhynchus leari</i>	arara-azul-de-lear
Psittacidae	CR	<i>Cyanopsitta spixii</i>	ararinha-azul
	VU	<i>Pyrrhura cruentata</i>	tiriba-grande
	VU	<i>Touit surdus</i>	apuim-de-cauda-amarela
Thamnophilidae	EN	<i>Amazona vinacea</i>	papagaio-de-peito-roxo
	VU	<i>Amazona pretrei</i>	papagaio-charão
	CR	<i>Terenura sicki</i>	zidedê-do-nordeste
Furnariidae	VU	<i>Myrmotherula minor</i>	choquinha-pequena
	VU	<i>Myrmotherula urosticta</i>	choquinha-de-rabo-cintado
	CR	<i>Myrmotherula snowi</i>	choquinha-de-Alagoas
Furnariidae	CR	<i>Formicivora paludicola</i>	bicudinho-do-brejo-paulista
	EN	<i>Myrmoderus ruficauda</i>	formigueiro-de-cauda-ruiva
	EN	<i>Rhopornis ardesiacus</i>	gravatazeiro
Furnariidae	EN	<i>Automolus lammi</i>	barraqueiro-do-nordeste
	CR	<i>Philydor novaesi</i>	limpa-folha-do-nordeste
	CR	<i>Cichocolaptes mazarbarnetti</i>	trepador-do-nordeste
Pipridae	EN	<i>Synallaxis infuscata</i>	tatac
	VU	<i>Acrobatornis fonsceai</i>	acrobata
	VU	<i>Neopelma aurifrons</i>	fruxu-baiano
Cotingidae	CR	<i>Antilophia bokermanni</i>	soldadinho-do-Araripe
	VU	<i>Carpornis melanocephala</i>	sabiá-pimenta
	VU	<i>Procnias nudicollis</i>	araponga
Platyrrhynchidae	VU	<i>Xipholena atropurpurea</i>	bacacu-de-asa-branca
	VU	<i>Platyrrinchus leucoryphus</i>	patinho-de-asa-castanha
	EN	<i>Phylloscartes beckeri</i>	borboletinha-baiana
Rhynchocyclidae	CR	<i>Phylloscartes ceciliae</i>	cara-pintada
	VU	<i>Hemitriccus mirandae</i>	maria-do-nordeste
	VU	<i>Hemitriccus furcatus</i>	papa-moscas-estrela
Tyrannidae	VU	<i>Culicivora caudacuta</i>	papa-moscas-do-campo
	VU	<i>Xolmis dominicanus</i>	noivinha-de-rabo-preto
	VU	<i>Anumara forbesi</i>	anumará
Icteridae	VU	<i>Xanthopsar flavus</i>	veste-amarela
	VU	<i>Tangara fastuosa</i>	pintor-verdadeiro
	VU	<i>Tangara peruviana</i>	saíra-sapucaia
Thraupidae	CR	<i>Nemosia rourei</i>	saíra-apunhalada
	EN	<i>Conothraupis mesoleuca</i>	tiê-bicudo
	VU	<i>Sporophila frontalis</i>	pioxó
Fringillidae	EN	<i>Sporophila palustris</i>	caboclinho-de-papo-branco
	VU	<i>Sporophila cinnamomea</i>	caboclinho-de-chapéu-cinzento
	VU	<i>Spinus yarrellii</i>	pintassilgo-do-nordeste

*EM PROCESSO DE VALIDAÇÃO



ONDE DEVEMOS PRIORIZAR ESFORÇOS?

O conhecimento científico é fundamental para estabelecer prioridades em um país como o Brasil, com dimensões continentais, megadiverso, mas que abriga a maior quantidade de espécies de aves ameaçadas

Segundo país com o maior número de espécies de aves e primeiro em quantidade de espécies ameaçadas, o Brasil se tornou foco da rede BirdLife International no final dos anos 1990, quando a aliança tomou a decisão de atuar no país. Seminários organizados com os especialistas locais indicaram espécies e áreas importantes de serem conservadas, permitindo o início dos trabalhos. Mas era necessário mapear onde estavam essas espécies e quantas eram as áreas em todos os biomas brasileiros, conforme o Programa Áreas Importantes para a Conservação das Aves e da Biodiversidade (Important Bird and Biodiversity Areas – IBAs, na sigla em inglês), como determina a estratégia mundial da BirdLife International. O objetivo das IBAs é identificar, monitorar e proteger uma rede de áreas críticas para as aves e a biodiversidade em geral, e foi um dos primeiros projetos do Programa do Brasil da BirdLife, iniciado em 2000, incorporado pela SAVE Brasil a partir de sua criação em 2004. A iniciativa resultou nos livros *Áreas Importantes para a Conservação das Aves no Brasil: Parte 1 – Estados do Domínio da Mata Atlântica*, publicado em 2006, e *Parte 2 – Amazônia, Cerrado e Pantanal*, de 2009. Segundo o ornitólogo Glayson Ariel Bencke,

identificar as IBAs coloca os holofotes da conservação nas aves mais importantes, impedindo que passem despercebidas, e ajuda na tomada de decisão de proteger ou não uma determinada área. O mapeamento das IBAs nos diversos biomas brasileiros realizado pela SAVE Brasil é uma ferramenta prática que vem sendo utilizada por órgãos públicos, privados, comunidades científicas e sociedade civil para subsidiar investimentos, projetos e campanhas de conservação.

PROCESSO PARTICIPATIVO

Pesquisador do Museu de Ciências Naturais, ligado à Secretaria de Meio Ambiente do Rio Grande do Sul, Glayson foi convidado para ser um dos organizadores da primeira parte do projeto, que incluía 15 estados brasileiros onde há Mata Atlântica: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe, excluindo Mato Grosso do Sul. O cadastro, porém, incluiu todos os biomas presentes nesses estados, contemplando, assim, também a Caatinga, o Pampa e parte do Cerrado. A Mata Atlântica foi priorizada, por ser o lugar no

GALO-DA-SERRA

(Rupicola rupicola)

Família COTINGÍDEOS

arapongas, pavós, crejoás

Comprimento 28 cm

Distribuição RR e AM

Grau de ameaça **LC**

Uma das aves mais belas do continente americano, habita as escarpas cobertas de florestas, come frutos, além de caçar insetos, lagartixas e rãs. O macho é laranja e a fêmea marrom-escuro. O ritual para escolha dos pares é um espetáculo. Os machos se reúnem próximos a maciços rochosos para se exibir individualmente para as fêmeas (cada um em uma “arena” isolada). O ninho é feito de lama, gravetos, fibras e resinas vegetais, e é instalado em fendas úmidas de penhascos rochosos e entradas de grutas, geralmente localizadas próximas a um curso d’água. A fêmea realiza sozinha a construção do ninho, a incubação dos ovos e a alimentação da prole.



qual há mais espécies ameaçadas e maior quantidade de informação disponível. “Eu tinha terminado o mestrado recentemente quando a Jaqueline Goerck me convidou para o desafio. Fui para São Paulo conversar com ela e imediatamente enviado para um treinamento no México, no qual participaram representantes de vários países com muita diversidade de espécies de aves que ainda não tinham delimitado as IBAs. Além da participação da Jaqueline e do Pedro Develey, também convidei o Giovanni Maurício, outro ornitólogo aqui do Rio Grande do Sul, para ajudar na compilação de dados. Nos debruçamos sobre um grande volume de informações sobre espécies ameaçadas e migratórias no Brasil. Mas havia falta de base de dados, que tivemos de formar”, conta Glayson.

O ornitólogo conta que foi formada uma rede de consulta a especialistas do Brasil e do exterior, que colaboraram para um levantamento rigoroso. “A participação dos especialistas foi fundamental para a consolidação de dados onde não tínhamos informações. Eles foram generosos, dedicando tempo e esforço nos levantamentos, a partir da confiança que a BirdLife International inspirava: foram essenciais para que as IBAs refletissem a realidade. Eram tantos dados que o Excel, na época, não conseguia manipular essa quantidade de informação, e tivemos que dividir as planilhas.”

O resultado da primeira parte do trabalho foi lançado durante a Reunião da Convenção da Biodiversidade da Organização das Nações Unidas realizada em Curitiba, em 2006. A segunda parte, dedicada aos demais estados (Acre, Amapá, Amazonas, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins) abarcou os biomas Amazônia, Cerrado e

“Esse trabalho foi uma experiência colaborativa: permitiu colocar a ciência a serviço da conservação, criar elos entre cientistas e disponibilizar informação. Até hoje vejo as IBAs consideradas em iniciativas de secretarias de Estado e licenciamentos ambientais. Contribuíram para a conservação de várias áreas importantes.”

Pantanal, com algumas IBAs incluindo partes de outros estados, caso de Piauí e Ceará. Essa nova edição contou com André C. de Luca na organização, além de Glayson, Pedro e Jaqueline. No Brasil, foram identificadas 237 IBAs. No mundo, são 12 mil até o momento, em duzentos países. As Nações Unidas reconhecem as IBAs como indicador-chave dentro dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio com a finalidade de garantir a sustentabilidade ambiental. Grande parte da metodologia das IBAs é utilizada na determinação das Áreas-Chave de Biodiversidade (Key Biodiversity Areas, KBA na sigla em inglês), uma iniciativa da BirdLife International em parceria com a União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) e outras organizações.





Áreas Importantes
para a Conservação
das Aves no Brasil:
Parte 2 – Amazônia,
Cerrado e Pantanal

IBA TABOCAIS

A maior IBA do mundo, Tabocais, está no Brasil e ocupa parte dos estados do Acre e Amazonas. Tem 7,3 milhões de hectares e abriga uma espécie de ave ameaçada de extinção, a maracanã-de-cabeça-azul (*Primolius couloni*). A menor IBA do Brasil fica em Pernambuco. Denominada Mata do Estado, tem apenas 600 hectares e abriga sete espécies de aves ameaçadas de extinção.

IBAS E A CRIAÇÃO DE UCS

Um dos objetivos da identificação das IBAs é promover medidas práticas de conservação nessas áreas prioritárias, como por exemplo a criação de áreas protegidas. Desde a identificação das IBAs dos estados da Mata Atlântica em 2006 e posteriormente da Amazônia, Cerrado e Pantanal em 2009, um total de 348 áreas protegidas públicas de proteção integral e RPPNs (reservas particulares) foram criadas nas áreas das IBAs ou arredores, representando 2 milhões e 450 mil hectares de habitats chave para as aves conservadas.

FORAM IDENTIFICADAS 237 IBAS EM TODO O PAÍS

- 69% das áreas (163 IBAs) localizadas no Domínio Mata Atlântica.
- 31% das áreas (74 IBAs) situadas na Amazônia, Cerrado e Pantanal.
- 83% das espécies de aves ameaçadas de extinção no Brasil ocorrem no domínio da Mata Atlântica.
- 11% do território brasileiro é coberto por IBAs (94 milhões de hectares).

Áreas Importantes
para a Conservação
das Aves no Brasil:
Parte 1 – Estados do
Domínio da Mata Atlântica

BIODIVERSIDADE NO BRASIL

GRUPO NÚMERO TOTAL

FAUNA

Aves	1919
Mamíferos	720
Répteis	764
Anfíbios	1024
Peixes	4802

FLORA

Angiospermas	32292
Gimnospermas	29

O Brasil está entre os três países do mundo com maior número de espécies de aves, juntamente com Colômbia e Peru. Mas é o primeiro país no mundo em número de aves ameaçadas (176).

BIOMA ESPÉCIES ESPÉCIES AMEAÇADAS

Amazônia	1300	58
Mata Atlântica	891	87
Cerrado	837	49
Caatinga	510	24
Pantanal	582	9
Pampa	578	13
Zonas Costeiras	130	13

Murici, zona da mata alagoana

UM PACTO PELA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE

Abrigo de 14 espécies de aves globalmente ameaçadas, Murici foi palco da descoberta de cinco espécies novas para a ciência

CHOQUINHA-DE-ALAGOAS

(Myrmotherula snowi)

Família THAMNOFILÍDEOS

chocas, papa-formigas, chororós

Comprimento 9,5 cm

Distribuição PE e AL

Grau de ameaça CR

Endêmica das matas ao norte do rio São Francisco, a choquinha-de-Alagoas vive em áreas montanhosas com mais de 500 metros de altitude. A espécie só foi encontrada em quatro localidades em Alagoas e Pernambuco. Está classificada na categoria mais crítica de ameaça por conta da redução e fragmentação de seu habitat, cuja recuperação é a esperança para sua permanência na natureza, o que pode ser feito por meio da criação de unidades de conservação. O macho é completamente cinza, e a fêmea tem plumagem predominantemente marrom. Costuma procurar alimentos aos pares na vegetação do sub-bosque. Alimenta-se de artrópodes (aranhas e insetos) capturados em folhas secas ou na folhagem ainda verde. Há poucos estudos sobre a choquinha-de-Alagoas, que pode se associar a bandos mistos, formados por diferentes espécies de aves.

Dorinha, a arquiteta Maria das Dores Melo, trabalhava em seu escritório na Sociedade Nordestina de Ecologia (SNE), em Recife, quando vieram avisar que havia uma “mocinha” na recepção insistindo em falar com ela por conta de um estudo. Mesmo ocupada, a presidente da SNE resolveu atender à “estudante”, que na verdade era a bióloga Jaqueline Goerck, do recém-criado Programa do Brasil da BirdLife International.

“Jaqueline me disse que a floresta de Murici, em Alagoas, estava correndo risco, que tinha recursos e procurava uma organização nordestina para fazer o diagnóstico da área. Isso não acontece todos os dias na vida de uma dirigente de ONG cujo maior desafio é conseguir fundos para cumprir sua missão. Assim, ficamos felizes em participar. Tínhamos na SNE uma geógrafa e um botânico; fizemos um levantamento de cartório e um sobrevoo para ver o que era possível fazer com a área”, conta Dorinha. Localizada na Zona da Mata Alagoana, a 50 km de Maceió, Murici é um dos mais importantes redutos de avifauna do Centro de Endemismo Pernambucano, porção da Mata Atlântica localizada ao norte do rio São Francisco. Um dos últimos remanescentes do bioma no interior nordestino, já aparecia

como uma das áreas mais importantes para conservação em levantamentos desde o início dos anos 1990, e foi uma das principais responsáveis pela criação do Programa do Brasil da BirdLife International.

“A BirdFair, evento anual organizado pela Leicestershire & Rutland Wildlife Trust e pela Royal Society for the Protection of Birds (RSPB), representante da BirdLife no Reino Unido, que define e arrecada recursos para projetos prioritários, elegeu Murici como foco no ano de 1998, quando ainda não existia um projeto da BirdLife International na área. Como a Mata Atlântica já era considerada pela maioria dos ornitólogos que trabalham com conservação a floresta mais crítica para conservação no mundo, todo o recurso levantado pela feira foi ‘carimbado’ para o Brasil. Esse recurso bancou a consultoria inicial que fiz para a organização e todos os gastos para primeiros projetos no país, incluindo o de Murici”, conta Jaqueline, atual presidente do Conselho Deliberativo da SAVE Brasil.

Segundo Jaqueline, além dos recursos, a BirdLife International também mobilizou, por meio de sua aliança de parceiros, apoio internacional para a causa. Vinte e uma organizações enviaram cartas de apoio à conservação de Murici diretamente ao

AMBIENTE

- Mata Atlântica do nordeste do Brasil (AL)
- Centro de Endemismo Pernambuco

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Ação internacional integrada liderada pela BirdLife International que resultou no envio ao MMA de cartas de 21 países em apoio à Murici
- Criação da ESEC de Murici, com 6131 hectares, em 2001
- União de ONGs nacionais e internacionais que resultaram no Pacto Murici



Atividade de observação de aves com escolas

presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), o que colaborou para mostrar a relevância mundial de Murici e reforçar a importância da criação de uma unidade de conservação no local.

Abrigo de 14 espécies de aves globalmente ameaçadas, Murici foi palco da descoberta de cinco espécies novas para a ciência: a criticamente ameaçada choquinha-de-Alagoas (*Myrmotherula snowi*), duas infelizmente já extintas, o limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*) e o gritador-do-nordeste (*Cichlocolaptes mazarbarnetti*) e duas espécies em perigo, o zidedê-do-nordeste (*Terenua sicki*) e o cara-pintada (*Phylloscartes ceciliae*). Mas o desmatamento, a caça, a falta de governança e a instalação de acampamentos e assentamentos próximos ameaçavam essa floresta.

O levantamento realizado pela SNE em 2000 confirmou que a área era propriedade de políticos influentes que, procurados, deixaram clara a falta de interesse em colaborar com sua conservação. Felizmente, a acolhida foi melhor no Ministério do Meio Ambiente, onde José Pedro de Oliveira Costa, um dos fundadores da SOS Mata Atlântica, era o secretário de Biodiversidade e Florestas. Nessa sua primeira gestão à frente da Secretaria, entre 1999 e 2002, Costa ajudou a criar várias unidades de conservação. Uma delas foi a



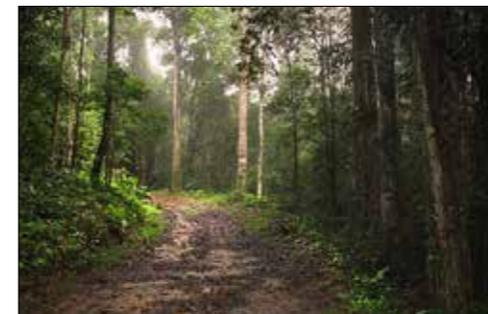
Oficina de desenho com crianças de Murici

Estação Ecológica (ESEC) de Murici, em 2001, com 6131 hectares.

ARTICULAÇÃO POR MURICI

A mobilização que permitiu a criação da estação ecológica em tão curto espaço de tempo foi capitaneada por Jaqueline, em São Paulo e Brasília, e envolveu outras organizações, como WWF-Brasil, The Nature Conservancy (TNC), Conservação Internacional, Fundação SOS Mata Atlântica e Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, entre outras. “Rapidamente criamos um conselho para a unidade de conservação e começamos a atuar”, lembra Dorinha. A primeira ação foi fazer o levantamento da avifauna, com o envio de ornitólogos para a área. A BirdLife International forneceu um veículo para o trabalho.

Uma grande articulação foi formada para viabilizar o projeto de conservação de Murici, e em maio de 2004 foi assinado o Pacto Murici, em uma cerimônia no Senado Federal, uma aliança inédita com a participação de oito das maiores organizações ambientalistas do país: BirdLife/SAVE Brasil, Centro de Estudos e Pesquisas Ambientais do Nordeste, Conservação Internacional (CI), Fundação SOS Mata Atlântica, Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, The Nature Conservancy (TNC), Sociedade Nordestina de Ecologia e WWF-Brasil.



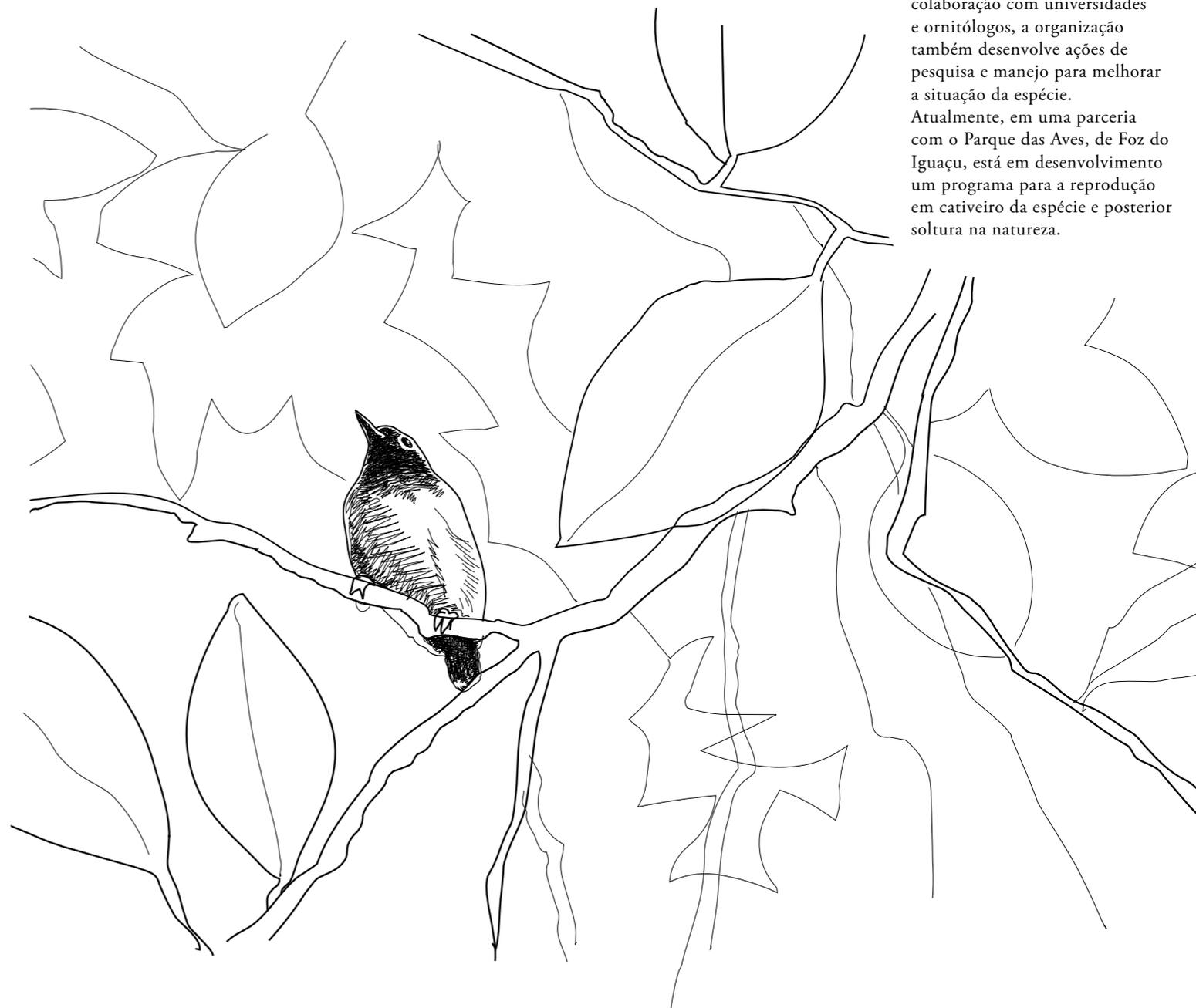
Interior da mata de Murici



Representantes do Pacto Murici na ESEC de Murici

PLANO PARA SALVAR ESPÉCIE

Após o 23º Congresso Brasileiro de Ornitologia, realizado em 2016, a SAVE Brasil reuniu 20 especialistas que elaboraram o Plano Emergencial para a Conservação da Choquinha-de-Alagoas, que tem uma estimativa populacional de menos de 50 indivíduos, a maioria deles vivendo na ESEC de Murici. Em colaboração com universidades e ornitólogos, a organização também desenvolve ações de pesquisa e manejo para melhorar a situação da espécie. Atualmente, em uma parceria com o Parque das Aves, de Foz do Iguaçu, está em desenvolvimento um programa para a reprodução em cativeiro da espécie e posterior soltura na natureza.





ESTAÇÃO ECOLÓGICA DE MURICI

O fragmento florestal conserva rica avifauna e constitui um dos últimos refúgios da choquinha-de-Alagoas (*Myrmotherula snowi*).

Para executar as ações previstas no Pacto Murici, as organizações criaram, em setembro de 2005, a Associação para a Proteção da Mata Atlântica do Nordeste (Amane), com a missão de atuar principalmente na região do Complexo Florestal de Murici, com parceiros dos setores público e privado. Dorinha deixou a SNE para ser diretora executiva da nova ONG, que tinha as demais organizações em seu conselho.

Segundo ela, o programa cresceu e passou a trabalhar em seis áreas prioritárias da Mata Atlântica do Nordeste entre Pernambuco e Alagoas, com território em 68 municípios. A estratégia era trabalhar com o setor privado, principalmente as usinas de cana-de-açúcar, em programas de restauração florestal. “Aprovamos vários projetos com recursos de diferentes fontes, apoiamos a criação e implementação de unidades de conservação e elaboramos o mapa do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste, que vai do Rio Grande do Norte até o litoral norte da Bahia, cuja publicação foi feita em conjunto com a SAVE Brasil. Fizemos capacitação e criamos uma rede de gestores das unidades de conservação. A Amane ainda atuou no controle de espécies exóticas invasoras e criou dois centros de educação ambiental, um em Lagoa dos Gatos (onde a SAVE Brasil possui a RPPN Pedra D’Anta, em Pernambuco), e outro em Murici, que centralizavam atividades de mobilização da população”, diz a ambientalista.

SAVE BRASIL: PRESENÇA PERMANENTE NA REGIÃO

Marcia Hirota, diretora executiva da SOS Mata Atlântica, acompanhou toda a história de perto: “Roberto Klabin, então presidente da SOS e do Funbio, organizou uma visita a Murici com representantes das várias entidades para que pudéssemos conhecer a região e entender as necessidades. Foi daí que surgiu a ideia do Pacto Murici,

O Pacto Murici, foi uma aliança inédita com a participação de oito das maiores organizações ambientalistas do país

institucionalizado via Amane. Para a SOS Mata Atlântica, participar desse processo foi muito importante, porque não tínhamos atuação direta no Nordeste. A Amane representou nossa primeira experiência regional ou de cunho nacional, fora de São Paulo. Foi uma experiência inédita, na qual todas as organizações colocaram recursos e dedicação”. A Amane esteve ativa até 2014. “Quando chegamos a Murici, a BirdLife já tinha projetos na região. Enquanto o Pacto existiu, participou ativamente por meio dele, até a Amane começar a andar com as próprias pernas. No entanto, é comum organizações serem muito boas na realização dos projetos, mas não conseguirem se manter institucionalmente. A Amane ficou dependente de que as demais organizações, que a bancaram no início, conseguissem recursos, o que a inviabilizou”, acredita Márcia.

Segundo a diretora da SOS Mata Atlântica, “a SAVE Brasil foi muito importante nas fases finais da Amane, mantendo o apoio até o término das atividades. Com o final da organização, foi a própria SAVE Brasil que continuou na região, principalmente com seus projetos na Serra do Urubu, em Pernambuco”.

Desde então, a SAVE Brasil articula com os órgãos de governo, especialmente o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), formas de acelerar a regularização fundiária da ESEC de Murici. Também desenvolve um projeto que visa formar de um corredor de biodiversidade entre Murici e a Serra do Urubu.



CORREDOR DE BIODIVERSIDADE DA MATA ATLÂNTICA DO NORDESTE

Existem 68 Áreas Importantes para a Conservação das Aves e da Biodiversidade (IBAs, na sigla em inglês) na região Nordeste, das quais 50 estão situadas nos remanescentes de Mata Atlântica. Por isso a SAVE Brasil considera a região prioritária para a conservação e investe na efetivação do Corredor da Mata Atlântica do Nordeste. Seu objetivo é contribuir para a formulação e implementação de políticas públicas efetivas para a conservação e restauração desse trecho de Mata Atlântica, por meio da definição do território do corredor de biodiversidade, seu planejamento, zoneamento, monitoramento e implementação de ações piloto de conservação. A definição de corredores de biodiversidade faz parte de uma estratégia de planejamento ambiental de paisagem, sendo um espaço geográfico estrategicamente destinado à conservação da biodiversidade em escala regional. Essa abordagem permite o diálogo e a integração das ações dos diversos atores envolvidos na conservação e recuperação da Mata Atlântica do Nordeste, visando otimizar recursos e resultados para a conservação e uso sustentável da biodiversidade.

Serra do Urubu, Pernambuco

RESERVA PARTICULAR PARA SALVAR A FLORESTA

A chaminé da antiga usina destaca-se em meio à floresta que retorna pujante, demonstrando a resiliência da natureza e o poder do trabalho de conservação

PINTOR-VERDADEIRO

(Tangara fastuosa)

Família TRAUPÍDEOS

sanhaços, saíras, tiês

Comprimento 13 cm

Distribuição NE

Grau de ameaça (VU)

Alimenta-se de frutos, brotos, insetos e pequenas larvas. Faz ninho em forma de taça, mas há relatos de alguns semifechados, muitas vezes feitos com folhas de taquaras. Os ninhos são geralmente construídos dentro de bromélias epífitas em árvores relativamente altas. É agressivo, territorialista e vive em pequenos grupos familiares. Habita ambientes que vão desde matas bem preservadas e contínuas até trechos isolados de floresta. Alguns fragmentos de mata que ainda restam nos grotões em meio aos canaviais têm sido refúgios para a espécie. Devido à beleza de sua plumagem, é uma ave muito visada pelo tráfico.

A 100 quilômetros de Murici, que fica em Alagoas, um outro remanescente de Mata Atlântica encravado no agreste nordestino preocupava a equipe da SAVE Brasil: a Serra do Urubu, em Pernambuco, corria o risco de literalmente virar carvão. Jaqueline Goerck, que era a coordenadora do Programa do Brasil da BirdLife International, ouviu falar da área quando trabalhava em Murici. Foi até lá e ficou horrorizada com o que viu. Carroças lotadas de carvão saíam da mata por todos os lados e ocupavam a estrada precária de cerca de 10 quilômetros que separa a floresta da cidadezinha de Lagoa dos Gatos.

Com a presença de 13 aves globalmente ameaçadas, a área era muito pequena para a criação de um parque nacional, e parte dela já era uma reserva particular do patrimônio natural, a RPPN Frei Caneca, de 630 hectares, criada por um proprietário de usina de cana-de-açúcar para proteger a represa que alimenta duas pequenas hidrelétricas no local. No total, o remanescente florestal tinha pouco mais de mil hectares.

A opção encontrada para salvar essa mata foi comprar o restante da área e criar uma nova reserva no local onde a atividade carvoeira era mais forte. Essa compra foi decisiva para a criação da SAVE Brasil,

pois a BirdLife International não poderia ter propriedade no país.

Quando Pedro Develey foi visitar a área pouco depois, para iniciar o programa de conservação da floresta, acompanhado da secretária executiva da Associação para a Mata Atlântica do Nordeste (Amane) Maria das Dores Melo (Dorinha), a primeira pessoa que encontrou no caminho foi um menino de 12 anos chamado Wellington, junto com três burros carregados de carvão. Chegando na floresta, o som que ouviam não era dos pássaros, mas de machadadas derrubando árvores. O cheiro da fumaça predominava dentro da mata. Um levantamento preliminar constatou a presença de pelo menos 80 pessoas produzindo carvão dentro da área de 360 hectares que foi comprada pela SAVE Brasil, além de inúmeras caieiras (fornos). Até hoje, é possível ver vestígios delas nas trilhas da reserva. “Presenciar a destruição de um dos remanescentes mais importantes de Mata Atlântica, sabendo que essa floresta era o último refúgio para algumas das aves mais ameaçadas no país, foi muito triste, mas ao mesmo tempo fez crescer ainda mais nosso compromisso em reverter aquela situação”, lembra Pedro.



AMBIENTE

- Mata Atlântica do nordeste do Brasil (PE)
- Centro de Endemismo Pernambuco
- Fragmento significativo da região

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Conservação em terras privadas – compra de terras pela SAVE Brasil – RPPN Pedra D’Anta comprada em 2004 (atualmente com 430 hectares)
- Valorização da floresta e abertura para o público. A reserva como ponto turístico recebeu 4 mil visitantes em 2018
- Crescimento da observação de aves impulsionado pelo Jardim dos Beija-flores e a torre de observação de aves
- Monitoramento constante: 281 espécies de aves (13 globalmente ameaçadas) e 20 espécies de beija-flores



Membros do Conselho Deliberativo da SAVE Brasil durante visita à reserva

PEDRA D’ANTA

A primeira providência após a compra da área, em 2004, foi cercá-la e transformá-la em uma RPPN, batizada de Pedra D’Anta, como o local já era conhecido. “Criar a reserva foi um passo arriscado. Havíamos acabado de criar a SAVE Brasil, e não havia uma organização local para fazer parceria, já que a Amane estava mais concentrada na região de Murici. Instalamos as cercas e contratamos uma pessoa para tomar conta. Foi o primeiro grande passo da SAVE Brasil e é um dos nossos maiores orgulhos”, diz Jaqueline. Além da área de mata, havia ainda 36 hectares de pastos que foram reflorestados. Mesmo sem assumir a reserva, a colaboração da Amane foi fundamental nos primeiros tempos, tanto no processo de oficialização da RPPN como na recuperação das áreas degradadas.

Há quase dez anos, o responsável por cuidar da RPPN Pedra D’Anta é José Antônio Vicente Filho, o Zezito, nativo da região, que foi funcionário da usina de açúcar Frei Caneca por 25 anos. “Trabalhei no campo, e quando foi criada a RPPN Frei Caneca para proteger as duas hidrelétricas da propriedade, em 2002, passei a tomar conta da mata, que cobre apenas os topos da Serra do Urubu, onde não dava para plantar cana”, conta.



Atividade educativa na reserva com crianças das escolas de Lagoa dos Gatos

“Fui eu que mostrei a área para a Jaqueline, que passou uns três dias comigo percorrendo o local. Apontei onde estavam as carvoarias e os locais mais conservados.” Zezito ainda trabalhou na RPPN Frei Caneca até 2009. Nesse período, ajudou a indicar funcionários e colaborava eventualmente na Pedra D’Anta, inclusive no reflorestamento. Quando resolveu sair da Frei Caneca, foi contratado pela SAVE Brasil. Após 15 anos da criação da reserva, a mata está quase totalmente recuperada, mostrando a capacidade de resiliência da

Chegando na floresta, o som que ouviam não era dos pássaros, mas de machadadas derrubando árvores. O cheiro da fumaça predominava dentro da mata. Um levantamento preliminar constatou a presença de pelo menos 80 pessoas produzindo carvão dentro da área de 360 hectares que foi comprada pela SAVE Brasil, além de inúmeras caieiras (fornos)

O GUARDIÃO DE RESERVA

Único morador da RPPN Pedra D’Anta, José Antônio Vicente Filho é responsável por fiscalizar a mata, acompanhar pesquisadores, estudantes e observadores de aves que visitam o local, além de cuidar do Jardim dos Beija-flores, onde monitora e alimenta as aves diariamente. Seu relato resume o espírito de dedicação e superação presente em todos os envolvidos com a missão da SAVE Brasil: “Entre dezembro e março chegam os gringos, dos Estados Unidos, Inglaterra, China, Japão, já recebemos visitante até do Afeganistão. Além de brasileiros – pesquisadores e observadores de aves – de todos os cantos do país. Mas, no início, quando a reserva ainda não estava recuperada, não se via bichos perto da casa, que fica na área do pasto da antiga fazenda. Nem borboleta aparecia, só tinha capim e braquiária.

Comecei a plantar bromélias e outras plantas no entorno da sede. Com isso, passamos a contar com a visita de 16 espécies de beija-flores. Hoje, no Jardim dos Beija-flores aparecem 20 espécies. Em fevereiro chegam os filhotes. Continuamos a reflorestar a reserva até 2014, e com isso a quantidade de bichos tem aumentado muito. Tínhamos 220 espécies de aves no total, agora são 284. Atualmente há mais pontos em que conseguimos vê-los. Todos os anos vêm biólogos para fazer o censo. Começamos a ver mamíferos: cotia, paca, ouriço, porco-espinho, cateto. Antes os bichos não apareciam por conta dos carvoeiros e caçadores. Mesmo quando ainda não era funcionário da SAVE, eu ajudava a proteger a área como voluntário, e acompanho o censo de aves desde 2005. O pessoal na região acha que sou do Ibama.

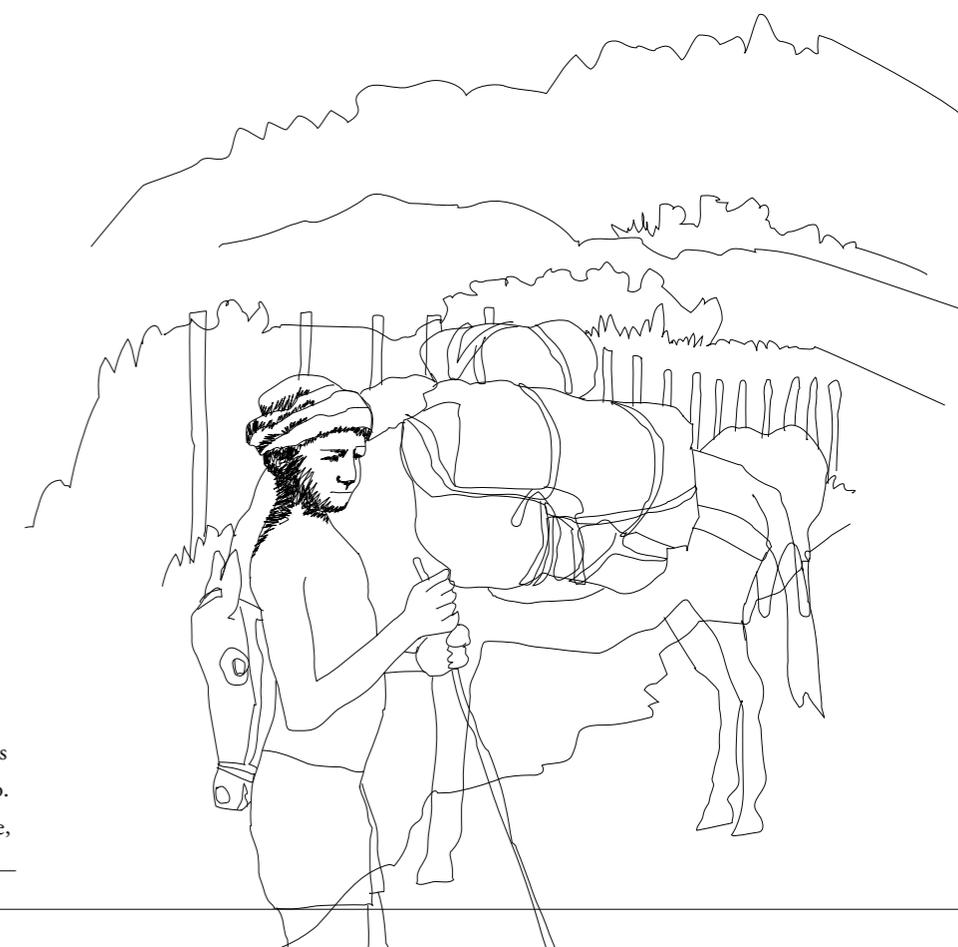
Ainda na usina, comecei a gostar de pássaros e a receber pesquisadores. Em 1997 chegou o primeiro, que estudava bromélias. Eles vinham e ficavam na minha casa, pois não havia alojamento. Ajudava os pesquisadores de pássaros a colocar anilhas e comecei a entender um pouco. Hoje sei onde levar cada pesquisador que aparece,



Zezito, primeiro colaborador local do projeto, e o quadriciclo, na Reserva Pedra D’Anta

conforme o tipo de planta, mamífero, réptil ou ave que ele quer pesquisar. Sei onde estão os bichos raros.

Não tive estudo, fiquei sem mãe com cinco anos e morava um tempo na casa de cada parente, sempre trabalhando. No ano passado, por insistência do Pedro, comecei a estudar. Agora, com 49 anos, já consigo ler um pouco, e reuni 15 pessoas para ir comigo à escola. Com isso, a prefeitura contratou condução para nos levar.”





**VISÃO GERAL DA SERRA
DO URUBU**

Além da importância para a biodiversidade, a manutenção da floresta tem um papel fundamental na conservação dos recursos hídricos na região.



Torre de observação de aves na Reserva Pedra D'Anta, inaugurada em setembro de 2019

floresta. Aves que não eram mais avistadas voltaram a aparecer. A transformação trazida pelo processo de restauração empreendido pela SAVE Brasil, assim como a disseminação de informação para a comunidade, têm transformado a percepção dos habitantes sobre o local. Se antes era reconhecido como destinado à produção de carvão vegetal, hoje é visto como uma área rica em plantas e animais, importante para a qualidade de vida do município. É sempre com muita emoção que Pedro afirma: “Nós salvamos essa floresta!”.

REFERÊNCIA REGIONAL

Única unidade de conservação aberta ao público na região, a Pedra D'Anta tem se firmado como referência, tanto como destino turístico e local de lazer quanto como polo científico para o monitoramento de aves. A existência da reserva permite verificar se as ações de conservação têm o resultado esperado. Na reserva, é possível

monitorar as áreas que foram restauradas, e os resultados têm sido significativos: no início havia três espécies de aves, e recentemente foram registradas 40 espécies na área restaurada. Além disso, foi realizado o registro de todas as espécies presentes na reserva (284), incluindo as que não eram avistadas no início e passaram a ser observadas ao longo dos anos, como a araponga. Foi também a observação das aves que levou à descoberta de uma nova utilização da área: inicialmente adquirida para a conservação de espécies criticamente ameaçadas de extinção, verificou-se uma grande quantidade de espécies de beija-flores, o que aumentou ainda mais a relevância da conservação da reserva. O fato motivou a construção do Jardim dos Beija-flores, em 2017, a primeira grande iniciativa voltada a tornar a experiência do visitante informativa e inspiradora.

Coordenadora do Projeto Serra do Urubu desde 2016, a bióloga Bárbara Cavalcante conta que a primeira torre de observação de aves da Pedra D'Anta, localizada na trilha de visitação da reserva, com cerca de 12 metros de altura, foi inaugurada em 2019. A plataforma de observação tem aproximadamente 30 m² e permite uma vista privilegiada da floresta. Segundo Bárbara, a interação com a comunidade não acontece apenas na unidade de conservação. São realizadas atividades também na cidade, sobretudo nas escolas, voltadas à educação para a conservação, no esforço de que a população saiba da existência da reserva, crie consciência de que a região tem um importante remanescente de Mata Atlântica e forme atores engajados. “Nossa meta é que todos os moradores de Lagoa dos Gatos e redondezas venham para a reserva. Temos um acordo com a Secretaria de Educação Municipal, que cede ônibus para que tenhamos rotina de visitas dos estudantes. Por isso investimos na infraestrutura interna”, diz.

Em 2018, a Pedra D'Anta recebeu quase 1100 visitantes, número significativo para a região e o dobro dos anos anteriores. “Queremos estimular o ecoturismo em nível

local, pois a população tem poucas opções de lazer. Lagoa dos Gatos está na Rota 104, um roteiro de turismo rural do governo do estado, por conta da reserva da SAVE Brasil. Queremos que a cidade olhe para isso como oportunidade”, diz a coordenadora. Entre os desafios para ampliar ainda mais o número de visitantes está o acesso à reserva. Embora fique próxima à sede do município – cerca de 10 quilômetros –, a estrada pode ficar intransitável em época de chuvas. “Temos, porém, um grande potencial de desenvolvimento para o município, com pousadas, restaurantes, transportes. Queremos socializar os benefícios. Em 2020, vamos realizar um curso para a formação de guias locais credenciados da reserva”, diz Bárbara. Lagoa dos Gatos é uma cidade pequena, com aproximadamente 16 mil habitantes, onde não há banco nem casa lotérica e metade da população trabalha na prefeitura. Mesmo o comércio é muito pequeno; as pessoas precisam ir até a cidade vizinha Cupira para fazer compras.

CORREDOR DE BIODIVERSIDADE

A presença da SAVE Brasil na região é voltada, ainda, para a recuperação ambiental. “Um fragmento sozinho não

É PRECISO RESTAURAR

A restauração florestal, com a construção de corredores de biodiversidade para ligar os remanescentes, é essencial para ajudar a floresta a se recuperar da degradação e garantir sua sobrevivência, assim como a dos serviços ecossistêmicos que dela se originam, como a regulação do clima, água e conservação do solo e da biodiversidade.

Para que a restauração seja efetiva, é necessária a reconstrução gradual da floresta, resgatando sua biodiversidade e função ecológica. Várias espécies

diferentes são utilizadas, incluindo outras formas de vida além das árvores: ervas, arbustos, cipós, e toda a fauna associada. Cada espécie irá, de forma isolada ou em conjunto, desempenhar uma função vital no ecossistema.

O Pacto pela Restauração da Mata Atlântica, um movimento da sociedade civil brasileira, calcula que o bioma tenha 17,4 milhões de hectares de áreas com potencial de restauração, e defende que até 2050 sejam restaurados 15 milhões de hectares.

AUMENTO DE ESPÉCIES
devido ao aumento do esforço de amostragem e melhoria na qualidade da floresta



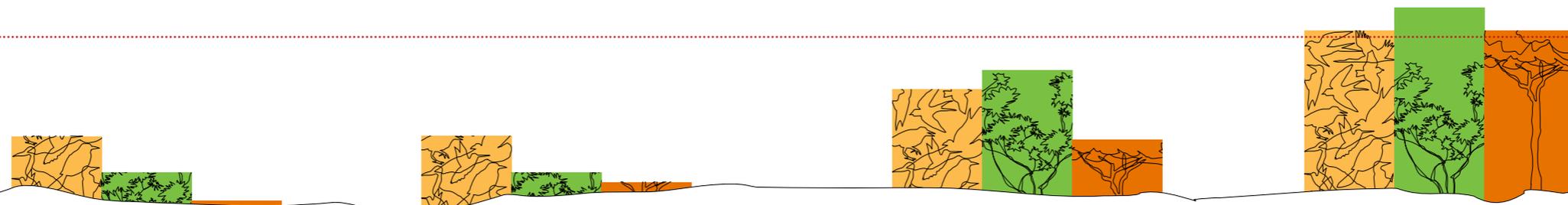
9 ESPÉCIES IDENTIFICADAS
105 ESPÉCIES IDENTIFICADAS

NA ÁREA DE PASTAGEM RESTAURADA **70**
EM TODA A ÁREA DA RESERVA **285**



GRUPOS DE ESPÉCIES

-  AVES
-  ÁRVORES PEQUENAS
-  ÁRVORES GRANDES



A FLORESTA RETOMA A USINA
Ao longo de dez anos (2009-2019) é possível observar o efeito do restauro da vegetação na RPPN Pedra D'Anta, com o crescimento de uma agrofloresta e o retorno de inúmeras espécies de aves.

se sustenta, por isso iniciamos um projeto voltado para a paisagem, para incentivar a restauração no entorno da reserva, aproveitando a necessidade de adequação das propriedades ao Código Florestal.

Nosso objetivo é estabelecer vínculos e trabalhar em parceria com os proprietários locais”, diz a bióloga.

A ideia é criar, no longo prazo, um corredor de biodiversidade entre a Estação Ecológica de Murici e a Serra do Urubu, começando pelas duas pontas. A SAVE Brasil recentemente adquiriu mais 70 hectares

para aumentar sua própria reserva. Nos planos da organização para a região também está o estabelecimento de um projeto de pagamento por serviços ambientais, além da gestão integrada dos fragmentos florestais como um todo. “A floresta com Mata Atlântica abastece de água vários municípios além de Lagoa dos Gatos, como Cupira e Panelas. Queremos mapear e mensurar isso”, completa Alice Reisfeld, gerente de projetos da SAVE Brasil, que supervisiona todo o trabalho na Serra do Urubu.



Entrada do Jardim dos Beija-flores, onde podem ser observados, além de dos beija-flores, também saíras, tiês e sanhaços



Placa informativa sobre as espécies de beija-flores que frequentam o jardim

PARA DELEITE DE HUMANOS E AVES

Logo na entrada da Reserva Particular do Patrimônio Natural Pedra D’Anta há um portal daqueles que parecem levar a um lugar mágico. E é isso mesmo o que acontece. Dentro dele, a estrutura da construção da antiga sede da fazenda foi aproveitada para criar um espaço aberto para eventos e educação ambiental, cercado por um paisagismo que favorece a atração das aves, com orquídeas e bromélias, além de bebedouros e comedouros para os bichos. E eles não se fazem de rogados.

São centenas de beija-flores, de pelo menos 20 espécies, disputando território em uma dança constante e rápida, tão difícil quanto encantadora de acompanhar. Com seus diferentes tamanhos e cores, eles dão a impressão de fazer fila para beber

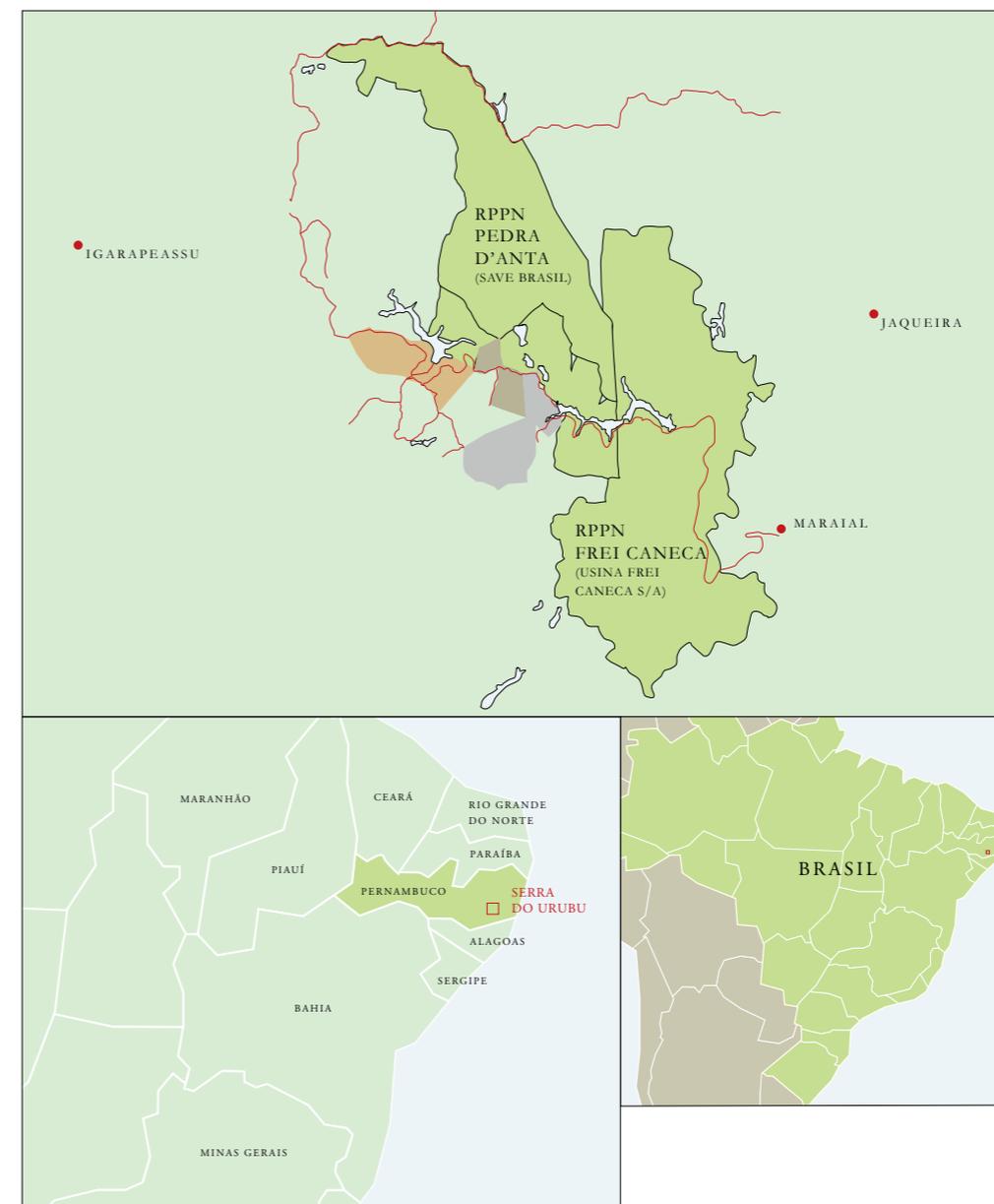
nas dezenas de bebedouros espalhados por todo o espaço. Entre os frequentadores, o costa-violeta é um dos mais raros.

No Jardim dos Beija-flores, os protagonistas parecem estar sempre em festa. A maior atração, porém, nem é o beija-flor. É o pintor-verdadeiro, pássaro tão lindo que está ameaçado de extinção de tanto ser capturado para o comércio ilegal de aves silvestres. Procurado na reserva desde que foi criada, só deu as caras em 2018, quando o primeiro casal apareceu para se alimentar no jardim. Atualmente são quatro aparecendo diariamente para o lanche da tarde.

O local conta, ainda, com placas informativas, além de bancos e redes para os visitantes humanos desfrutarem o espetáculo.



Lançamento do primeiro guia de aves da Serra do Urubu na RPPN Pedra D’Anta



Serra das Lontras, sul da Bahia

A CABRUCA E O ACROBATA

Uma floresta montana cheia de musgos enormes envolvendo os galhos das árvores, essa área guarda preciosidades

ACROBATA

(Acrobatornis fonsecai)

Família FURNARIÍDEOS

joão-de-barro, arredio, curutié

Comprimento 13 cm

Distribuição BA e MG

Grau de ameaça (EN)

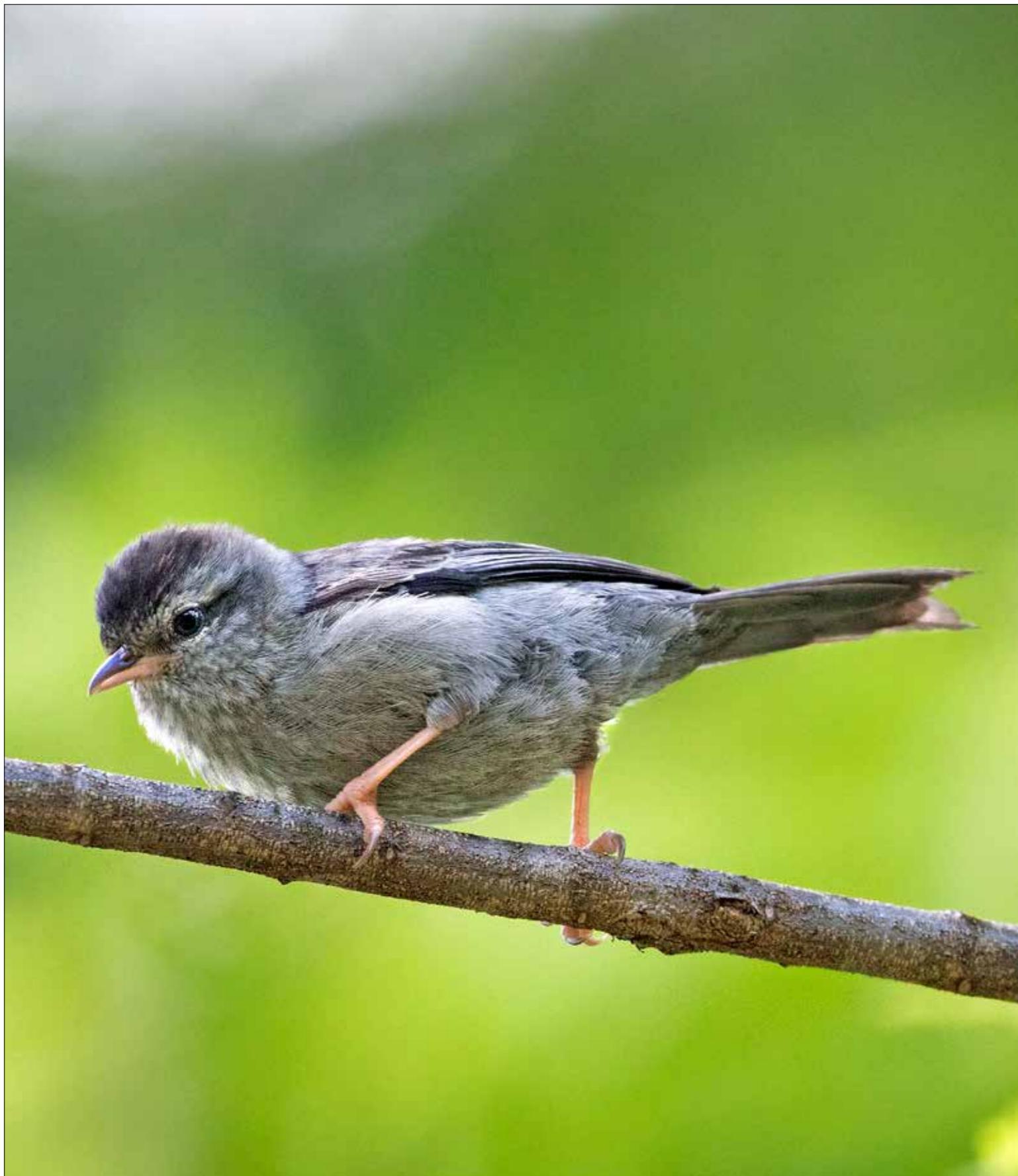
Alimenta-se de insetos; para capturá-los, pendura-se de cabeça para baixo nas folhagens e anda nessa posição nos galhos das copas e ao longo dos troncos das árvores. Tem o corpo cinzento – cinza-claro na região inferior e cinza-escuro nas asas, cauda e no topo da cabeça – e patas cor-de-rosa vivo. Encontrada apenas em uma pequena região do sul da Bahia, entre os rios Jequitinhonha e das Contas, e um pequeno trecho em Minas Gerais, a espécie foi descoberta no início da década de 1990 e descrita em 1996. O acrobata está ameaçado de extinção e sua população em declínio devido à destruição do seu habitat, inclusive as cabruças (plantações de cacau na sombra), onde a espécie se adaptou.

Em uma área pouco conhecida do sul da Bahia, entre os municípios de Una e Arataca, o complexo montanhoso da Serra das Lontras é uma mina de biodiversidade, com 320 espécies de aves, 18 delas globalmente ameaçadas de extinção. Entre elas está o acrobata, pássaro da família do joão-de-barro, tão inusitado para a região que foi considerado de um gênero novo, cujo parente mais próximo fica nos Andes. Com essa qualificação, a região foi considerada uma IBA, e desde 2000 está entre as áreas prioritárias para atuação pela BirdLife International e pela SAVE Brasil. Um dos fatores que permite a grande biodiversidade nessa porção da Mata Atlântica é a variação de altitude, com a presença de florestas de baixada e de montanha, e a posição geográfica, na qual espécies características da Mata Atlântica do Sudeste se encontram com espécies da Mata Atlântica do Nordeste.

“Nunca vou esquecer minha primeira visita à Serra das Lontras. O ambiente que encontrei era muito lindo e totalmente diferente de tudo que conhecia no Brasil. Uma floresta montana cheia de musgos enormes envolvendo os galhos das árvores, algo que só havia visto nos Andes. Fomos para a região pela sua importância para as aves e descobrimos que a área guardava

outras preciosidades”, conta Jaqueline M. Goerck, presidente do Conselho Deliberativo da SAVE Brasil. Fundado em 1994, o Instituto de Estudos Socioambientais do Sul da Bahia (Iesb), organização com experiência em engajamento comunitário, foi convidado para atuar no local em parceria com a SAVE Brasil. A região é caracterizada pelo tradicional cultivo do cacau em cabruca, sistema produtivo no qual o cacau é plantado sombreado pela floresta nativa e conserva grande parte da mata. A crise na produção do cacau em decorrência do fungo vassoura-de-bruxa, porém, tem pressionado ao longo dos anos os produtores a substituir suas cabruças por cultivos que degradam a paisagem florestal, ameaçando a biodiversidade.

“Quando fomos convidados para sermos parceiros da SAVE Brasil, já se sabia da importância da Serra das Lontras, que desde então surpreende cada vez mais com a descoberta de novas espécies. Em uma excursão de apenas cinco dias, não muito tempo atrás, foram encontradas duas novas espécies de anfíbios”, conta o geógrafo Gabriel Rodrigues dos Santos, um dos coordenadores do Iesb na época. As primeiras atividades envolveram um diagnóstico para entender quem eram os



AMBIENTE

- Mata Atlântica, sul da Bahia
- Área extensa e pouco conhecida, onde foram descobertas novas espécies de aves e encontradas espécies ameaçadas
- Região de cabruças: florestas com produção de cacau



Produção de cacau em sistema de cabruças

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

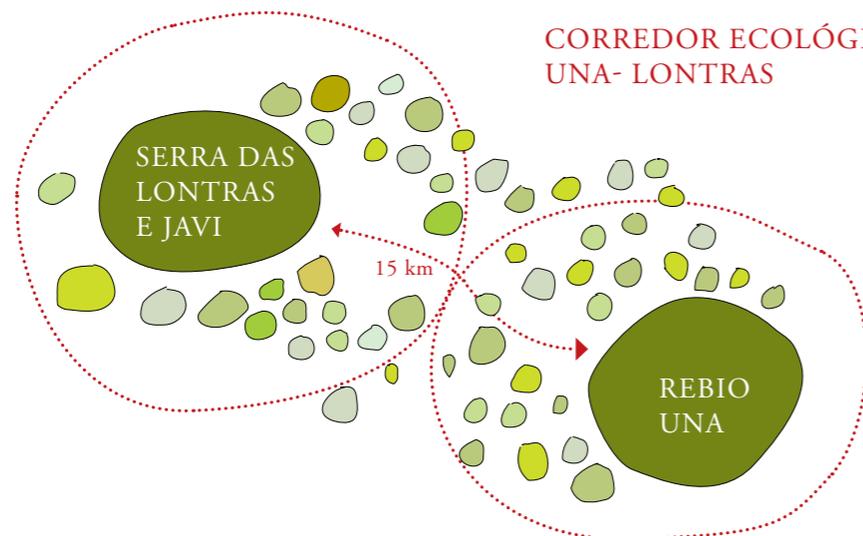
- Criação do Parque Nacional da Serra das Lontras (11343 hectares) em 2010
- Parque Nacional como área núcleo para a conservação, com investimento em áreas fora da UC, com sistemas agroflorestais e cabruças

PRÊMIO RECEBIDO

Prêmio de Conservação e Desenvolvimento na América Latina (2010), concedido pela Fundación Biodiversidad e SEO – Espanha.

Para obter a certificação, parte da vegetação nativa deve ser mantida em um ambiente saudável, sem o uso de agrotóxicos. Com isso, aves e outros animais permanecem na área

fazendeiros que cultivavam cabruca e o levantamento das melhores opções para conservar a floresta. Uma das estratégias foi a compra pela SAVE Brasil de uma área de 470 hectares de fazendas abandonadas, doadas ao Iesb para a criação



Nos corredores ecológicos, áreas extensas de vegetação nativa são a base para a conservação da biodiversidade, consideradas áreas-fonte. No entorno dessas áreas, o uso do solo deve ser compatível com a preservação dos recursos naturais e pequenas áreas florestadas servem como “caminho” (*stepping stones*) para as espécies nativas transitarem de uma área-fonte para outra.



Moradores locais beneficiados pelo projeto mostrando a produção orgânica

de reservas particulares que protegessem o ecossistema. Segundo Gabriel, foram realizadas várias ações buscando mobilizar a população, principalmente agricultores, o que incentivou a produção de agroflorestas e produtos orgânicos nos assentamentos da região. O projeto também colaborou para a estruturação da Cabruca – Cooperativa dos Produtores Orgânicos do Sul da Bahia –, sediada em Ilhéus, e apoiou o desenvolvimento de seu chocolate, produto inédito dos cooperados, que plantam, colhem e beneficiam o cacau, produzindo o chocolate orgânico e biodinâmico certificado.

A DESCOBERTA DO ACROBATA

A chuva torrencial, comum no sul da Bahia, não desanimou o ornitólogo Fernando Pacheco e o amigo, o economista Paulo Sérgio Moreira da Fonseca, a se aventurarem na Serra das Lontras, em 1994, em busca de espécies raras de aves, principalmente de *Synallaxis whitneyi* e *Phylloscartes beckeri*. Parentes de aves do sul do país, essas duas espécies foram descobertas alguns anos antes por Fernando em montanhas interioranas a mais de 50 quilômetros a oeste da BR-116, e havia indícios de que poderiam ocorrer também ali.

“Num primeiro momento, achamos que não iríamos conseguir subir por conta da chuva, mas o tempo foi melhorando e resolvemos arriscar. Chegando ao topo, uma coisa muito inusitada aconteceu. Cada um foi para um lado, e nos primeiros cinco minutos já avistei um dos novos pássaros que havia descoberto. No mesmo momento, Paulo me chamava ansioso do outro lado. Fui até lá e vi com o binóculo dois bichos estranhos que, mesmo com meus 20 anos de experiência, não tinha ideia nem a que família pertenciam”, descreve.

Eram dois passarinhos, um cinza e o outro marrom, que corriam muito rápido, inclusive de ponta-cabeça com as patas pela parte de baixo dos galhos, com a agilidade de um esquilo. Descobriram depois que a diferença de cores acontecia por ser um adulto (cinza) e um jovem (marrom). Por conta dos seus malabarismos, foram

denominados acrobatas. A descrição da ave foi feita pelos dois descobridores com a participação do ornitólogo norte-americano Bret Whitney, que indicou-lhes o local. O nome científico homenageou o economista que o avistou primeiro: *Acrobatornis fonsecai*.

Ainda mais surpreendente foi a revelação de que a espécie pertence a um gênero novo de ave. Foi um achado tão raro que fazia 18 anos desde a última vez que havia acontecido no mundo, com a descoberta de um novo gênero de coruja no Peru. A novidade colocou a Serra das Lontras no mapa das áreas globais mais importantes para conservação das aves. A repercussão foi enorme, com reportagem até no *The New York Times*.

“Hoje sabemos que o acrobata é um relicto, espécie muito antiga encontrada em habitats isolados, remanescente de uma época em que o ambiente era diferente do atual. É um tipo de ave encontrada em ambientes áridos; seus parentes mais próximos vivem nos Andes. Eles estão lá desde que a região era árida, e conseguiram se adaptar à chegada da Mata Atlântica colocando seus ninhos de gravetos nas copas de árvores que perdem as folhas. Ou seja, escolheram o que há de mais seco na floresta úmida. Também constroem ninhos falsos na mesma árvore para despistar seus predadores”, diz Fernando.





**ONDE O MAR ENCONTRA
A MONTANHA**

A umidade que chega do oceano sobe a serra e gera uma floresta de grande biodiversidade, onde o olhar atento de um *birdwatcher* ajudou a encontrar uma nova espécie de ave, desconhecida para a ciência.



Plantação de cacau integrada com a floresta

ESPÉCIES NOVAS

Uma espécie só passa a ser considerada pela ciência após ser descrita e classificada. A maior parte das espécies conhecidas no Brasil foram descritas em grandes expedições de naturalistas realizadas nos séculos 18, 19 e 20. Mas é incrível pensar que mesmo atualmente ainda estamos encontrando novas espécies. Desde o ano 2000 até hoje, 84 novas espécies de aves foram descritas no Brasil.

Um dos requisitos para a certificação desses produtos é que parte da vegetação nativa seja mantida em um ambiente saudável, sem o uso de agrotóxicos. Com isso, aves e outros animais permanecem na área, que funciona como uma zona de amortecimento para unidades de conservação.

A capacitação técnica de agricultores, cooperativas e associações locais em produção orgânica, gerenciamento dos negócios e comercialização nos mercados nacional e internacional atingiu aproximadamente mil beneficiários, com apoio à certificação de 1800 hectares de produção orgânica. Foram realizadas ações para incentivar a regularização ambiental de propriedades e apoio a grupos de mulheres para sua inserção na cadeia produtiva e aumento da renda familiar.

“A parceria com uma ONG local foi muito importante para que a SAVE Brasil pudesse cumprir os objetivos de conservação na região, ainda mais em um período no qual a organização havia sido recentemente criada e estava se estabelecendo”, diz Pedro Develey, diretor executivo da SAVE Brasil.

PARQUE NACIONAL

Paralelamente, um movimento do qual a SAVE Brasil participou ativamente trabalhava para viabilizar um parque nacional na região, que faria parte da proposta de criação do Corredor Central



Produtos orgânicos certificados e comercializados

Com a implementação do Parque Nacional, a consolidação das cooperativas e a manutenção dessa unidade de conservação, a SAVE Brasil parou de atuar na região para se dedicar a novas áreas

da Mata Atlântica na Bahia. Com 11344 hectares, o Parque Nacional da Serra das Lontras foi efetivado em 2010. As reservas adquiridas pela SAVE Brasil e doadas ao Ilesb ficaram dentro do parque.

“Como as áreas que fazem parte do parque nacional ainda não foram indenizadas, ficou mais difícil contar com a ajuda dos agricultores que ficaram dentro de seus limites. A Cooperativa Cabruca, no entanto, cresceu muito e é um sucesso”, diz Gabriel. Mesmo sem a regularização fundiária, a criação do parque e de várias outras unidades de conservação na região, parte do Corredor Central, tem garantido a manutenção da biodiversidade na Serra das Lontras.

“Fico feliz que nossos esforços tenham possibilitado a conservação dessa floresta, não apenas para que seus segredos possam

ser revelados, o que vem acontecendo aos poucos, mas para que outras gerações tenham a chance de apreciar sua beleza. A criação de uma unidade de conservação em uma área como essa é o que se poderia esperar de melhor para a manutenção da floresta. A responsabilidade pelo parque, com isso, passa a ser do poder público, e, se o projeto for bem implantado e

administrado, prescinde da necessidade da atuação permanente de outras entidades na área. O trabalho independente das cooperativas e a manutenção das cabrucas compõem o mosaico na área do entorno. Assim, a SAVE Brasil parou de atuar na região para se dedicar a novas áreas que necessitavam de nossa ajuda”, diz Jaqueline.



Boa Nova, Sul da Bahia

UMA CIDADE MOBILIZADA POR UM PÁSSARO

O gravatazeiro fez a comunidade se sentir especial, e aos poucos ela passou a retribuir: houve redução no desmatamento e no uso de lenha pelos moradores, fogueiras deixaram de ser utilizadas nas festas

GRAVATAZEIRO

(Rhopornis ardesiacus)

Família THAMNOFILÍDEOS

chocas, papa-formigas, chororó

Comprimento 18 cm

Distribuição BA e MG

Grau de ameaça (EN)

Naturalmente rara, é endêmica da mata de cipó e vive associada aos gravatás, uma bromélia abundante na Caatinga. Está presente apenas em Boa Nova, na Bahia, e em algumas localidades do norte de Minas Gerais.

Tem as penas acinzentadas e os olhos vermelhos. Os machos apresentam cauda longa e negra, garganta escura e listras brancas nas asas, enquanto as fêmeas têm o topo da cabeça marrom e a garganta branca. Alimenta-se de aranhas e pequenos insetos, incluindo formigas, gafanhotos e grilos.

Pode ser observada em galhos próximos ao chão e nos gravatás, onde encontra água tanto para beber como para tomar banho. O ninho também é feito no meio dessas plantas, e os espinhos protegem os ovos e filhotes dos predadores. Por conta disso, é difícil encontrar um ninho de gravatazeiro na natureza.

Boa Nova é uma cidadezinha de menos de 20 mil habitantes no nordeste do Planalto da Conquista, no sul da Bahia. No final do século passado, o pouco que restava da mata de cipó característica do lugar – uma área de transição entre a Serra da Ouricana, a leste, onde tem início a Mata Atlântica, e a Caatinga, a oeste – era considerado um depósito de lenha. As aves eram fonte de diversão nas caçadas de fim-de-semana.

Essa situação mudou quando a população descobriu que o gravatazeiro, um passarinho comum na região, era uma ave rara: só existia naquele restinho de mata, que representava menos de 3% da área original. Isso aconteceu a partir de 2001, quando a equipe do então Programa do Brasil da BirdLife International (que se tornaria a SAVE Brasil em 2004) começou a fazer algumas visitas ao município para realizar estudos de viabilidade para um projeto na região.

O interesse da organização se devia ao fato de aquele ambiente ser único, representando uma zona de contato entre a Caatinga e a Mata Atlântica, com enclaves de mata de cipó na área de transição entre as duas formações vegetais. A diversidade de habitats permite que mais de 400 espécies de aves ocorram numa área muito pequena,

sendo dez (incluindo o gravatazeiro) globalmente ameaçadas de extinção, o que faz da região uma IBA.

Nessa paisagem única, orquídeas e bromélias – algumas com quase dois metros de altura – convivem harmoniosamente com uma grande variedade de cactáceas. Além das aves, outros animais ameaçados também estão presentes, como o mico-leão-da-cara-dourada (*Leontopithecus chrysomelas*), o macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternos*) e a preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*).

Após encontros com a comunidade e levantamento da situação das florestas de Boa Nova, a SAVE Brasil decidiu que seria importante criar uma base na cidade e ter um representante morando no município. O biólogo Edson Ribeiro Luiz foi o encarregado da missão, e a partir de 2005 iniciou o trabalho de engajamento comunitário, formação de atores locais, educação ambiental e apoio à prefeitura, que acabava de criar uma Diretoria de Meio Ambiente na gestão ambiental.

Edson passou a convidar moradores para acompanhá-lo em passeios pela mata – para fazer fotos e gravar o canto dos pássaros – e a realizar palestras nas escolas. Também



AMBIENTE

- Área de transição de floresta úmida (Mata Atlântica), mata de cipó e Caatinga, Bahia

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Engajamento comunitário e orgulho local
- Criação do Parque Nacional e Refúgio de Vida Silvestre de Boa Nova (total de 27 mil hectares)
- Conservação em terras privadas: promoção para a criação de RPPNs e averbação de reservas legais
- Criação do Conselho Municipal de Meio Ambiente pela SAVE Brasil
- A população local passou a ser a guardiã da floresta, observando e coibindo atividades ilegais de outros cidadãos – como o controle no uso de lenha de árvores nativas para as fogueiras nas festas juninas. A prefeitura usou como *slogan* a frase “Não deixe Santo Antônio brigar com São Francisco”
- Reconhecimento de Boa Nova como um importante polo de observação de aves no Brasil e fortalecimento de grupos de observadores locais

procurou os proprietários das fazendas onde estavam as matas, pedindo autorização para entrar, mostrando a eles, ao final das visitas, as fotos e os sons capturados no local. A SAVE Brasil produziu, com apoio da prefeitura, um cartaz com informações sobre o gravatazeiro, que foi afixado por toda a cidade. O cartaz pedia à população para avisar se avistasse o pássaro. Em pouco tempo, ele passou a fazer parte da vida da cidade, virou nome de time de futebol, tema de trabalho dos artistas e do projeto de ecodesenvolvimento local.

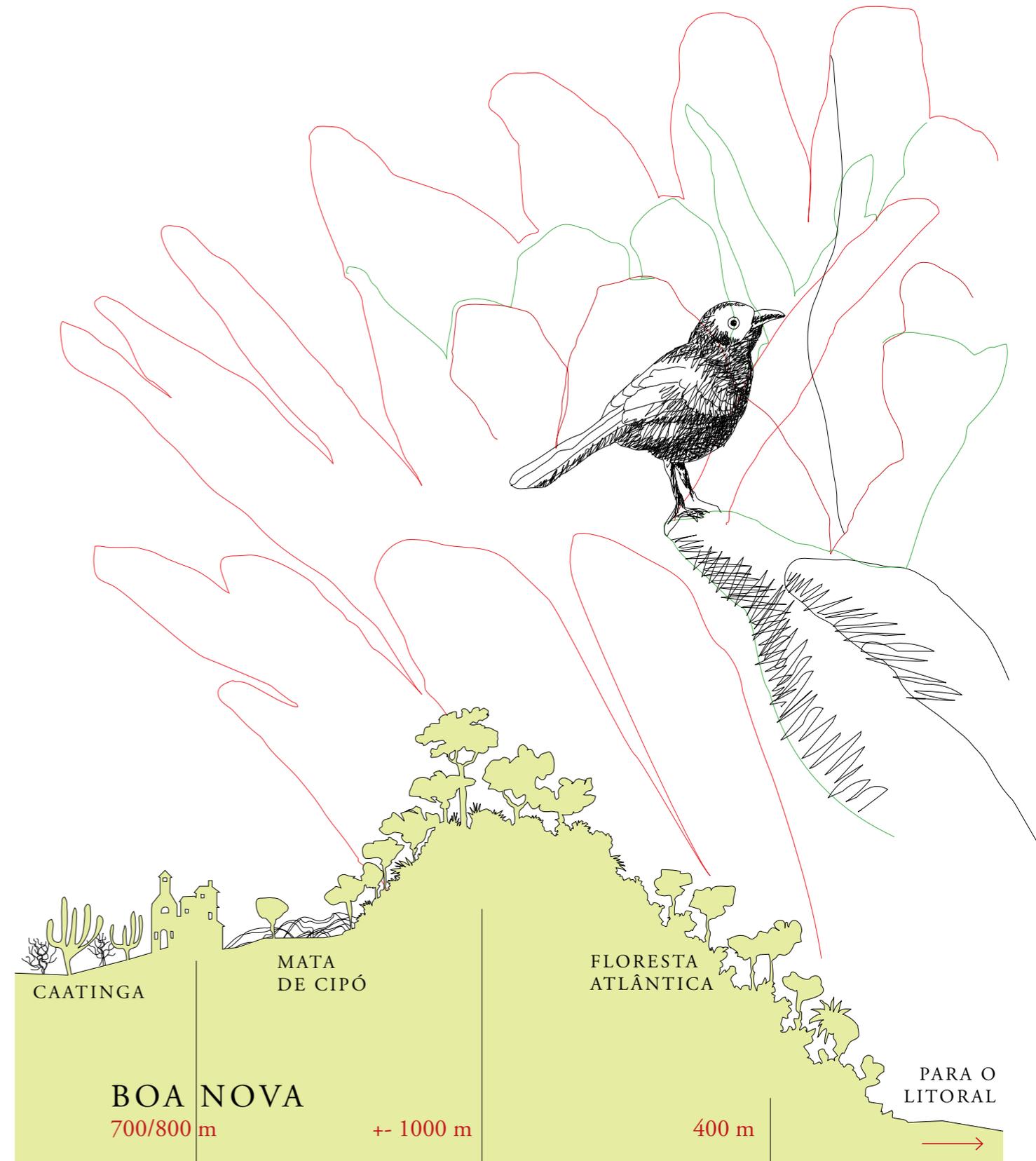
O pássaro fez a comunidade se sentir especial, e aos poucos ela passou a retribuir: houve redução no uso de lenha pelos moradores, fogueiras deixaram de ser utilizadas nas festas juninas, a caça – prática comum na região – diminuiu. As armas usadas nas caçadas passaram a ser substituídas pelos binóculos para observar as aves. A prefeitura intensificou a fiscalização e o ritmo de desmatamento enfraqueceu.

PARQUE NACIONAL

Para garantir o abrigo de tantas espécies importantes, no entanto, era necessário que toda essa área de transição entre Caatinga e Mata Atlântica, incluindo a mata de cipó, se transformasse em uma área protegida. Na ocasião, existia uma proposta para a criação e expansão de várias áreas protegidas no sul da Bahia por um grupo de organizações do qual a SAVE Brasil fazia parte. Todos os estudos técnicos para a criação das unidades de conservação foram realizados, inclusive com participação da comunidade local. Quando tudo estava encaminhado, porém, o processo de Boa Nova travou na Casa Civil por conta de ressalvas do Ministério de Minas e Energia, pela existência de licenças da mineradora Rio Tinto para a extração de bauxita bem na área onde seriam criadas as unidades de conservação.

“Quando uma ONG bem estruturada, com linguagem mais técnica e embasada chega para conversar, os formadores de opinião da cidade passam a ouvir mais. Por isso a presença da organização foi importante”

A Secretaria de Biodiversidade e Florestas do MMA, então, pediu a ajuda da SAVE Brasil para negociar com a empresa mineradora, que tinha uma parceria global com a BirdLife International, para que formalizasse a desistência da exploração da área. “Tivemos um grande sucesso com a mineradora, que escreveu uma carta de apoio à implantação das áreas protegidas ao governo federal, e as objeções foram retiradas”, lembra Jaqueline. Assim, em 2010, foram criados o Parque Nacional e o Refúgio de Vida Silvestre de Boa Nova, totalizando 27 mil hectares. “Do ponto de vista da proteção das florestas, as unidades de conservação colaboraram muito, por serem um instrumento efetivo, independentemente de não terem a gestão ideal. Há o entendimento de que são áreas protegidas, e atividades como a mineração não são realizadas, mesmo que as áreas não estejam regularizadas, com as desapropriações necessárias, e a efetiva implantação não tenha sido feita. Ainda existem muitas melhorias a serem implantadas na gestão dessas áreas protegidas, incluindo a sede do parque, por exemplo, que atualmente fica em Vitória da Conquista”, diz Edson. Segundo o biólogo, que coordenou o projeto por mais de dez anos, desde então o turismo cresceu muito na cidade, mesmo





O LAJEDO DOS BEIJA-FLORES

Às margens da mata de cipó, em Boa Nova, interior da Bahia, existe um afloramento rochoso de aproximadamente 20 mil metros quadrados, coalhado de bromélias, orquídeas e cactáceas. É um dos lugares mais interessantes para os amantes de aves que visitam a região, principalmente os que gostam de beija-flores. A vegetação baixa fornece alimento farto, mas uma planta em particular – o cacto cabeça-de-frade (*Pithecoseris pacourinoides*) – é visitada por pelo menos 12 espécies de beija-flores. O lajedo é uma propriedade particular, parte de uma fazenda de 50 hectares que foi comprada há cinco anos por intermédio da SAVE Brasil. Conhecido mundialmente – já foi tema de reportagem até da BBC de Londres – e visitado por pessoas de vários países, o lajedo dos beija-flores, como é conhecido o lugar, estava maltratado e tendia a desaparecer tanto pela presença de animais domésticos como pela visitação desordenada, que incluía levar cactos e orquídeas como souvenirs, mesmo que a retirada de granito tivesse sido interrompida já há alguns anos. O casal Ester Ramirez e Marcos Holanda, ambos observadores de aves, se encantou com o lugar na mesma proporção com que ficou preocupado com sua manutenção. “Aquele situação nos tocou muito, e perguntamos quem na cidade poderia nos ajudar a fazer contato com o proprietário. Nos indicaram o Edson, da SAVE Brasil, que nos apresentou ao dono da propriedade e colaborou na negociação. Em poucos meses, a compra foi efetivada”, lembra Ester. Agora o lajedo está cercado e protegido. A visitação continua permitida – a única condição é que se contrate um guia local, para incentivar o turismo na cidade e garantir que os visitantes não saiam das trilhas.



Proprietário rural exhibe com orgulho a placa em frente à sua fazenda atestando que a área está protegida



Retirada de lenha das matas de cipó, um dos maiores problemas enfrentados no início do projeto



Atividade de educação em uma escola de Boa Nova



Transformação: criança moradora de Boa Nova se encanta com o olhar através do binóculos



Grupo local de observadores de aves em uma das expedições frequentes em Boa Nova

não vinculado diretamente às unidades de conservação. “Hoje já temos no município boas pousadas e restaurantes para atender aos visitantes, principalmente observadores de aves que vêm de várias partes do mundo para ver o gravatazeiro e outras espécies”, conta. Os bons resultados, para Edson, foram possíveis porque a prefeitura estava realmente empenhada, e o apoio da SAVE Brasil dava fundamento técnico e caráter profissional às negociações com os proprietários de terra. Durante esse período, cerca de 400 hectares de reserva legal foram demarcadas nos municípios de Boa Nova, Dário Meira e Poções, e também restaurados 15 hectares de área de preservação permanente. A SAVE Brasil ainda teve participação direta na criação de uma reserva particular no lajedo dos beija-flores, área muito procurada por observadores de aves, que estava sendo dizimada pela retirada de

granito, plantas e animais. Com as questões básicas garantidas, principalmente a criação das unidades de conservação e o envolvimento da comunidade local, depois de 14 anos de atuação a SAVE Brasil descontinuou a ação direta em Boa Nova, para se dedicar a outras regiões ainda desassistidas. “Saí da SAVE, mas continuo morando na cidade, onde me casei e criei vínculos. Hoje, formamos um grupo de pessoas que atua para que não se perca o que foi conquistado. Há duas brigadas do ICMBio para a proteção das unidades de conservação, sendo que alguns brigadistas são observadores de aves, e o diretor de Meio Ambiente da prefeitura na época está novamente no cargo, consolidando a área ambiental no município”, diz o biólogo.



Pampa, sul do Rio Grande do Sul

ALIANÇA COM PRODUTORES RURAIS NO PAMPA

Conservação da paisagem em terras privadas, valorização do produtor e da cultura tradicional, integrando produção e biodiversidade.

VESTE-AMARELA (*Xanthopsar flavus*)

Família ICTERÍDEOS

pássaros-pretos, chopins e guaches

Comprimento 19 a 21 cm

Distribuição SC e RS

Grau de ameaça (EN)

O veste-amarela vive em bandos e alimenta-se de insetos que apanha no solo, como gafanhotos e besouros. Apresenta notável interação com a noivinha-de-rabo-preto (*Xolmis dominicanus*), provavelmente aproveitando o comportamento de sentinela dessa espécie. Habita os brejos cercados por capim curto, que costuma usar para forragear. Essa grama curta é muitas vezes resultado de fogo ou pisoteio pelo gado. A reprodução vai de dezembro a janeiro, realizada em pequenas colônias ou eventualmente em ninhos isolados.

As alterações no bioma Pampa causadas pela conversão do campo nativo em áreas de agricultura têm reduzido drasticamente sua população.

O Pampa faz parte do imaginário brasileiro, com o gaúcho campeiro tocando o gado em extensas áreas, onde a imensidão das planícies cobertas de gramíneas e varridas pelo vento serviu de cenário para inúmeros filmes, novelas e minisséries. Presente na Argentina, no Uruguai e nas regiões sul e sudoeste do Rio Grande do Sul, ocupa aproximadamente 176 mil km² em sua porção brasileira.

Mas a paisagem desse bioma tem sofrido uma série de impactos humanos, como a invasão de capins exóticos, principalmente oannoni, cultivo de monoculturas, como a soja, uso de pesticidas, queima, plantações de pinus e eucaliptos e assentamentos, além do represamento das águas para irrigação de arroz. Todas essas atividades têm um grande impacto na biodiversidade local, incluindo as mais de 200 espécies de aves campestres e migratórias que vivem por lá, 13 delas ameaçadas de extinção.

Diferentemente de outros biomas, entretanto, a criação de gado em campos nativos, atividade tradicional do Pampa, não compete com a biodiversidade. Por isso, a SAVE Brasil adotou na região uma estratégia de conservação da paisagem em terras privadas, voltada para a valorização do produtor tradicional, a partir da

formação de uma aliança que envolve, ainda, os países vizinhos Uruguai, Paraguai e Argentina. Assim, em 2006, foi criada a Alianza del Pastizal, com o objetivo principal de integrar a produção com a conservação da biodiversidade. Tudo começou em 2004, quando Michael Carroll, então coordenador de desenvolvimento social e economicamente sustentável do Banco Mundial na América Latina, conheceu a SAVE Brasil e outras organizações que trabalhavam com aves nos outros três países (Aves Argentinas, Guyra Paraguay e Aves Uruguay, todas representantes da BirdLife International em seus países). Após uma série de negociações, conseguiu recursos para viabilizar a criação da Alianza del Pastizal (pradaria ou pastagem em espanhol) da qual se tornou consultor sênior. Segundo Michael, o objetivo é consolidar e aumentar a produção pecuária do Pampa em campo nativo, fazendo um pacto entre a Alianza e o produtor.

UNIDADE DEMONSTRATIVA

Quando buscava parceiros para atuação na região, o diretor executivo da SAVE Brasil, Pedro Devey, conheceu Fernando Adauto, produtor rural que há anos desenvolvia manejo a partir de campo nativo em sua



AMBIENTE

- Pampa (campos nativos) do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Integração de produção com conservação de campos nativos
- Agronegócio sustentável, conservação em terras privadas
- Engajamento dos produtores e sindicatos rurais
- Valorização da cultura gaúcha e do produtor tradicional
- 241 produtores membros
- 139 mil hectares de campos nativos protegidos nas fazendas
- 242 espécies de aves beneficiadas (13 ameaçadas de extinção)
- Certificação de produtos (selo Alianza del Pastizal) em supermercados
- Mecanismos de apoio financeiros – linhas de crédito junto a banco regional

PRÊMIOS RECEBIDOS

Prêmio Wings Across the Americas (2016), concedido pelo US Forest Service – USA.

Prêmio O Futuro da Terra 2017 – Alianza del Pastizal – Preservação Ambiental, concedido pelo Jornal do Comércio – RS.

propriedade e era grande incentivador do sistema. Ainda nos anos 1980, Adauto sugeriu à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) uma pesquisa para mostrar que era possível a produção de novilho jovem em campo nativo, o que diziam ser impossível. Após dois anos do experimento, ganhou um prêmio da Embrapa como pioneiro nesse tipo de produção. Segundo seu filho, Adauto Loureiro de Souza, hoje a produção foi intensificada, e são produzidos novilhos um ano mais jovens do que 30 anos atrás. Fernando foi uma pessoa chave na criação da Alianza del Pastizal, responsável pelo engajamento de outros produtores, facilitando, com muita sabedoria, o diálogo delicado entre estes e os ambientalistas. Todo esse envolvimento levou Pedro a convidar Fernando a fazer de sua propriedade uma unidade demonstrativa para a Alianza, onde se pudesse acompanhar custos e resultados da produção de gado em campos nativos melhorados, para mostrar as vantagens do sistema para outros produtores da região. “Conseguimos mostrar resultados econômicos muito bons, comparáveis a qualquer outra atividade de lavoura ou a quem aplica herbicida. Mostramos que produção e sustentabilidade podem caminhar juntas, com uma lucratividade que aumenta a cada ano, principalmente por conta do uso de adubo e sementes nos primeiros anos. Depois, utilizamos ‘sementação’ natural a partir de manejo”, explica Souza. “Hoje, produzimos mais de 500 quilos por hectare praticamente sem alterar a paisagem, apenas utilizando espécies de inverno, potencializadas por adução, sem herbicida. Com isso, o gado convive com a fauna nativa sem problemas”, completa o produtor, responsável pela fazenda desde que seu pai faleceu em 2016.

CERTIFICAÇÃO

Em 2012, Michael Carroll se aposentou do Banco Mundial, mas continuou a participar ativamente da Alianza del Pastizal como conselheiro sênior. Morando em Punta del Leste, no Uruguai, em 2017 foi convidado pela SAVE Brasil para assessorar um projeto ambicioso, apoiado pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), de implementação de um sistema de certificação de propriedades comprometidas a manter, no mínimo, 50% da área com campos nativos. A ideia é que o produtor passe a produzir mais para conservar. “Ajudamos para que tenham um aumento de rentabilidade na produção de gado, e, em troca, eles

“Cresci indo para a fazenda com meu pai. Ele me passou seu conhecimento sobre produzir observando e respeitando a natureza”

cuidam e mantêm o Pampa. O produtor tradicional não costuma usar tecnologia, por isso trabalhamos com um programa demonstrativo e de extensão, para mostrar que é possível produzir mais”, explica Michael. “O mais importante é melhorar o campo nativo, a partir de espécies com melhores nutrientes, uso de adubos e maquinário. Sementes melhoradas compensam a pouca produtividade do campo nativo no inverno. Também defendemos o uso de cercas, com sistema de rotação, várias pequenas unidades para o manejo de animais e sistemas de alimentação especial para os cordeiros. Além disso, o projeto trabalha para abrir mercados e conseguir preços diferenciados para a produção de carne certificada, como



ADRIAN EISEN RUPP

Bando de veste-amarela (*Xanthopsar flavus*) em uma das fazendas certificadas pela Alianza del Pastizal





**O BANHADO E
SUA VEGETAÇÃO
CARACTERÍSTICA**

A colônia da veste-amarela (*Xanthopsar flavus*) procura abrigo no banhado, para construir seus ninhos.



Carne certificada com o selo da Alianza del Pastizal vendida em mercados do Rio Grande do Sul e São Paulo



Dia de campo na Estância São Crispim, em Lavras do Sul, 2019

um pagamento por serviços ambientais a partir de uma bonificação no preço, se comparado com o gado produzido em outras regiões. Atualmente, há revendas da carne da Alianza em lojas de São Paulo e Porto Alegre com o selo de qualidade que atesta um produto produzido na região do Pampa na América do Sul.

“Queremos que os proprietários da região produzam carne com a rentabilidade da soja ou do arroz. É um trabalho prático. Realizamos eventos, dias de campo, participamos de feiras, desenvolvendo um modelo de parceria entre o produtor e a sociedade civil”, diz Michael. Em dois anos, a SAVE Brasil passou de 100 para 200 propriedades participantes, representando 100 mil hectares de campos nativos com boas práticas de manejo. Além disso, o projeto firmou uma parceria com o Banco Regional do Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), que passou a oferecer uma linha de crédito subsidiada para implantação desse tipo de manejo, mais uma

“Ajudamos para que tenham um aumento de rentabilidade na produção de gado, e, em troca, eles cuidam e mantêm o Pampa. O produtor tradicional não costuma usar tecnologia, por isso trabalhamos com um programa demonstrativo e de extensão, para mostrar que é possível produzir mais”

forma de pagamento por serviços ambientais. Também foi criado o Grupo de Produtores da Alianza (GPA), para desenvolver um modelo de extensão rural com um técnico para cada 10 a 15 produtores. São ainda realizados dias de campo na propriedade demonstrativa. Um vídeo com o passo-a-passo do manejo dos campos nativos está

sendo finalizado por Souza. Em paralelo, a SAVE Brasil faz o monitoramento das espécies de aves que vivem nas fazendas certificadas, como uma maneira de verificar se o sistema de manejo está beneficiando de fato a biodiversidade do Pampa. Os resultados são promissores. Nas 35 fazendas monitoradas até o momento, foram encontradas 245 espécies de aves, sendo sete globalmente ameaçadas de extinção. Para Clayton Lino, presidente do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, que inclui o bioma Pampa, o trabalho da Alianza del Pastizal é muito importante para frear o uso de agrotóxicos naquela região do Brasil. “Produtores de soja, milho e arroz utilizam a pulverização por avião, matando a flora e fauna nativas do Pampa, e ainda carregando essas substâncias para os rios e para as áreas de conservação, como a Estação Ecológica do Taim, causando enorme impacto na economia local. A região tem uma importante agricultura tradicional,

que gera emprego e é estável, caso do mel, da azeitona, das frutas e do vinho, que está sofrendo com essas aplicações de herbicidas. Por isso apoiamos fortemente as ações da SAVE Brasil na região”, diz. “Atualmente, há uma campanha para não se consumir carne, mas precisamos diferenciar e mostrar ao mundo que não se pode falar em carne sem especificar de onde vem o produto. Com o gado, conseguimos conservar o bioma Pampa, porque as espécies nativas moram na mesma área que o boi. Atualmente, o resultado econômico dessa atividade no bioma não é suficiente para manter o produtor. Nos últimos dez anos, perdemos 3 milhões de hectares no Rio Grande do Sul para a soja, o arroz e o reflorestamento comercial”, conclui Michael Carroll.



Propriedades certificadas (por município)

Lavras do Sul	76	Canguçu	1
Dom Pedrito	28	Cerrito	1
Livramento	15	Herval	1
Bagé	14	Jaguarão	1
Caçapava do Sul	14	Joia	1
São Gabriel	10	Pinheiro Machado	1
Alegrete	7	Sta Margarida do Sul	1
Piratini	7	Santana da Boa Vista	1
Aceguá	6	São Lourenço do Sul	1
Quaraí	6	São Pedro do Sul	1
Uruguaiana	5		
Pedras Altas	3		
Butiá	2		
Itaqui	2		
Pelotas	2		
Rio Grande	2		
Rosário do Sul	2		
Cacequi	1		
Candelária	1		



Regiões Costeiras do Brasil

PROTEÇÃO DAS ROTAS DAS AVES MIGRATÓRIAS

Todos os países precisam trabalhar juntos para as aves migratórias completarem seus ciclos de vida

MAÇARICO-ACANELADO (*Calidris subruficollis*)

Família: SCOLOPACÍDEOS

maçaricos, narcejas e batuíras

Comprimento 18 a 20 cm

Distribuição Visitante do Hemisfério Norte

Grau de ameaça **NT**

É um grande viajante, que faz seu ninho na América do Norte, mas passa seis meses do ano no Brasil, Uruguai e Argentina. Pode ser encontrado na Europa esporadicamente nos meses de migração entre os hemisférios Norte e Sul. É um migrante raro das áreas boreais, que frequenta campos de capim baixo, e também aparece em areais ao longo de rios, sobretudo durante a migração para o sul. Pode ser visto, ocasionalmente, em pequenos bandos. Caminha em silêncio, movendo a cabeça com aspecto simpático. Quando espantado, dá um longo voo, faz uma volta e retorna à mesma área. Alimenta-se de minhocas, insetos aquáticos, larvas e sementes. A fêmea constrói o ninho no chão, tem bico preto e curto, pernas amarelas, coroa e partes superiores escamadas de marrom-escuro e tons de canela, com partes inferiores pardas. Um anel ocular claro destaca os olhos escuros em uma face “lisa”.

Há um grupo de aves que vive em praias e zonas úmidas próximas de água salgada, salobra ou doce. São conhecidas como limícolas. Algumas delas são residentes, mas boa parte é migratória, espécies que se deslocam anualmente entre seus locais reprodutivos e de invernada (onde se alimentam, descansam e fazem a muda de penas). Chegam a percorrer mais de 30 mil quilômetros por ano, cruzando continentes inteiros.

No Brasil, ocorrem 47 espécies de aves limícolas, 13 moradoras permanentes, quatro migrantes do cone-sul e 30 migrantes do Hemisfério Norte. Destas, cinco estão em risco de extinção: maçarico-de-papo-vermelho (*Calidris canutus*), maçarico-rasteirinho (*Calidris pusilla*), maçarico-acanelado (*Calidris subruficollis*), maçarico-de-costas-brancas (*Limnodromus griseus*) e batuíra-bicuda (*Charadrius wilsonia*), as quatro primeiras migrantes do norte e a última residente. Duas delas estão entre as que percorrem as maiores distâncias no planeta.

Para protegê-las, a SAVE Brasil atua em diferentes regiões do país e em parceria com outras organizações nas Américas. Sua atuação não se restringe ao trabalho de campo para manutenção dos habitats, mas envolve ações junto a várias instâncias nacionais e internacionais: como essas

aves não conhecem fronteiras, não adianta conservar uma de suas paradas se o caminho completo não estiver assegurado. “Todos os países precisam trabalhar juntos para as aves completarem seus ciclos de vida”, diz Juliana Bosi de Almeida, gerente de projetos da SAVE Brasil.

Juliana é especialista nessas aves e fez seu doutorado nos Estados Unidos sobre uma delas, o maçarico-acanelado, espécie que se reproduz no Alasca, na Sibéria e em ilhas canadenses no Ártico. Essas aves vêm passar o verão do Hemisfério Sul no Rio Grande do Sul, principalmente na Lagoa do Peixe, onde a SAVE Brasil desenvolve projetos junto à comunidade e com a colaboração do ICMBio e outros parceiros. Local mais importante do país para essas aves, a lagoa é protegida pelo Parque Nacional da Lagoa do Peixe, que é reconhecido como um Sítio Ramsar de Importância Internacional, faz parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e é um Sítio de Importância Internacional da Rede Hemisférica de Reservas para Aves Limícolas (WHSRN, na sigla em inglês).

Existem várias ameaças à Lagoa do Peixe, dentre elas a dificuldade de implementação efetiva do parque nacional por falta de regularização fundiária. Isso impede um trabalho consistente de aproximação com a comunidade que, carente de informações,



AMBIENTE

- Região costeira do Brasil (AP, PA, MA, RN, RS)

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Trabalho integrado e transfronteiriço – estratégia Flyways (rotas migratórias)
- Proteção das áreas costeiras chaves ao longo dessas rotas
- Monitoramento participativo
- Articulação internacional entre os países ao longo das rotas migratórias (governos e sociedade civil)

PRÊMIO RECEBIDO

AFSI Conservation Leadership Award (2018); concedido pela Atlantic Flyway Shorebird Initiative – AFSI) para o Grupo de Trabalho sobre Caça de Aves Limícolas integrado pela SAVE Brasil.

não consegue entender a importância e os benefícios que o parque traz à região. “Essas questões geram um afastamento da população em relação ao parque, por razões históricas. Tentamos aproximar a comunidade da unidade de conservação e das riquezas naturais locais, para que conheçam e queiram proteger a área”, diz Juliana.

Segundo a coordenadora do projeto, Raquel Carvalho, “além de atuar com a parceria de órgãos responsáveis, como o ICMBio, desenvolvemos atividades voltadas para professores e alunos, trazendo conceitos de serviços sistêmicos que permitem entender os benefícios que o ambiente traz para as pessoas”. Esse trabalho conta com parceria e mentoria do ornitólogo inglês Rob Clay, diretor da WHSRN, que já atuou no secretariado e com parceiros da BirdLife International e há 20 anos vive no Paraguai. “Rob é o patrono do programa porque trabalha conosco desde o início; ele tem uma enorme capacidade de ver as coisas por múltiplos ângulos e sempre acreditou na conservação com inserção social”, conta Juliana.

RIO GRANDE DO NORTE

Para migrar para o Brasil e sul da América do Sul, as aves limícolas usam uma rota via Pantanal (Central Flyway) ou via litoral (Atlantic Flyway). “Ao longo do litoral, diferentes áreas se destacam, como a Bacia Potiguar. Essa área, no Rio Grande do Norte, ainda não teve sua importância reconhecida, embora sirva de

Existem várias ameaças à Lagoa do Peixe, dentre elas a dificuldade de implementação efetiva do parque nacional por falta de regularização fundiária

descanso e alimentação para o maçarico-de-papo-vermelho. Trabalhamos para que as comunidades locais conheçam as aves limícolas e o que as ameaça, e para que entendam a importância da região para as aves e tenham orgulho de sua presença. Além disso, é importante que as práticas de uso de recursos sejam feitas de forma compatível com as necessidades das espécies no local”, diz Juliana.

A SAVE Brasil atua no Rio Grande do Norte há mais de quatro anos, mapeando espécies e construindo relações com a comunidade. Há quase dois anos mantém a equipe na região, que trabalha diretamente com uma escola da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Estadual Ponta do Tubarão, e pretende agora buscar parceria com a iniciativa privada local. “É uma área com vários usos, incluindo salinas e parques eólicos. Começamos a mapear proprietários para aproximá-los e convidá-los a trabalhar conosco”, conta Juliana.

REENTRÂNCIAS MARANHENSES

Considerada a região mais importante do país para as aves limícolas, as Reentrâncias



ALBERT AGUIAR

Maçarico-rasteirinho (*Calidris pusilla*) na Reserva Extrativista de Cururupu, MA



JORGE DANITAS

Bando misto de maçarico-de-papo-vermelho (*Calidris canutus*) e maçarico-de-costas-brancas (*Limnodromus griseus*) em Macau, RN



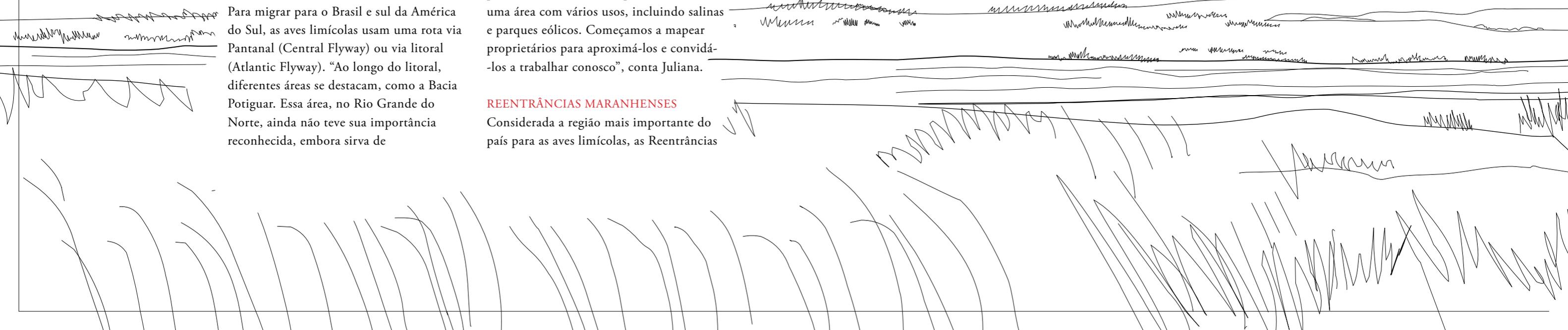
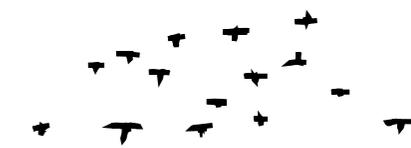
ELOIR DA SILVA

Maçarico-acanelado (*Calidris subruficollis*) no Parque Nacional da Lagoa do Peixe



ESTER RAMIRES

Batuíra-bicuda (*Charadrius wilsonia*)





REENTRÂNCIAS MARANHENSES

Baías, enseadas, manguezais; a costa do Maranhão é toda recortada, com grande variação de marés. Um ambiente perfeito para aves migratórias fazerem uma parada estratégica em sua longa migração entre o sul do continente e o Ártico.

As aves limícolas são excelentes indicadores da vitalidade e saúde de áreas como os manguezais, que são berçários para várias espécies de animais, no litoral, e também de áreas úmidas do interior, como o Pantanal

Maranhenses, na costa norte do país, também são foco do projeto da SAVE Brasil. As atividades na costa norte estão centralizadas na Reserva Extrativista de Cururupu, em várias unidades de conservação na região do Salgado Paraense e, no Amapá, na Reserva Biológica Piratuba e no Parque Nacional do Cabo Orange. “Fizemos um levantamento com as comunidades locais para checar se ainda existe caça de aves limícolas na região, e agora iniciamos análises para entender se o que existe tem impacto significativo na

DE PAI PARA FILHA

Aos 20 anos, a estudante de biologia Ingrid Silva da Silva mora em Mostardas, um dos municípios banhados pela Lagoa do Peixe. Ela trabalha no projeto com educação ambiental e pesquisa. “Converso com a população para saber se conhece e qual sua relação com o parque nacional. Também coletamos vegetação para medir o nível de carbono e valorar a área de conservação para a comunidade. Nosso objetivo é mostrar que não fazemos apenas conservação das aves, mas também um trabalho social por meio delas”, conta. Ingrid já era voluntária antes mesmo de ser contratada pela SAVE Brasil, desde que

população das espécies”, diz Juliana. Além disso, a SAVE Brasil desenvolve atividades voltadas a estimular voluntários a fazer o censo e o monitoramento dessas aves em todo o país, a partir da abordagem da Ciência Cidadã. “Precisamos dessa atuação em nível nacional e hemisférico para entender se aumentos ou diminuições das populações são apenas locais, acontecendo devido à troca de uma área por outra, ou se é uma alteração que aconteceu em vários locais e reflete uma mudança no tamanho da população como um todo”, explica Juliana. Esse é um trabalho contínuo que a organização realiza por meio do uso de um protocolo internacional – o International Shorebird Survey. Em 2019, a SAVE Brasil participou do 1º Censo Simultâneo de Aves Limícolas do Sul da América do Sul, que reuniu 33 voluntários no país e registrou mais de 15 mil aves ao longo de toda a costa do Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina. Esses dados farão parte de um atlas das aves limícolas da costa desses dois estados.

Juliana começou a trabalhar na organização. Conhecia a gerente de projetos desde criança, quando ela fazia pesquisas para seu doutorado na região. “Meu pai é artesão e faz miniaturas de aves, como o flamingo, e sempre recebemos muitos biólogos”, diz. Segundo Ingrid, “a oportunidade de ajudar de alguma forma o lugar onde cresci e vivo é indescritível. Além disso, sei que colaborei com outros lugares que, antes de iniciar o trabalho, eu nem conhecia. Todas as pessoas com quem convivo são como uma família. Já estou realizada profissionalmente antes de me formar!”

ESTRATÉGIAS INTERNACIONAIS

As aves limícolas são tão importantes que há várias iniciativas no mundo para protegê-las. A Rede Hemisférica de Reservas para Aves Limícolas (WHSRN, na sigla em inglês) possui 106 sítios em 17 países das Américas. Dependendo do número de aves limícolas (ou da porcentagem de indivíduos da espécie), o sítio pode ter importância hemisférica, internacional ou regional. No Brasil, há um de cada: Reentrâncias Maranhenses (hemisférica), Parque Nacional da Lagoa do Peixe (internacional) e Banco dos Cajuais, no Ceará (regional). A SAVE Brasil, que faz parte do Conselho da rede, atua nos dois primeiros e luta para que a Bacia Potiguar passe a fazer parte da lista. Para tanto, além do critério biológico, é necessário o comprometimento dos proprietários da área com sua conservação. Além disso, a SAVE Brasil está na coordenação executiva do Plano de Ação Nacional para Conservação das Aves Limícolas Migratórias, organizado e liderado pelo ICMBio, e de estratégias internacionais como a Iniciativa Pró-Aves Limícolas Migratórias na Rota Atlântica e a Midcontinent Americas Shorebird Strategy, estratégia nova em elaboração para a rota migratória central. Junto à Convenção sobre Espécies Migratórias de Animais Selvagens (Convenção de Bonn), a organização faz parte da America Flyway Task-force. Foi membro, ainda, do Comitê Nacional de Zonas Úmidas (CNZU) – Convenção de Ramsar até o final de 2018.



- ÁREAS DE REPRODUÇÃO
- PONTOS DE PARADA/INVERNADA
- PONTOS INTERMEDIÁRIOS
- ↔ ROTAS MIGRATÓRIAS



Da Bahia ao Rio Grande do Sul

REINTRODUÇÃO DA JACUTINGA NA MATA ATLÂNTICA

Extremamente perseguida por caçadores, a jacutinga era considerada uma iguaria, o que levou à extinção da espécie em boa parte de sua distribuição original

O Projeto Jacutinga é um dos mais emblemáticos da SAVE Brasil, por ser a primeira experiência envolvendo a soltura de animais em uma região onde a ave está praticamente extinta. A iniciativa surgiu a partir da necessidade de compensação ambiental de um projeto da Petrobras, e é desenvolvida nas Serras da Mantiqueira e do Mar, em São Paulo, e em uma área no Rio de Janeiro. Começa agora a ser replicada pela SAVE Brasil e pode se tornar uma referência na conservação de aves no país. Tudo começou em 2010, quando a Petrobras iniciou as obras do gasoduto Caraguatatuba-Taubaté (Gastau), para escoar a produção de gás natural do Campo de Mexilhão, no litoral Norte de São Paulo. O projeto previa que os dutos seriam subterrâneos dentro do Parque Estadual da Serra do Mar, desembocando próximo à represa de Paraibuna, a partir de onde seguiria pela superfície, cortando três quilômetros de uma mata bastante preservada, que faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) Mananciais do Rio Paraíba do Sul. É uma unidade de conservação federal de uso sustentável e protege as águas que abastecem a região. Chefe do Núcleo de Gestão Integrada

do Rio Paraíba do Sul do ICMBio, a bióloga Letícia Domingues Brandão ficou preocupada que a obra se tornasse um incentivo para desmatamento e caçadores, colocando a fauna local em perigo, e sugeriu que o túnel continuasse até o final da floresta. “Entrei na mata e ouvi cantos de aves ameaçadas de extinção, como a araponga (*Procnias nudicollis*), que não estavam listadas no estudo e no relatório de impacto ambiental (EIA-Rima)”, conta. Um novo EIA-Rima foi solicitado, mas um estudo técnico do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) constatou que o prolongamento do túnel oferecia risco de desmoronamento da represa e também aos funcionários da obra, por conta da renovação do ar durante a construção. O Ibama e o ICMBio solicitaram, então, que o impacto ambiental fosse mitigado. A sugestão foi a reintrodução no local de uma ave cinegética, espécie suscetível à caça, e o posterior monitoramento para ver se novas populações poderiam se estabelecer no local. Foi criado então o Projeto de Reintrodução de Aves Cinegéticas nas Serras do Mar e Mantiqueira. A jacutinga foi escolhida por ser uma ave ameaçada de extinção,

JACUTINGA

(*Aburria jacutinga*)

Família CRACÍDEOS

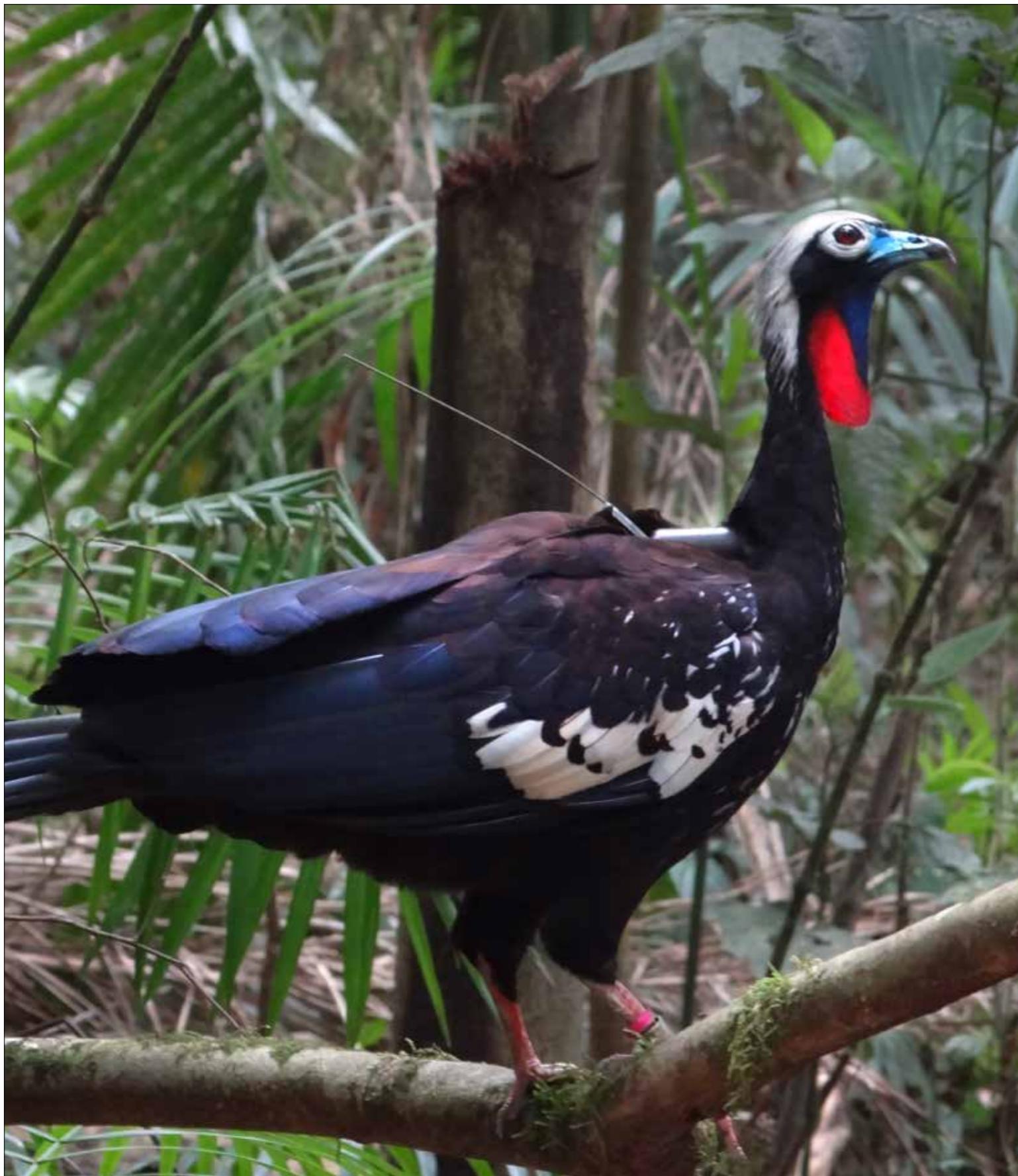
jacu, arancuan e mutum

Comprimento 64 a 74 cm

Distribuição BA a RS

Grau de ameaça (EN)

A jacutinga ocorria desde a Bahia até o Rio Grande do Sul. Atualmente, está extinta na Bahia, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Populações nativas ainda ocorrem em Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e em remanescentes de Mata Atlântica no Paraguai e Argentina. É uma ave grande com peso entre 1,1 a 1,4 kg, fácil de identificar por conta da mancha branca na asa que se destaca na plumagem predominante preta. Alimenta-se de mais de 40 frutos; o principal deles é o do palmito-juçara (*Euterpe edulis*), do qual regurgita ou defeca as sementes, o que contribui para sua dispersão e para a restauração florestal como um todo. Em menor quantidade, come artrópodes e botões de flores. A jacutinga já foi considerada uma iguaria. Por isso, além da perda de habitat, a espécie está ameaçada de extinção em função da caça. Era muito comum até as décadas de 1940 e 1950, quando era caçada aos milhares.



AMBIENTE

- Mata Atlântica, Serra da Mantiqueira, São Francisco Xavier – SP

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Treinamento das aves a serem soltas em um viveiro localizado no meio da floresta já no local de soltura
- Criação em cativeiro para fornecer aves para a soltura (zoológicos e criadores)
- 30 jacutingas soltas na natureza e 117 manejadas em cativeiro
- Monitoramento das aves soltas e voluntariado
- Educação e engajamento da comunidade local
- Estudos de comportamento gerando conhecimento científico sobre a espécie



Participação do Projeto Jacutinga da Mostra pedagógica da Escola Municipal Mercedes Rachid Edwards – São Francisco Xavier, SP



Crianças de São Francisco Xavier em atividade de observação de aves na área de soltura das jacutingas



Viveiro de reabilitação – São Francisco Xavier, SP



Apresentação do Projeto Jacutinga aos alunos da Escola Municipal Mercedes Rachid Edwards – São Francisco Xavier, SP

muito rara e visada para a caça. Consta que foi o prato principal da última refeição da família real antes de deixar o país após a proclamação da República. Letícia conhecia a BirdLife International desde que, durante uma temporada na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, colaborou com a organização na identificação de aves endêmicas para a conservação no Brasil. Por isso, indicou a SAVE Brasil à Petrobras para conduzir a primeira fase do projeto, que consistia em fazer um levantamento em campo, para saber se havia jacutingas no local e conduzir um programa de educação ambiental, etapas preliminares no processo de reintrodução de uma espécie. Durante um ano, a equipe da SAVE Brasil percorreu 150 km na Serra do Mar, entre Caraguatatuba, Natividade da Serra e

Paraibuna, anotando as aves avistadas no percurso tanto por meio visual como pelos sons. Em todo esse percurso, apenas um indivíduo de jacutinga foi encontrado. “Confirmamos que a população da ave estava depauperada na região”, diz a bióloga Alecsandra Tassoni, especialista em reabilitação e soltura de animais e coordenadora do Projeto Jacutinga na organização. Paralelamente, foram desenvolvidas atividades de sensibilização junto à comunidade e articulação com os órgãos ambientais de fiscalização em Paraibuna. O envolvimento foi tanto que os ônibus daquela cidade tinham a jacutinga pintada. Por outro lado, durante as atividades de educação ambiental nas escolas rurais da região, as crianças relatavam que a caça era prática comum entre seus pais.





UM NOVO LAR PARA A JACUTINGA

Nos contrafortes da Serra da Mantiqueira, São Francisco Xavier recebe de braços abertos o projeto de reintrodução da Jacutinga.

A VIDA NA NATUREZA

Readaptar uma ave nascida em cativeiro para que viva livre não é um processo simples. É como pegar uma criança criada dentro de um apartamento, abrir a porta e dizer: agora saia e se vire, consiga sua própria comida, identifique os perigos que há lá fora. Para que dê certo, é preciso muito preparo.

Quando chegam ao viveiro de reabilitação, as jacutingas passam por um treinamento de pelo menos três meses. Acostumados a comer ração, os indivíduos são apresentados a uma diversidade de frutos e precisam aprender a se alimentar com eles, assim como a encontrar água e a não ser comidos pelo primeiro predador que aparecer. Para tanto, são submetidos a um treinamento em que se associa a imagem do predador com algum estímulo aversivo. O animal precisa memorizar esse estímulo e passar no teste de aversão.

Nem todos passam no teste: no primeiro grupo, dos 12 indivíduos, dois foram reprovados no reconhecimento de predador e alimentação; no segundo grupo, mais dois. Depois de soltos, a vida não fica fácil: alguns são recapturados, por se verificar que não estavam totalmente adaptados, alguns morrem por predação, outros se perdem e não se sabe o que aconteceu. O terceiro grupo de jacutingas, com nove indivíduos, chegou em setembro de 2017, na época reprodutiva. Resultado: os animais não se concentravam no treinamento e só puderam ser soltos em abril de 2018. A cada soltura, identificam-se novos riscos – como predadores – e possibilidades. Todas as informações serão usadas para a elaboração de um protocolo de soltura e monitoramento da espécie.



Jacutinga no viveiro de reabilitação em dezembro de 2015 – São Francisco Xavier, SP



Instalação do radiotransmissor na jacutinga que será solta

PREPARANDO A SOLTURA

Em 2014, em uma segunda etapa do projeto, a SAVE Brasil foi novamente contratada pela Petrobras para desenvolver o projeto de soltura propriamente dito, processo que até hoje envolve muitos desafios. O primeiro deles foi encontrar criadouros no Brasil para ceder as aves criadas em cativeiro.

“O símbolo de São Francisco Xavier sempre foi o miqui, mas agora ganhou a companhia da jacutinga. Antes, era comum ver jacus na praça. Espero que um dia possamos também ter jacutingas andando por aí.”



Manejo de jacutingas no viveiro de reabilitação em dezembro de 2015 – São Francisco Xavier, SP



Rádio instalado no dorso da jacutinga

Embora existisse um bom plantel, apenas a Companhia Energética de São Paulo (CESP), em Paraibuna, concordou em ceder animais. O segundo desafio foi escolher os locais de soltura. Como a Serra do Mar, apesar da proteção oficial, ainda é um local visado para caça e extração de palmitos, ICMBio e SAVE Brasil concordaram, com apoio da Petrobras, que seria melhor encontrar um local mais protegido para aumentar as chances de sucesso das solturas, e Aleksandra foi contratada para coordenar o projeto. Junto com Letícia, do ICMBio, saíram em busca de possíveis áreas até encontrar a fazenda Gaia, em São Francisco Xavier, um distrito rural de São José dos Campos, na Serra da Mantiqueira. Antiga região de pecuária leiteira, São Francisco Xavier foi descoberta para o turismo a partir dos anos 1990, quando a

estrada até lá foi pavimentada. Desde então, antigos pastos hoje se transformaram em bosques e matas, com cachoeiras, corredeiras e trilhas que atraem tanto moradores de segunda residência como adeptos do ecoturismo. A comunidade é sensível à conservação da natureza, principalmente por conta da presença de muriquis (*Brachyteles arachnoides*), os maiores macacos das Américas. Segundo Letícia, a maior parte das propriedades é de pessoas que querem proteger a área, como é o caso da Gaia, onde funciona um retiro, cuja mata é repleta de juçara, alimento preferido da jacutinga. Mesmo que São Francisco Xavier fosse uma área mais protegida, a preocupação com caçadores existia, tanto que o viveiro ficou escondido na mata e sua construção foi realizada praticamente em segredo. O período de adaptação no viveiro é fundamental, pois as aves, criadas em cativeiro com ração, precisam aprender a se alimentar sozinhas. Necessitam ganhar musculatura para voo, aprender a beber água na natureza e, muito importante, a reconhecer e fugir de predadores.

ENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE

A aproximação do Projeto Jacutinga da Casa de Cultura Julio Neme começou em 2015, quando foi decidido que o viveiro de reabilitação e a soltura das jacutingas aconteceria em São Francisco Xavier. Localizado na praça central, o espaço é o ponto de confluência das atividades sociais da localidade. Quando soube que estavam organizando atividades para a Semana do Meio Ambiente, a coordenadora do Projeto Jacutinga, Aleksandra Tassoni, ofereceu-se para realizar uma oficina de dobraduras de animais. “Não sabíamos da existência da jacutinga nem que ela existiu aqui na região, mas acreditamos que qualquer iniciativa de conservação é bem-vinda, e desde

As primeiras jacutingas chegaram em março de 2016. “As 12 aves saíram às 4h30 da manhã do criadouro em Paraibuna para o viveiro de reintrodução em vários carros, nem respirávamos de tanta ansiedade. Mas foi tudo perfeito”, lembra Letícia. Desde então, outros três grupos foram adaptados e soltos na Serra do Mar e na Serra da Mantiqueira, em São Paulo, e também no Rio de Janeiro, neste último com patrocínio da Fundação O Boticário. No total, foram 32 jacutingas soltas pelo projeto.

MÚLTIPLAS ATIVIDADES

Para dar variabilidade genética aos animais soltos, foram contatados novos criadouros, como o da Universidade Estadual Fluminense, onde o professor Carlos Ruiz Miranda, especialista que havia participado da reintrodução do mico-leão-dourado (*Leontopithecus rosalia*) no Rio de Janeiro, se comprometeu a criar jacutingas para o projeto. Além dele, o Parque das Aves, em Foz do Iguaçu, a Fundação Zoológico de São Paulo e a Fundação Zoológico do Rio de Janeiro se comprometeram a participar.

então abrimos esse espaço para divulgação do projeto”, conta Bartira Moura Rosa, coordenadora da Casa de Cultura. Ela lembra que, depois da oficina, o pessoal da SAVE Brasil começou a conversar com os moradores e fez a primeira observação de aves na região, que terminava no viveiro de reabilitação. Segundo Maurício Moncosso, que trabalhava na Casa de Cultura, o projeto incentivou o movimento de aproveitamento de São Francisco Xavier para a observação de aves, abraçado tanto pelo poder público, com a publicação de um guia de aves e realização de eventos, como pela população.

REPRODUÇÃO

O desafio para que a reintrodução da espécie se perpetue é que os animais se reproduzam. Essa é a grande expectativa da equipe do projeto, que acompanha a vida do grupo como se fosse um *reality show*, como descreve Alecsandra: “Pretinho é nosso ‘muso’. É do primeiro grupo a ser solto e saiu do viveiro no primeiro dia em que as portas foram abertas. Depois, ficou cinco dias desaparecido e voltou. Foi o primeiro que monitoramos comendo coquinho de juçara no cacho. Ele permaneceu por perto e, quando a fêmea Mangue chegou, no segundo grupo, demonstrou interesse nela antes de ser solta. No dia seguinte à soltura, Mangue subiu no teto do viveiro e Pretinho foi para cima dela, mas desajeitado. Ela foi embora e voltou meses depois. Quando o encontrou, abriu a cauda em leque. Desde então, não se largaram mais. Em fevereiro de 2018, Mangue colocou dois ovinhos, que chocou por 17 dias, até uma chuva forte levá-los embora”.

Embora a afeição seja inevitável, a preocupação dos pesquisadores é científica. Alecsandra fez um curso sobre viabilidade populacional e aprendeu a usar um *software* que calcula a densidade para que a população seja viável. “Precisamos ter uma população mínima para soltura e repetir isso ao longo dos anos. A porcentagem de predação para reintrodução é de 50%. Das 13 jacutingas que recebemos em 2019, dois machos foram reprovados (Sanção e Jataí) e enviados para serem reprodutores no Parque das Aves, em Foz do Iguaçu. Três foram predados e um morreu de estresse – era um bicho sensível, que também deveria ter sido reprovado”, diz a bióloga, que chora ao lembrar de cada um dos que foram perdidos.



A jacutinga se alimenta dos frutos de mais de 40 espécies de árvores de Mata Atlântica, funcionando como dispersora de sementes, especialmente do palmito-juçara. O retorno das jacutingas à natureza representa o restabelecimento de interações ecológicas importantes na manutenção da floresta

Paralelamente, foram realizadas ações de educação ambiental na comunidade, voltadas principalmente para professores de escolas do entorno das áreas de soltura, incluindo a produção de um guia de práticas e saberes da natureza. Foram capacitados 106 professores em oito escolas, com 2 mil alunos, em um total de 12 mil pessoas envolvidas em palestras e atividades. Todos os alunos receberam um livro sobre a jacutinga. A SAVE Brasil mantém uma sede em São Francisco Xavier e participa das festas locais, principalmente da tradicional festa junina, onde cuida de uma das barracas mais movimentadas, com a divulgação da conservação das aves, da jacutinga e da Mata Atlântica. Além disso, foi criada uma rede para prevenção da extração de palmitos, que

envolveu policiais e gestores das áreas de proteção ambiental municipal, estadual e federal da região. De dois anos para cá, o abandono de cachorros passou a ser um problema. Estes começaram a ser flagrados pelas câmaras do projeto entrando na mata e predando animais silvestres. Um projeto específico para as atividades de posse responsável de animais domésticos foi iniciado com apoio da BirdLife International. Por meio dele, foram produzidos materiais de comunicação e palestras para mostrar a importância das unidades de conservação e os perigos do abandono de animais, não apenas na forma de danos para a natureza como também pelos riscos de doenças. Os donos foram aconselhados a castrar e a manter os bichos em casa. Placas de identificação

e coleiras foram distribuídas. O trabalho de conservação das jacutingas promove ainda a observação das aves e a participação da comunidade nos monitoramentos. Segundo Letícia, o projeto trouxe para São José dos Campos o conhecimento e uma noção de pertencimento para sua área rural. O município como um todo passou a se envolver com a observação e conservação de aves. Em 2019, a prefeitura promoveu, em São Francisco Xavier, a primeira Semana de Observação de Aves.

“Reintrodução é um processo de longo prazo. Para dar resultado, necessitamos de muitos anos. Os animais precisam sobreviver, se reproduzir na natureza, assim como seus filhotes. São essenciais pelo menos três gerações. Por isso o trabalho da SAVE Brasil é tão importante. É uma organização comprometida com a causa, tanto que o projeto da Petrobras terminou e buscaram novos recursos para continuar. Queremos tirar a jacutinga da lista de animais ameaçados”, diz Letícia.



Sertão da Bahia

UM HABITAT PARA A ARARINHA-AZUL

Uma comunidade aguardando ansiosamente a volta de uma espécie símbolo da Caatinga

ARARINHA-AZUL
(*Cyanopsitta spixii*)

Família PSITACÍDEOS

periquitos, papagaios e araras

Comprimento 57 cm

Distribuição NE

Grau de ameaça 

A ararinha-azul é a única espécie descrita do gênero *Cyanopsitta*. Desde 2001 foi declarada extinta na natureza. Vivía na Caatinga em matas de galeria dominadas por caraibeiras associadas a riachos sazonais no extremo norte do estado da Bahia, ao sul do rio São Francisco, nos municípios de Juazeiro e Curaçá. Possui plumagem azul, variando de tons pálidos a vívidos ao longo do corpo. Pouco se conhece sobre sua ecologia e comportamento na natureza. Sua dieta consistia principalmente de sementes de pinhão-bravo e faveleira. A nidificação era feita no alto das caraibeiras, em ocós naturais. O período de reprodução estava associado à época das chuvas. Atualmente existem cerca de 189 ararinhas, todas vivendo em cativeiro.

Em junho de 2016, a equipe da SAVE Brasil recebeu um telefonema inusitado. De Curaçá, na Bahia, a voluntária Damylis Oliveira contava que uma ararinha-azul havia sido avistada próxima à sua casa, na zona rural, divisa entre Juazeiro e Curaçá. Espantados com a notícia, já que a espécie não era encontrada na natureza desde o ano 2000, orientaram Damylis a tentar registrar a ave, de preferência por meio de vídeo. Foi o que ela fez.

Naquela mesma madrugada, Damylis e sua mãe, Maria de Lourdes da Silva Oliveira, ficaram de tocaia no local onde a ararinha-azul tinha sido vista e conseguiram um registro de nove segundos. Foi o suficiente para o diretor executivo da SAVE Brasil, Pedro Develey, e o então coordenador do Projeto Ararinha na Natureza, Edson Ribeiro Luiz, comunicarem a Diretoria de Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente (parceira do projeto) e viajarem imediatamente ao local. Infelizmente, apesar de terem realizados várias buscas, a ave não foi encontrada novamente. Desconfia-se que tenha sido um animal de cativeiro libertado uma semana antes, quando houve uma grande fiscalização do Ibama na região. A ave pode, depois de ser avistada, ter sido predada ou simplesmente retornado para o local de onde foi solta.

Sua aparição, porém, serviu para renovar as esperanças de cientistas e da população local na reintrodução da ararinha-azul em seu lugar de origem, na Caatinga baiana. E é para garantir que a façanha seja possível que a SAVE Brasil atuou na região, entre os anos de 2012 e 2017, com atividades voltadas a conservar seu habitat natural e engajar os moradores locais.

A relação da SAVE Brasil com a família Oliveira teve início logo que a equipe da organização começou a realizar reuniões com os moradores para apresentar o projeto. Lourdes compareceu a uma delas, em uma fazenda próxima à sua propriedade, e ouviu sobre a importância de se ter áreas protegidas na região para preservar o que resta do bioma Caatinga. Assim que o encontro terminou, chamou o coordenador do projeto para uma conversa particular e disse que, se era uma área que eles queriam, ela tinha uma para oferecer.

CERCADO DA ARARINHA

“O sonho do meu pai, Crispiniano Cândido de Oliveira, era doar uma terra para a preservação ambiental. Era um amante da ararinha-azul e esperava que seus netos pudessem vê-la voar pela região como ele teve oportunidade quando era jovem”, conta Lourdes. “Mostramos a área de 28



AMBIENTE

- Caatinga – sertão da Bahia – município de Curaçá

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Proteção do habitat: criação do Refúgio de Vida Silvestre Ararinha Azul – 29234 hectares
- Criação da Área de Proteção Ambiental Ararinha-azul – 90642 hectares
- Reserva privada para a volta da ararinha mantida por uma família local
- Educação e disseminação com elevado engajamento local – alta expectativa para o retorno da espécie – identificação com a comunidade



Alunos de Curaçá exibindo suas pinturas no Festival da Ararinha 2013

hectares à equipe do projeto e acertamos a criação de uma Reserva de Caatinga. Painho assinou contrato com Pedro, em 2013, durante uma reunião em Curaçá. A SAVE Brasil comprou madeira e todo o material para a cercar o local, nós bancamos metade da mão-de-obra para terminar a obra voluntariamente. Não nos desligamos mais da SAVE Brasil.”

Manter a reserva, conhecida como Cercado da Ararinha, tornou-se uma missão de vida para Lourdes e mais tarde também para sua filha Damylis. Quando seu pai faleceu, em 2014, aos 94 anos, Lourdes renovou o acordo para que a SAVE Brasil continuasse a cuidar da reserva. “Meu avô doou parte da propriedade da família para que seus netos pudessem ver a ararinha na natureza. É incrível que ela tenha reaparecido logo depois para sua filha e sua neta”, diz Damylis. “Quando passou mal, foi levado para o hospital em Petrolina, onde acabou

Desde que a área foi cercada, evitando a invasão de cabras e bodes, a mata vem se recuperando. A quantidade de aves e outros animais nativos tem aumentado



Edson Ribeiro, da equipe do Projeto, pintando com aluno de Curaçá no Festival da Ararinha em 2013

falecendo, no carro do Projeto Ararinha na Natureza. Foi sua última viagem e usava uma camiseta da ararinha-azul. Contava que, quando era novo, passavam bandos de 20 ararinhas voando”, relembra ela. Desde que a área foi cercada, evitando a invasão de cabras e bodes, a mata vem se recuperando. Agora, quando o riacho intermitente Barra Grande, que margeia a reserva, enche de água na época das chuvas, já não destrói tudo como acontecia antes. A quantidade de aves e outros animais nativos tem aumentado, mas ainda é difícil evitar a entrada de animais domésticos, principalmente as cabras – tradicionais na região –, na época seca. “É onde tem mais alimento. Abrimos um caminho no meio da reserva para que possam passar, mas ainda assim alguns conseguem furar a cerca e entrar. Vamos lá e consertamos”, diz Lourdes. Para minimizar o problema, a SAVE Brasil incentiva que os moradores plantem palma, para que os animais não precisem entrar na Caatinga para se alimentar. Na propriedade de Lourdes, o plantio foi financiado pela SAVE Brasil e pela prefeitura de Juazeiro. Alguns moradores, inclusive Damylis, ganham uma bolsa para cuidar da plantação. “Sentimos o resultado na natureza e no bolso, pois também compramos menos ração”. A SAVE Brasil



A Caatinga no riacho Barra Grande em Curaçá

doou uma caixa d’água para a propriedade.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E VOLUNTARIADO

O trabalho de educação ambiental realizado pela SAVE Brasil resultou em um grande envolvimento da população, que se reconectou com a ararinha azul. Como a ave desapareceu há quase 20 anos, há toda uma geração que não conhecia sua história. O início do projeto coincidiu com o sucesso do desenho animado *Rio*, o que deixou a ararinha famosa mundialmente e ajudou muito no trabalho de disseminação da informação localmente, mas também trouxe algumas questões a serem retificadas: em 2012, uma pesquisa realizada pela organização com 361 crianças de Curaçá mostrou que quase todas tinham assistido ao desenho animado e 97% delas acreditavam que a ararinha vivia no Rio de Janeiro. Atualmente, em Curaçá, são realizadas festas e maratonas da ararinha-azul. Até quadrilha de São João em escolas têm a ave como tema. “Antigamente, crianças da idade do meu neto Fernando, de 7 anos, usavam baladeira para matar pássaros. Hoje eles sabem que não podem prender nem matar. Outro dia, um menino da redondeza me trouxe uma jandainha doente para cuidar. Aprendemos a plantar no jardim espécies que os bichos comem.



Atividade do Projeto com agentes de saúde de Curaçá

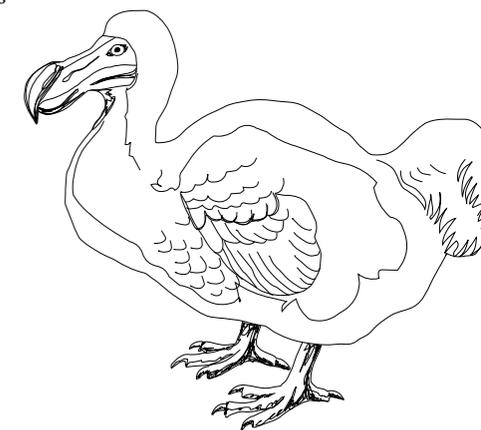
E agora temos muitos pássaros, beija-flores e borboletas nos quintais”, conta Lourdes.

FATOR MOTIVADOR

O filme da ararinha-azul feito por Damylis foi divulgado mundialmente nas redes sociais pela SAVE Brasil com a ajuda da BirdLife International, obtendo mais de 400 mil visualizações em poucas horas. Os maiores jornais do mundo noticiaram e replicaram a notícia. Além das buscas imediatas da SAVE Brasil, no mês seguinte o ICMBio organizou expedições com a participação de pesquisadores, observadores de aves e voluntários do Brasil e estrangeiros para buscar a ave. Foram três semanas de procura. Esse fato também demonstrou a capacidade de organização da comunidade local, que criou um grupo de Whatsapp para facilitar a comunicação e controlar movimentações suspeitas em toda a área. A aparição da ararinha em 2016 motivou ainda que o ICMBio agilizasse o processo de preparação para a reintrodução da espécie. Para tanto, desenvolveu um projeto de monitoramento de maracanãs-verdadeiras (*Primolius maracana*), um tipo menor de ararinha comum na região, com hábitos parecidos com os da ararinha-azul. O objetivo é entender como essas aves vivem para poder monitorar a reintrodução,

EXTINÇÃO

As extinções ou desaparecimento total de uma espécie na Terra são um processo natural que faz parte da evolução do planeta. No entanto, esse processo se torna preocupante quando ele é causado por alterações do ser humano nos ambientes naturais. Nos últimos 100 anos, cerca de 60 espécies de aves foram extintas em todo o planeta por interferência direta do homem na natureza. No ano passado, a BirdLife International e a IUCN oficializaram a extinção de mais três espécies de aves na Mata Atlântica do Nordeste que não conseguiram sobreviver às altas perdas de vegetação nativa na região.



O dodô é um exemplo de uma ave que desapareceu para sempre da natureza no século XVII em decorrência da ação humana.



A CAATINGA RESISTE

Ao longo do rio Melancia, a vegetação se mantém conservada, com as altivas caraibeiras delineando suas margens. Aqui foi criado um Refúgio de Vida Silvestre, um espaço preservado onde a caatinga aguarda o retorno da ararinha-azul.

uma vez que as maracanãs deverão servir de modelos para as ararinhas-azuis.

Vários jovens foram treinados para fazer o monitoramento por radiotelemetria, rapel, captação audiovisual, ilustração científica. “Acompanhamos casais desde que começam a colocar ovos no ninho, pegamos os ovos, pesamos. Quando nascem os filhotes, colocamos anilhas, pesamos, fazemos exame de sangue”, explica Damylis, que, com duas amigas, são as voluntárias mais antigas do programa. Após o período reprodutivo, acompanham as aves nas fazendas e comunidades circunvizinhas na região de Curaçá e Juazeiro. “Fazemos o monitoramento três vezes por semana, em um carro do ICMBio. São mais de 40 quilômetros por dia. Antes tínhamos uma ajuda de custo, mas o governo cortou os recursos”, conta.

A experiência mudou a vida de Damylis, que, aos 19 anos, espera cursar biologia e se dedicar a projetos como o da ararinha-azul. Por conta disso, também foi convidada pela SAVE Brasil para participar de duas edições do Avistar, em São Paulo. Em 2017, fez uma palestra sobre o reaparecimento da ararinha. Em 2019, foi acompanhada pelas parceiras Mércia e Tatiane para contar

suas experiências no monitoramento das maracanãs, com o tema “Heroínas de sonhos coletivos”. “Esperamos um dia fazer esse trabalho com as ararinhas-azuis na natureza”, diz.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Dentro do Projeto Ararinha na Natureza, a SAVE Brasil realizou estudos técnicos e participou de todo o processo, junto com o ICMBio, para a criação de unidades de conservação na região. Em 2018 foram criados o Refúgio de Vida Silvestre Ararinha-Azul, com 29989 hectares, e a Área de Proteção Ambiental Ararinha-Azul, com 89996 hectares, nos dois municípios de ocorrência da ave.

O objetivo dessas áreas protegidas é garantir a preservação da Caatinga para a futura reintrodução da ararinha-azul. A ideia é que todo o trabalho realizado pela SAVE Brasil e pela família de Lourdes na recuperação do habitat original das ararinhas – como o cercamento de áreas de Caatinga e a remoção de animais domésticos, além das unidades demonstrativas, com plantação de palma para alimentar os rebanhos locais – seja replicado dentro das duas unidades de conservação.

SOLTURA PROGRAMADA PARA 2021

O processo de desaparecimento da ararinha-azul na natureza, por conta tanto da destruição da Caatinga como do intenso tráfico de que foi vítima, foi acompanhado por pesquisadores e pela imprensa até que o último exemplar monitorado desaparecesse em 2000. Atualmente, existem 189 indivíduos da espécie registrados no mundo, em criadouros da Alemanha, Bélgica, Singapura e Brasil.

Um contrato foi assinado em 2019 entre o governo brasileiro e a Association for the Conservation of Threatened Parrots (ACTP),

uma entidade privada na Alemanha, para o repatriamento de 52 indivíduos da ave para serem reintroduzidas na natureza até 2021. Um centro de reprodução e reabilitação das ararinhas, com um viveiro de mais de 3 mil metros quadrados para preparar as aves para a soltura, está em construção em Curaçá. “Graças ao trabalho realizado pela SAVE Brasil e pelos demais parceiros do projeto na região, a comunidade está ansiosa para receber as ararinhas e pronta para ajudar em seu monitoramento”, diz Lourdes Oliveira.

UM DIA INESQUECÍVEL

A madrugada do dia 18 de junho de 2016 foi um dos momentos mais especiais na vida de Damylis Oliveira e sua mãe Lourdes. Ela descreve aqui como as duas encontraram e fizeram o último registro conhecido de uma ararinha-azul na natureza:

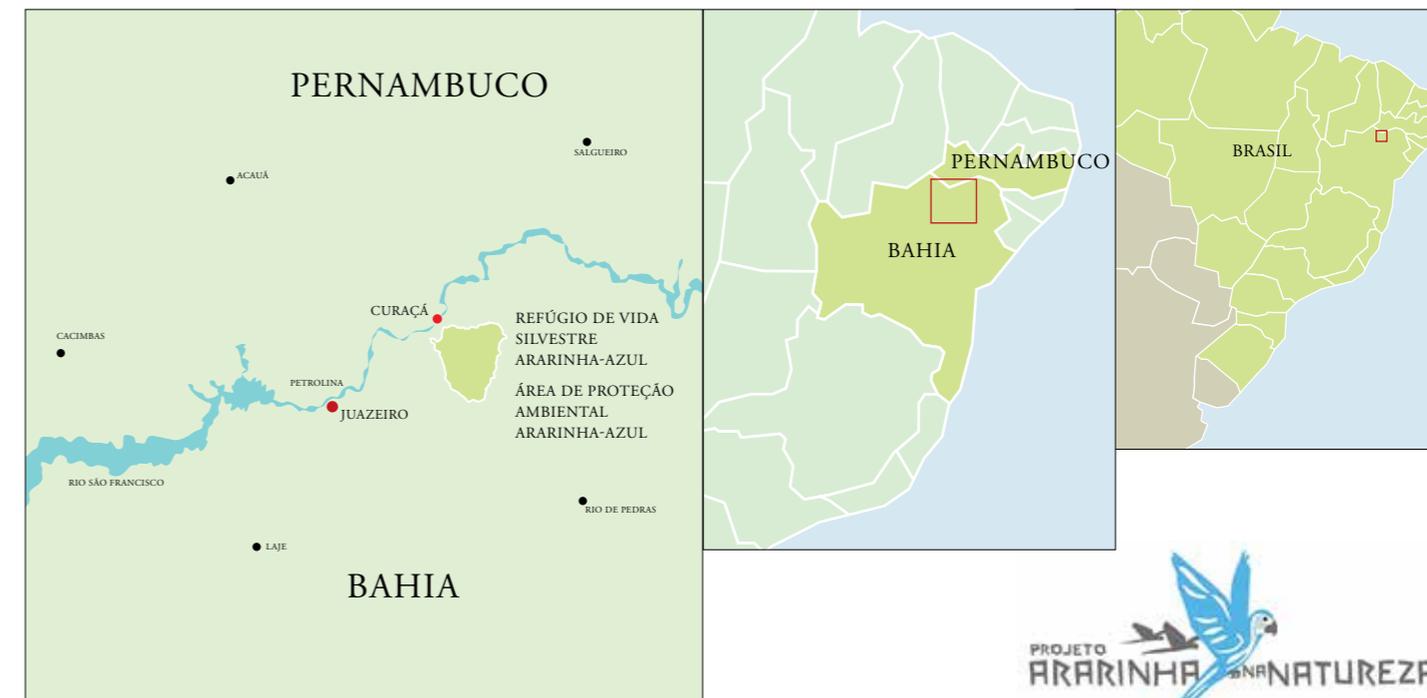
“Era final de tarde e estávamos eu, mãe e pai na roça ao lado de casa plantando palma. Eu estava ouvindo música no celular, mas pai e mãe ouviram um ‘cró’, que acreditaram ser de um gavião. No início da noite chegou meu primo Naldo, nosso vizinho, com a esposa e o filho, e contaram ter visto uma ararinha-azul no chão de casa. O menino, de 7 anos, disse que era igual à foto da placa que temos na sala. Nesse momento meus pais lembraram do ‘cró’ que tinham ouvido. Manoel, que mora na casa do meio, também escutou o gavião da ave.

Como a ave voou quando chegaram perto, Naldo foi até a várzea perto da reserva, onde há vários pés de caribeira, árvore predileta da ararinha, e voltou a escutá-la. Por isso veio nos contar.

Concluimos que, se estava lá, ia passar a noite, pois dormem em árvores altas. Entramos em contato com a SAVE Brasil e nos pediram para tentar fazer um registro, em foto ou vídeo.

Eu e mãe colocamos o celular para despertar às 3h30, mas acordamos antes. Vestimos roupas de frio e fomos para a caribeira. O dia não amanhecia nunca. Às 5h30 o sol começou a clarear; cantou papagaio, maracanã e nada de ararinha. Às seis horas já estávamos desanimadas e resolvemos ir embora.

Andamos uns 15 metros e mãe disse que escutou a ararinha, e eu também ouvi o ‘cró’, que é único e inconfundível: mais grosso que o da maracanã e mais delicado que o do papagaio. Retornamos à árvore e depois de uns 15 minutos vi um galho se mexer e comeci a filmar. Ela voou e consegui fazer o vídeo de nove segundos. Tínhamos certeza de que era uma ararinha-azul, embora estivesse com a cauda estragada, indício de que deveria ter escapado de uma gaiola.”



Mata Atlântica do Espírito Santo

UMA MATA CONSERVADA PARA A SAÍRA-APUNHALADA

Manter essas matas conservadas é essencial não apenas para a saíra-apunhalada, mas para as 250 espécies de aves que habitam a região

SAÍRA-APUNHALADA (*Nemosia rourei*)

Família TRAUPÍDEOS

sanhaços, saíras, tiês

Comprimento 10 cm

Distribuição ES

Grau de ameaça CR

Extremamente rara e restrita a matas bem preservadas, a espécie só existe na Mata Atlântica (provavelmente apenas no estado do Espírito Santo). É considerada criticamente ameaçada de extinção e permaneceu desaparecida por mais de 50 anos. Essa ave pequena recebeu o nome graças à sua plumagem branca e cinza com manchas vermelhas na garganta. Alimenta-se de artrópodes, frutos e sementes. Habita o dossel das florestas montanas úmidas em elevações entre 850 a 1250 metros. Pode ser encontrada sozinha ou em grupos de até dez indivíduos. Ocasionalmente está associada a bandos mistos. A população é estimada em apenas 50 a 250 indivíduos.

O nome dramático da saíra-apunhalada refere-se às manchas vermelhas em sua garganta, mas não destoia da situação desse pássaro raro, que passou 50 anos sem ser avistado e chegou a ser considerado extinto, por conta da redução de seu habitat causada pela perda das florestas de Mata Atlântica que lhe dão abrigo. Em 1998, foi redescoberta em um fragmento florestal conhecido como Mata de Pindobas, região serrana do Espírito Santo. Em 2003 foi avistada também em uma área vizinha (Mata de Caetés), e desde então vem sendo observada somente nesses dois locais. Por isso, é considerada criticamente ameaçada. Desde 2005, a SAVE Brasil vem lutando pela criação de uma unidade de conservação para proteger a espécie. Parceiro fundamental nesse processo, o canadense Bennett Hennessey conta que o fato da ave só existir em dois pequenos fragmentos de matas dificulta sua conservação. “É uma espécie difícil de encontrar, já passei três dias em trilhas com o diretor executivo da SAVE Brasil, Pedro Develey, e não conseguimos avistar nenhuma”, conta. Bennett é um especialista em estratégias para conservação de aves na América do Sul. Há 25 anos mora na Bolívia, onde coordena a ONG Armonía, em Santa Cruz de La Sierra, voltada para a proteção

das aves e representante da BirdLife International naquele país. Nos últimos cinco anos, também coordena os programas da América do Sul da American Bird Conservancy (ABC), organização norte-americana cuja missão é conservar aves nativas e seus habitats nas Américas. É um dos parceiros da BirdLife International com os quais a SAVE Brasil trabalha. Faz pelos menos três visitas anuais ao Brasil, e desde que conheceu o caso da saíra-apunhalada tem apoiado as ações na região.

A partir de 2012 começaram as negociações com o governo do Espírito Santo para a criação de um refúgio de vida silvestre, de 4300 hectares, e ações de educação ambiental começaram a ser implementadas para mostrar à população a importância do lugar e seu potencial de ecoturismo. Quando parecia que tudo estava certo, porém, houve contestações de agricultores locais durante a audiência pública, em 2016, e o governo acabou recuando da criação da unidade de conservação. Em 2017, felizmente, foi criada, pelo Grupo Águia Branca, a Reserva Ambiental Águia Branca, com 1698 hectares, até o momento a segunda maior reserva privada do Espírito Santo. Outros 527 hectares estão em processo de incorporação pelos proprietários, e, quando esta segunda parte





**AS MONTANHAS DO
ESPÍRITO SANTO**

A floresta densa e úmida da região de Vargem Alta e Domingos Martins delimita os últimos refúgios da saíra-apunhalada.

AMBIENTE

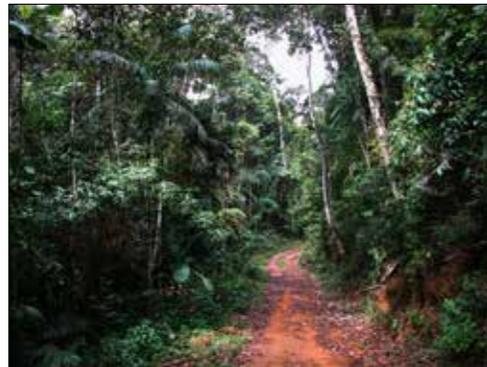
- Mata Atlântica na serra do Espírito Santo

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Observadores de aves ajudando no monitoramento da espécie
- Criação de uma RPPN (Reserva Ambiental Águia Branca) com 1200 hectares
- Proposta para criação de Refúgio de Vida Silvestre em análise no governo

★
PRÊMIO RECEBIDO

1º lugar na categoria Pesquisa do Prêmio Ecologia 2006 – Projeto: Trabalho de pesquisa sobre a Ecologia da Saíra-apunhalada – concedido pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEAMA/IEMA).

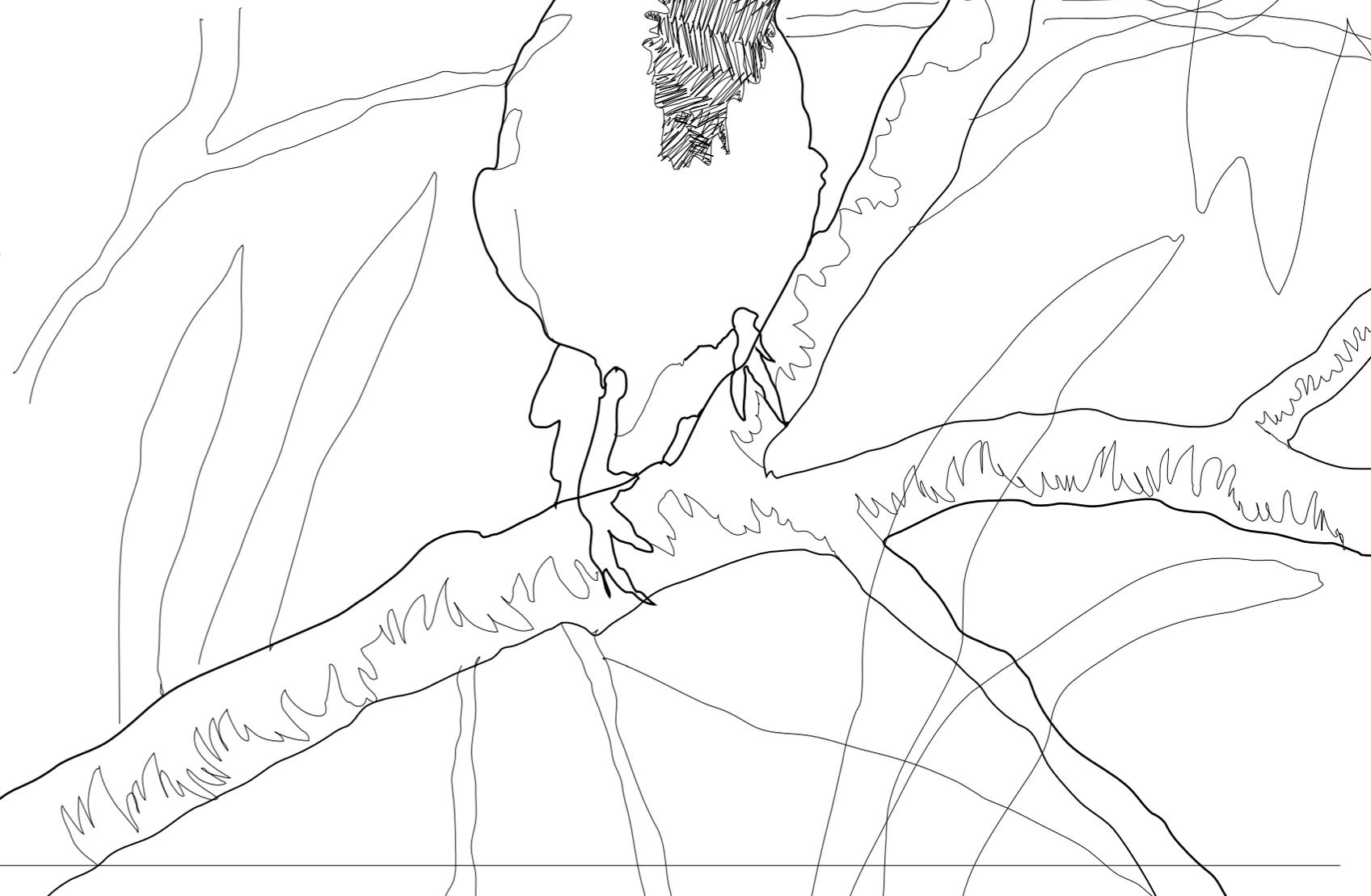


Visões do interior da mata onde foi criada a RPPN rica em palmeiras-juçara e samambaias

for agrupada, a RPPN será a maior do estado. A reserva fica em uma área adjacente à reservada ao refúgio de vida silvestre, em Vargem Alta, entre os parques estaduais de Forno Grande, em Castelo, no sul do estado, e da Pedra Azul, em Domingos Martins. Infelizmente, até o momento, a saíra-apunhalada nunca foi encontrada nessas duas unidades de conservação. Segundo Clayton Lino, presidente do Conselho da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA), essas unidades de conservação fazem parte do Corredor Central da Mata Atlântica, que cobre o sul da Bahia e o Espírito Santo, buscando não só integrar as áreas de remanescentes florestais, mas incentivar a restauração para conectar essas áreas. “As IBAs foram consideradas em vários momentos como referência para áreas prioritárias da RBMA. No Espírito Santo, foram definidos mini corredores prioritários, e o eixo da saíra-apunhalada é justamente o elo de ligação desses conjuntos de unidades de conservação. A RPPN foi muito importante, mas ainda existe um trechinho que esperamos que vire área protegida. Ter uma espécie bandeira ajuda muito”, diz. Manter essas matas conservadas é essencial não apenas para a saíra-apunhalada, mas para as 250 espécies de aves que habitam a região, das quais há outras cinco ameaçadas

de extinção: gavião-pombo-pequeno (*Leucopternis lacernulata*), apuim-de-costas-pretas (*Touit melanonotus*), apuim-de-cauda-amarela (*Touit surdus*), papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) e araponga (*Procnias nudicollis*). Mamíferos ameaçados também ocorrem na área, incluindo o sagui-da-serra (*Callithrix flaviceps*). “Apesar da unidade de conservação estadual não ter sido criada, as matas da região estão bem conservadas, e a existência da RPPN ajuda bastante. Mas precisamos continuar monitorando. Eu mesmo só vi o pássaro por foto, e sei que em 2019 encontraram um ninho. Mas não sabemos se sua população está estável, crescendo ou diminuindo. Precisamos monitorar e contar quantas são – mesmo que seja a partir do canto, com uso de *playback*. Isso ainda não foi feito de maneira sistemática para essa espécie. Não sabemos de que fruta ela precisa para se alimentar, de quanto território necessita. É uma pesquisa cara, não basta ter uma pessoa com um binóculo na mata por dois meses. É preciso tocar o canto do bicho, saber se ele vai responder de volta ou se aproximar. Só assim compreenderemos se o território existente é suficiente para salvar a espécie”, diz Bennett.

“É muito bom trabalhar com a SAVE Brasil, porque sua equipe tem a alma de fazer o bem. Não é apenas por dinheiro ou para fazer qualquer coisa. Querem um resultado forte de conservação, por isso pensam muito nas ações, são profissionais e querem fazer um bom trabalho”



RESERVAS PARTICULARES

A Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) é uma das categorias de unidade de conservação que corresponde a reservas privadas de caráter permanente com o objetivo de conservar a biodiversidade. As RPPNs contribuem significativamente para a conservação da biodiversidade brasileira. De acordo com a Confederação Nacional de RPPN, somente na Mata Atlântica existem 1164 reservas, protegendo 327900 hectares de florestas.



Soldadinho-do-araripe (*Antilophia bokermanni*), espécie beneficiada pelo Programa de Prevenção de Extinção de Espécies da BirdLife International



Grupo de observadores de aves e conservacionistas locais durante reunião para discutir alternativas para a conservação da Mata Atlântica da região serrana do Espírito Santo.

PROGRAMA UNE FINANCIADOR A GUARDIÃO DE ESPÉCIE

A atuação da SAVE Brasil em prol da saíra-apunhalada contou com o apoio do Programa de Prevenção de Extinção de Espécies da BirdLife International, que funciona a partir de um financiador, que pode ser uma empresa, uma fundação ou uma pessoa física - o Species Champion - e um guardião - o Species Guardian - de ações em campo para aumentar as populações da espécie foco e evitar a extinção. O financiador da saíra-apunhalada, cuja organização guardiã é a SAVE Brasil, foi o médico suíço Dr. Urs-Peter Stäuble. No Brasil, outra espécie beneficiada pelo programa foi o soldadinho-do-araripe (*Antilophia bokermanni*), única ave endêmica (exclusiva) do Ceará e considerada uma das cinco espécies mais ameaçadas de extinção da fauna daquele estado. Como a saíra-apunhalada, o macho dessa espécie possui cores fortes e contrastadas (branco, com cauda e penas de voo da asa pretas e um manto vermelho do meio do dorso até um imponente topete sobre o bico), e ambas estão criticamente ameaçadas de extinção.

O Programa do Brasil da BirdLife International

apoiou o início do projeto de conservação do soldadinho-do-araripe, que tinha como Species Guardian o ornitólogo Weber Girão, responsável pela descoberta e descrição da espécie em 1996, que vive restrita às matas úmidas da Chapada do Araripe. A ave habita áreas próximas a nascentes e depende da presença de água limpa e corrente para sua alimentação e reprodução. O Species Champion da iniciativa foi Sir David Attenborough, mundialmente famoso apresentador inglês de documentários sobre vida selvagem. Atualmente o projeto está sob responsabilidade da ONG local Aquasis, onde Girão trabalha. Sir David Attenborough é um grande apoiador da causa ambiental e admirador do trabalho de conservação realizado pela BirdLife International e por todas as entidades que fazem parte da aliança. Na sede da BirdLife International em Cambridge lê-se a seguinte inscrição de sua autoria: “*There are few things more important in the world today than what you are doing here*” (Há poucas coisas no mundo hoje mais importantes do que as que estão sendo feitas aqui).



Restingas do litoral fluminense

PROTEÇÃO E PESQUISA PARA O FORMIGUEIRO- -DO-LITORAL

Em muitos casos, não basta a criação de áreas protegidas para salvar uma espécie. É preciso manejá-las

Descrito em 1990, o formigueiro-do-litoral é um habitante das restingas litorâneas do norte fluminense e prefere as áreas próximas à praia, onde a vegetação é espinhosa, formando uma frágil, mas quase impenetrável muralha de galhos secos, rica em cactos e bromélias. Mas esse habitat que parecia inacessível passou a ser também o preferido dos milhares de humanos que procuram as praias entre Saquarema e Búzios para construir suas casas e frequentar a praia.

Preocupados com a sobrevivência da espécie e do seu ambiente, pesquisadores da Universidade do Rio de Janeiro (UERJ) se uniram a organizações locais e à SAVE Brasil, em 2005, para realizar estudos, mobilizar a comunidade e reivindicar a criação de uma unidade de conservação integral na região. Até então, a área era protegida apenas pela Área de Proteção Ambiental (APA) de Massambaba. As pesquisas foram coordenadas pela bióloga Maria Alice dos Santos Alves, coordenadora do Laboratório de Ecologia de Aves da UERJ, com a participação do também pesquisador da universidade Maurício B. Vecchi, que fazia parte do Conselho Gestor da APA de Massambaba e

participava do Movimento Ambiental Pingo D'Água, organização parceira da SAVE Brasil no Projeto Formigueiro-do-litoral. “A SAVE Brasil foi importante porque alavancou recursos na fase inicial de pesquisas, assim como promoveu a elaboração, em conjunto com a nossa equipe e o ICMBio, do Plano de Ação para Conservação do Formigueiro-do-litoral”, conta a professora Maria Alice. Ela ressalta o papel da organização para a transformação da espécie em bandeira da região. “A SAVE Brasil proveu recursos para ações de sensibilização da sociedade junto com o Movimento Pingo D'Água, e promoveu também o diálogo com o Instituto Estadual do Ambiente (INEA) para a criação de uma unidade de conservação para proteção da espécie na sua área de ocorrência”, completa.

A elaboração do Plano de Ação junto com o governo federal, na época em que o carioca Carlos Minc era Ministro do Meio Ambiente (MMA), colaborou para despertar o interesse do governo estadual pela espécie. “Logo após a assinatura do plano, Minc deixou o MMA e voltou a assumir a Secretaria Estadual do Meio Ambiente do Rio de Janeiro, fazendo

FORMIGUEIRO-DO-LITORAL

(Formicivora littoralis)

Familia THAMNOFILÍDEOS

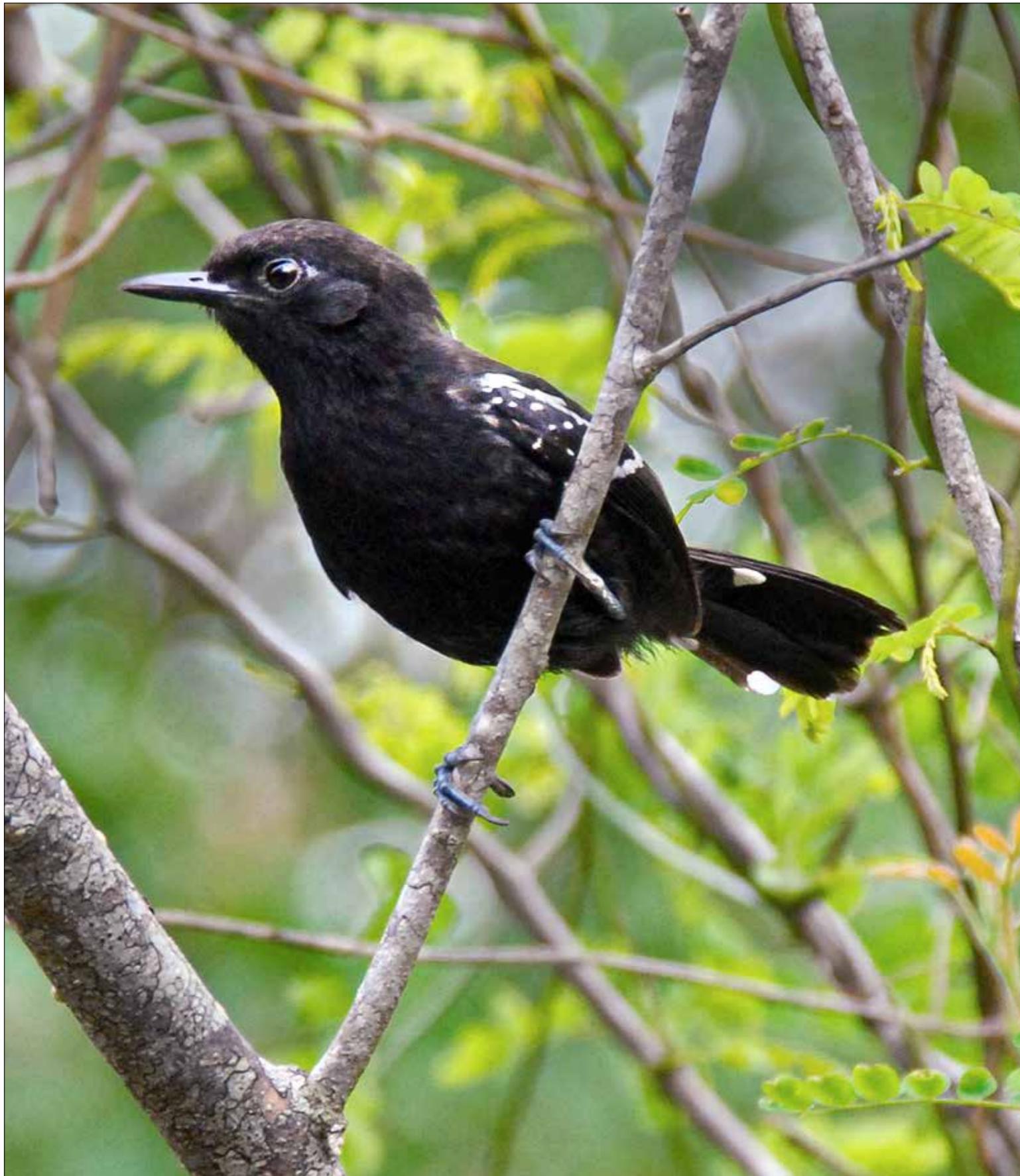
chocas, papa-formigas, chororós

Comprimento 14 cm

Distribuição RJ

Grau de ameaça (EN)

Endêmica da restinga que ocorre na estreita faixa litorânea de Saquarema a Búzios, no Rio de Janeiro, esta ave tem sua distribuição restrita a uma extensão de apenas 200 km² em uma área muito fragmentada e impactada, justificando seu *status* de ameaçada de extinção. O formigueiro-do-litoral mede 14 cm de comprimento e pesa 15 gramas. O macho é negro com detalhes em branco bem visíveis nas asas e na cauda, curiosamente adornada por pequenos círculos. A fêmea tem a face clara, coberta por uma máscara negra sobre os olhos, o dorso castanho e o ventre bem claro, resultando em excelente camuflagem. Sua dieta inclui pequenos invertebrados que vivem na restinga (larvas, mariposas, coleópteros). Bebe água de chuva, que encontra no interior de bromélias ou em depressões do solo. O ninho tem a forma de cesto preso em uma forquilha e é elaborado com fibras vegetais, cascas de árvores e teias de aranha, onde a fêmea deposita dois ovos brancos.





RESTINGAS DO LITORAL FLUMINENSE

Em oposição à exuberância da floresta de baixada, o solo arenoso das dunas e restingas, sustenta uma vegetação baixa, composta de arbustos, leguminosas e gramíneas que compõem a paisagem do formigueiro-do-litoral.

AMBIENTE

- Restingas no litoral norte do Rio de Janeiro (Massambaba)

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Proteção do habitat: Criação do Parque Estadual da Costa do Sol, com 9841 hectares, garantindo proteção oficial de 90% da área de ocorrência da espécie
- Importância da existência do Plano de Ação Nacional para a Conservação do Formigueiro-do-litoral na articulação e implementação das atividades
- Pesquisa científica com informações sobre a história natural da espécie



Atividade de educação junto às crianças das escolas da região de Massambaba



Faixa de areia às margens da lagoa de Massambaba



Vegetação de restinga, e habitat do formigueiro-do-litoral



Visão geral do Parque Estadual da Costa do Sol

uma forte articulação para que a espécie fosse oficialmente protegida”, conta Pedro Develey, diretor-executivo da SAVE Brasil. Os esforços deram resultado. Em 2011 foi criado o Parque Estadual da Costa do Sol, com 9841 hectares, dividido em quatro setores, que abrangem terras dos municípios de Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Saquarema e São Pedro de Aldeia. “Até a criação do parque, ligávamos todas as semanas para saber como estava o andamento do processo”, completa Pedro. A unidade de conservação mantém sob proteção oficial 90% da área de ocorrência do formigueiro-do-litoral. Com isso, a espécie melhorou seu status de Criticamente Ameaçada para Em Perigo. Os estudos têm sido realizados na Praia Seca, distrito do município de Araruama, onde foram anilhados mais de 150

indivíduos. Desde então, tem aumentado o conhecimento sobre alimentação, reprodução e hábitos do formigueiro-do-litoral. Mais recentemente, estão sendo realizados estudos de variabilidade genética da espécie.

Em 2011 foi criado o Parque Estadual da Costa do Sol, com 9841 hectares, dividido em quatro setores, que abrangem terras dos municípios de Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Saquarema e São Pedro de Aldeia

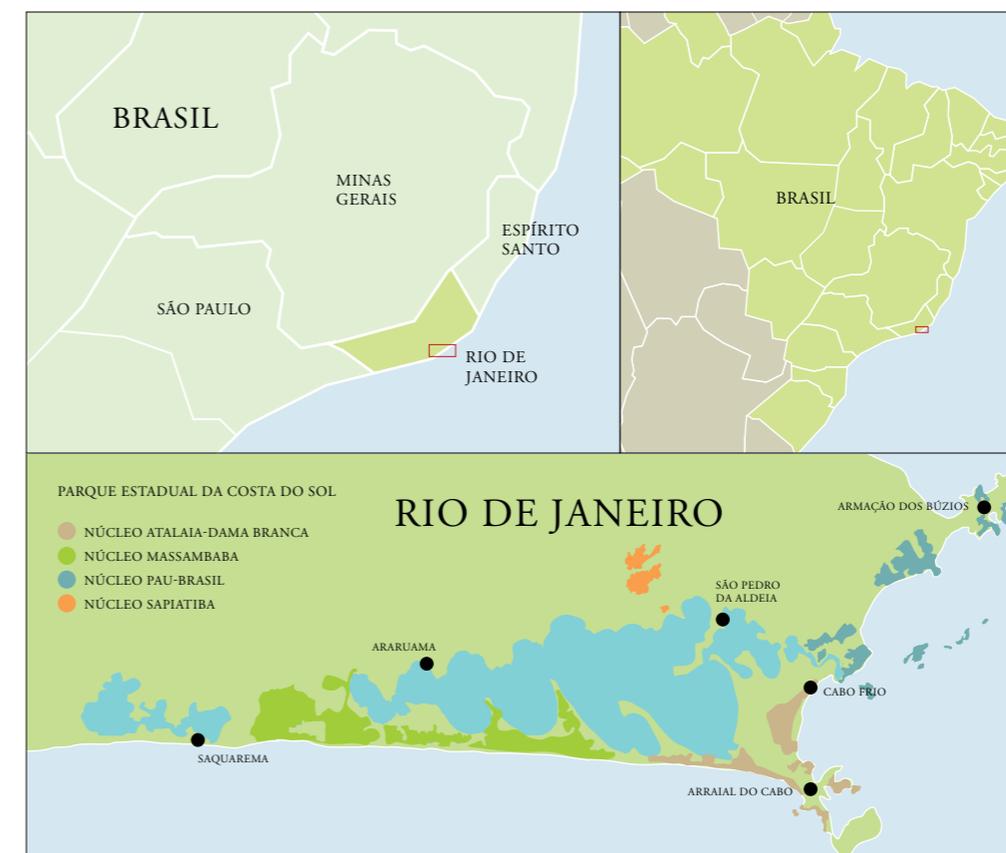
A AMEAÇA DO SAGUI

Mesmo com seu território protegido por uma unidade de conservação, as pesquisas demonstram, segundo a professora Maria Alice dos Santos Alves, que a população de formigueiro-do-litoral vem diminuindo nos últimos anos. Segundo ela, além da perda de habitat por especulação imobiliária e invasões ilegais de terras nas bordas do parque, a maior ameaça tem sido a predação por espécies exóticas e invasoras, principalmente os saguis do gênero *Callitrix*. Estudos mostram que eles são grandes predadores dos ninhos dessas aves. Conhecidos como micos-estrela, esses saguis são naturais da Mata Atlântica do Nordeste e do Brasil Central e chegaram à Mata Atlântica do Sudeste, incluindo o estado do Rio de Janeiro, a partir de meados do século passado, por meio do tráfico de animais silvestres e, possivelmente, por expansão de sua distribuição em decorrência

do desmatamento. “Eles se deram muito bem na região, produzem híbridos bastante férteis e são um problema para aves e até outras espécies de primatas. Com isso, o formigueiro-do-litoral está em situação de risco muito maior do que imaginávamos”, diz a pesquisadora. Com apoio da SAVE Brasil, Maria Alice já conduziu um estudo piloto para remoção dos saguis da área protegida. Os animais são capturados e encaminhados para centros de triagem. Não é um trabalho simples, mas necessário para a manutenção das populações de formigueiro-do-litoral em longo prazo. Situações como essa deixam claro que, em muitos casos, somente a proteção do habitat por meio da criação de áreas protegidas não é suficiente para salvar uma espécie. É preciso manejo direto desta ou do habitat.

O RISCO DAS INVASORAS

Entre as 1469 espécies de aves ameaçadas em todo o planeta, 578 (39%) apresentam declínios populacionais causados pela presença de espécies exóticas invasoras. Essa é uma ameaça ainda mais grave no caso de espécies de distribuição restrita, como o formigueiro-do-litoral.



Área metropolitana de São Paulo

GUARAREMA ADOTA O BICUDINHO-DO-BREJO

Uma nova espécie descrita nos arredores da maior cidade da América do Sul é um exemplo do sucesso de uma parceria público-privada

BICUDINHO-DO-BREJO-PAULISTA

(Formicivora paludicola)

Família THAMNOFILÍDEOS

chocas, papa-formigas, chororós

Comprimento 15 cm

Distribuição SP

Grau de ameaça (CR)

Descoberta em 2004 próxima à maior área metropolitana da América do Sul, a de São Paulo, a ave habita áreas muito vulneráveis de brejos naturais, que estão poluídos ou sendo aterrados.

Possui bico alongado e fino. As coxas e a porção inferior dos machos são pretas, seu dorso é de um tom marrom-acinzentado escuro. A fêmea apresenta face e partes inferiores negras marcadas de branco, com flancos e crísto oliva-amarronzado escuro, e cauda negra.

Alimenta-se de pequenos artrópodes a baixa altura e vive em casais ou pequenos grupos familiares. Ocupa pequenos territórios, com áreas inferiores a 0,6 hectares.

Os brejos onde a espécie é encontrada são constituídos principalmente por taboa (*Typha domingensis*) e piri (*Schoenoplectus californicus*), onde ela costuma se mover em voos curtos e saltos nos estratos mais baixos da vegetação, sem muita vocalização.

A prefeitura de Guararema, município localizado na Região Metropolitana de São Paulo, promulgou uma lei que previu a criação de quatro áreas especiais de interesse ambiental em 2016. Havia o entendimento, na Secretaria de Obras, Meio Ambiente, Planejamento e Serviços Públicos, que seria importante criar unidades de conservação no município. Ao mesmo tempo, o governo identificou na observação de aves uma oportunidade para o engajamento da população na conservação da natureza.

“Queríamos transformar a cidade em um polo de observação de aves, e resolvemos lançar o Avistando Guararema. Quando planejava o seminário que acompanharia o evento, me indicaram a SAVE Brasil. Conheci a coordenadora de projetos Karlla Vanessa de Carmargo Barbosa, que nos ajudou a organizar as atividades”, conta Ricardo José Moscatelli, assessor de análise de sustentabilidade da Secretaria. Ricardo havia ouvido falar do bicudinho-do-brejo-paulista, e ao saber que o município fazia parte do habitat da espécie, achou que era uma oportunidade de ter o animal como uma bandeira de conservação para o município. Sua primeira iniciativa foi apresentar a ideia para a SAVE Brasil. Ao mesmo tempo, a American Bird Conservancy (ABC), organização norte-

-americana cuja missão é conservar aves nativas e seus habitats nas Américas, também procurou a ONG para desenvolver um trabalho relacionado à espécie, considerada criticamente ameaçada, e sem nenhuma outra organização trabalhando por ela.

“Fomos consultados pelas duas pontas do processo: o governo municipal disposto a desenvolver um projeto em relação à espécie e um financiador interessado em investir. Juntamos as duas e começamos a trabalhar”, conta Alice Reisfeld, gerente de projetos da SAVE Brasil. No início de 2017, a organização realizou o censo do bicudinho-do-brejo-paulista no município, para levantar o número de aves e seus locais de ocorrência, além de atividades voltadas a engajar a comunidade. Foram encontrados 40 bicudinhos em dois brejos próximos, mas não contínuos. A SAVE Brasil produziu o Guia de Aves de Guararema.

Na segunda edição do seminário Avistando Guararema, a SAVE Brasil e a prefeitura já haviam selado uma boa parceria, e assim foi traçado o plano para criar uma unidade de conservação para a espécie. Em março de 2018, foi protocolado o processo para a criação da unidade, e a SAVE Brasil iniciou os estudos técnicos para indicar seu tamanho e traçado. O resultado foi a



AMBIENTE

- Brejos com fragmentos de mata em seu entorno, Mata Atlântica, Guararema – SP

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Proteção do habitat: criação do Refúgio de Vida Silvestre do Bicudinho – 2373 hectares
- Proteção dos recursos hídricos
- Atuação a nível municipal – parceria com a Prefeitura Municipal de Guararema



Área de brejo ao longo do ribeirão Putim onde vive o bicudinho-do-brejo-paulista

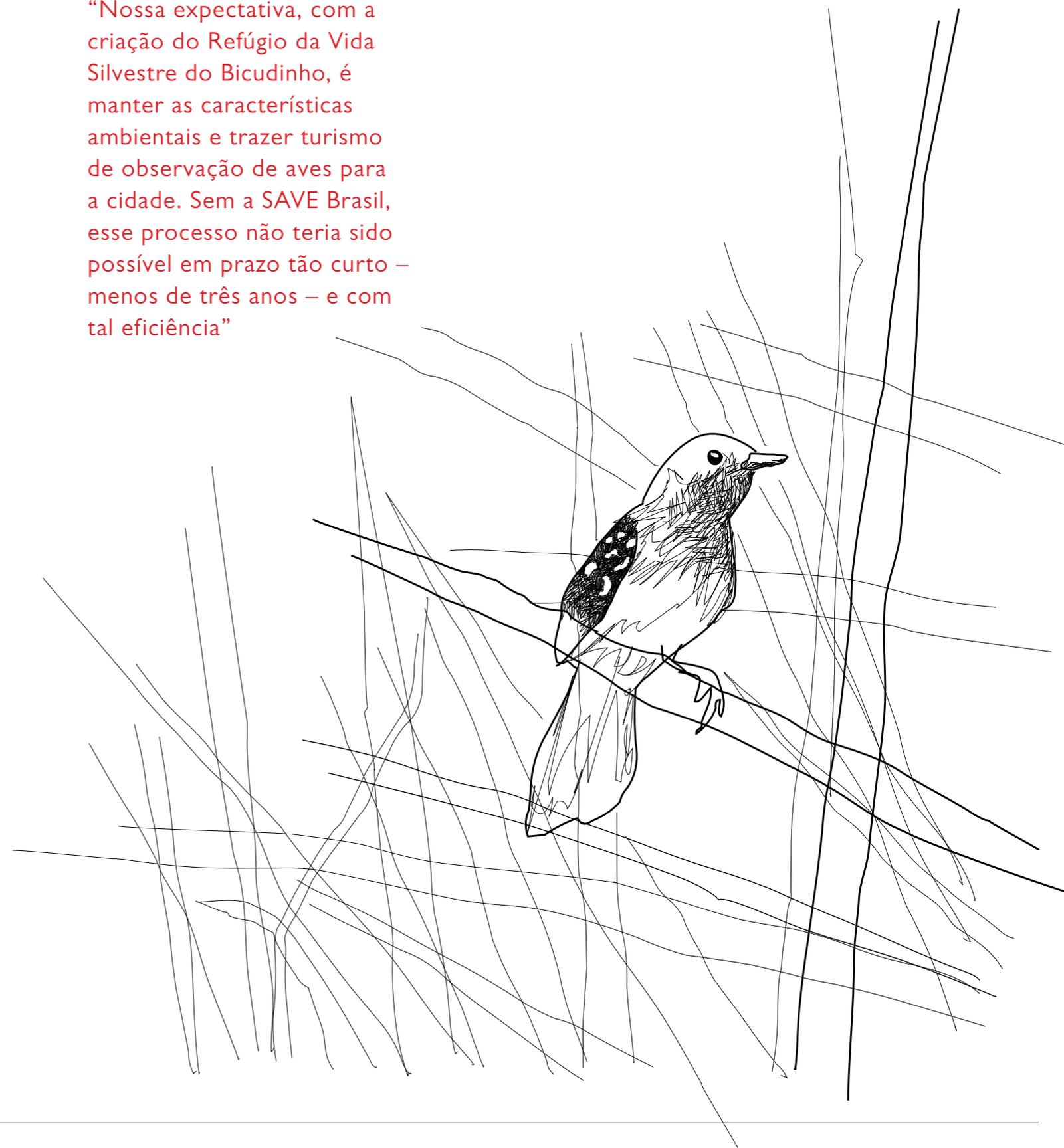
proposta de criação do Refúgio da Vida Silvestre do Bicudinho, com 2373 hectares, incluindo os dois brejos que abrigam o pássaro e as áreas de mata que os interligam. A unidade de conservação é de proteção integral, mas não prevê desapropriações. Um levantamento mostrou que o perímetro abrangia principalmente áreas de preservação permanente e reserva legal de propriedades privadas – a maior delas da empresa Suzano Papel e Celulose, que apoiou o projeto prontamente –, e não havia conflitos. “Já são áreas que os proprietários precisam preservar, e a população reconhece a importância para a manutenção dos recursos hídricos. Além disso, não querem que a região sofra um processo de urbanização e seja tomada por loteamentos”, explica Alice. Em agosto de 2019 foram realizadas as audiências públicas, e em outubro o prefeito Adriano de Toledo Leite assinou a criação do Refúgio da Vida Silvestre do Bicudinho. A unidade de conservação se soma, em Guararema, à Área de Proteção Ambiental Estadual de Itapevi, também presente no município.



Moradores de Guararema se preparando para a saída para a observação de aves

“Nosso trabalho, com a criação do refúgio, é continuar com as atividades de educação ambiental, principalmente para mudar a visão que se tem de brejo como uma área de pouco valor, estabelecer o entendimento da sua importância para a biodiversidade, fortalecer a observação de aves e ajudar a prefeitura na implantação da reserva e no reconhecimento da ave como símbolo da cidade”, diz Alice. A SAVE Brasil continuará a monitorar os bicudinhos e a procurar novas áreas de ocorrência da espécie no município. “O envolvimento da prefeitura tem sido uma das melhores partes do projeto, e foi fundamental para o seu sucesso”, completa. “A reserva trará mais turistas para a cidade, que já é considerada uma pérola com seu casario antigo e passeios diferenciados, movimentando hotéis, pousadas e restaurantes. Há relatos de pessoas de vários países, como Irlanda, Escócia e Estados Unidos, nos visitando para ver o bicudinho. É uma oportunidade para a população da região”, diz Ricardo.

“Nossa expectativa, com a criação do Refúgio da Vida Silvestre do Bicudinho, é manter as características ambientais e trazer turismo de observação de aves para a cidade. Sem a SAVE Brasil, esse processo não teria sido possível em prazo tão curto – menos de três anos – e com tal eficiência”





AMBIENTES TRANSITÓRIOS

Alguns ambientes são pioneiros e são transitórios, ou temporários, porque estão propensos a sofrer mudanças decorrentes de fatores externos. As espécies de plantas dessas áreas, geralmente herbáceas e rasteiras, com crescimento e ciclos de vida rápidos, seriam substituídas por espécies arbustivas ao longo do tempo. No entanto, fatores externos característicos de certas regiões geralmente impedem esse processo. Isso é típico das áreas costeiras, onde a vegetação que se forma sobre as dunas sofre ação constante dos ventos e marés. Outro exemplo ocorre nos campos nativos: sem a ação de fatores externos, a vegetação do pampa é gradualmente substituída por arbustos e outras espécies de porte maior. Nesse caso, o ambiente era mantido como campo através da ação de pastoreio da megafauna (extinta) e do fogo natural. O homem reproduz essa ação através do pastoreio do gado e manejo de determinadas áreas com fogo. Os brejos formados ao longo de cursos d'água também são ambientes transitórios. Quando o rio transborda, elimina a vegetação que ocorria ali. O ambiente volta a se formar quando o rio volta ao seu leito. Barragens e canalização de rios impedem esse ciclo natural. Por serem ambientes que sofrem modificações ao longo do tempo, a maioria dos animais que ali ocorrem são generalistas. No entanto, algumas espécies de aves se adaptaram a essas áreas, seja na busca por alimentos ou por abrigo para a construção de seus ninhos. A conservação é então um desafio ainda maior, pois é necessária a manutenção do ambiente transitório na paisagem. Se os fatores externos naturais não existem mais devido à ação do homem, são necessárias ações de manejo que tenham o mesmo efeito para que essas espécies não desapareçam da região.



Equipe da SAVE Brasil durante os levantamentos de campo para embasar a criação da reserva do bicudinho



Reunião junto à prefeitura e representantes de organizações locais para discutir a criação da unidade de conservação



Bicudinho-do-brejo-paulista (*Formicivora paludicola*) macho

O DESAFIO DE MANTER O BREJO CONSERVADO

O bicudinho-do-brejo-paulista foi descoberto em 2004 pelo ornitólogo Dante Buzzetti, no município de Mogi das Cruzes, vizinho de Guararema, mas em um primeiro momento ele acreditou tratar-se do mesmo bicudinho-do-brejo encontrado na região meridional litorânea do Paraná e do nordeste de Santa Catarina, o *Formicivora acutirostris*.

Em um levantamento de aves posterior na mesma região, em uma área que seria alagada por uma represa da Companhia de Saneamento de São Paulo (Sabesp), a ornitóloga Bianca Reinert (falecida em 2018), que trabalhava com a espécie no Paraná, encontrou aproximadamente 100 indivíduos. Quando ia começar a translocação das aves, em 2005, antes da inundação, o ornitólogo Marcos Ricardo Bornschein – que havia descrito o bicudinho-do-brejo da região Sul junto com Bianca – foi acompanhar o processo. “Manuseei os bichos, após captura com redes, e vi que era uma espécie nova, diferente da do Sul”, conta. O reconhecimento veio no mesmo ano.

Segundo Marcos, na ocasião foram translocados 74 indivíduos para vários brejos na região. A estimativa, porém, é que existam 250 indivíduos da espécie, distribuídos nos municípios de Salesópolis, Biritiba-Mirim, São José dos

Campos, Santa Branca, além de Mogi das Cruzes e Guararema. “O que mais chama a atenção para esse bicudinho é sua proximidade com a Região Metropolitana de São Paulo, o que só reforça o fato de estar criticamente ameaçado”.

“A nova espécie foi descrita em 2014 e, depois disso, a SAVE Brasil conseguiu apoio financeiro e iniciou as pesquisas, com foco na criação da unidade de conservação, que é essencial para a manutenção da espécie”, diz Marcos, que é pesquisador da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp).

O pesquisador explica que, hoje, a sobrevivência do bicudinho é um desafio mesmo em local protegido, pois sempre dependerá de manejo humano. Isso porque a espécie vive em brejo, ambiente de formação pioneira. Segundo Marcos, o destino de um brejo é deixar de ser brejo e virar floresta, com um novo brejo sendo criado em outro local. Com as áreas naturais cada vez mais escassas por conta da ocupação urbana, além da dragagem e acúmulo de sedimentos nos rios, essa sucessão de ambientes vai se tornando uma impossibilidade.

“O bicudinho-do-brejo-paulista só continuará existindo em um ambiente em contínuo manejo, e o primeiro passo para isso, é ter uma área protegida garantida”, diz o ornitólogo.



Botumirim, Minas Gerais

REAPARECIMENTO E PROTEÇÃO APÓS 75 ANOS

Um dos maiores acontecimentos da ornitologia brasileira recente garantiu a conservação de uma área especial de Cerrado em Minas Gerais

O diretor executivo da SAVE Brasil, Pedro Develey, estava em Manaus em 2015, participando do Congresso Brasileiro de Ornitologia, quando foi procurado pelo ornitólogo Rafael Bessa com uma notícia incrível: ele havia acabado de redescobrir, na região de Montes Claros, norte de Minas Gerais, a rolinha-do-planalto, uma das aves mais misteriosas do mundo. A espécie teve aparecimentos esporádicos ao longo da história, o último deles havia 75 anos. Rafael queria ajuda para garantir que, dessa vez, a espécie não desaparecesse mais. A ONG prontamente aceitou a missão, e no mesmo ano conseguiu recursos para os primeiros levantamentos na área de campos rupestres onde a espécie foi avistada, no pequeno município de Botumirim. Foram encontradas 11 rolinhas-do-planalto no local. A descoberta era tão significativa que foi mantida em sigilo, com uma estratégia de apresentação planejada para o Encontro Brasileiro de Observação de Aves – Avistar em maio de 2016, em São Paulo. A divulgação informava que seria anunciada a “Espécie X”, o que atraiu a atenção do mundo dos amantes e pesquisadores de aves. Nos corredores, a expectativa era saber se era uma redescoberta ou uma nova espécie. O anúncio feito conjuntamente por

Bessa e Develey causou comoção em um auditório lotado e ganhou manchetes na imprensa nacional e internacional.

ÁREA DE CONSERVAÇÃO

O biólogo Albert Gallon de Aguiar foi uma das pessoas a se emocionar durante o anúncio da redescoberta da espécie no Avistar. Não imaginava que, no início de 2017, seria contratado pela SAVE Brasil para coordenar o projeto de conservação da rolinha-do-planalto. Nos meses seguintes, fez várias viagens a Botumirim para pesquisar a situação fundiária da área onde a ave foi encontrada e descobrir quem era o proprietário. As visitas constantes da equipe da ONG à cidadezinha de 6 mil habitantes atiçaram a curiosidade da população, que chegou a suspeitar que houvessem descoberto ouro no município. Segundo Albert, eles procuravam ser discretos, porque queriam comprar a área e esperavam conter a especulação imobiliária no local. Deu certo: em outubro, a área de 600 hectares foi adquirida pela SAVE Brasil, que criou a Reserva Natural Rolinha-do-planalto. Em janeiro de 2018, a SAVE Brasil contratou o biólogo Marcelo Lisita Junqueira, com experiência em área de Cerrado, para morar em Botumirim e

ROLINHA-DO-PLANALTO (*Columbina cyanopsis*)

Família COLUMBÍDEOS

pombas, rolinhas, juritis

Comprimento 17 cm

Distribuição MG

Grau de ameaça 

Endêmica do Cerrado brasileiro, a rolinha-do-planalto é uma das aves mais raras do mundo, e ficou desaparecida por 75 anos até ser redescoberta, em 2015, em Botumirim (Minas Gerais). Pouco estudada até o momento, os primeiros resultados das pesquisas indicam que a ave vive em áreas de Cerrado com predomínio de afloramentos rochosos, solo arenoso e corpos d'água. Suas principais características são olhos azuis claros e manchas azuis escuras nas asas, que se destacam na plumagem castanho-avermelhada. É uma ave granívora, que vive solitária, em casais ou pequenos grupos, descendo com frequência ao solo para se alimentar.



AMBIENTE

- Campos rupestres, Cerrado, Botumirim – MG

ESTRATÉGIAS E RESULTADOS

- Proteção do habitat: Criação de Reserva Natural Rolinha-do-planalto da SAVE Brasil – 593 hectares
Criação do Parque Estadual de Botumirim – 35682 hectares
- Desenvolvimento do turismo local com foco na observação da Rolinha-do-planalto – 400 observadores de aves visitaram a região de Botumirim (MG) recentemente
- Programa de reprodução em cativeiro – definição de protocolo e inovação tecnológica para a reprodução da espécie em cativeiro com participação de zoológicos nacionais e internacionais
- Pesquisa científica sobre a história natural da espécie



Um dos muitos riachos que cortam tanto a reserva da SAVE Brasil quanto o Parque Estadual de Botumirim



Formação de campos rupestres na reserva da SAVE Brasil



Crianças das escolas de Botumirim observando aves na reserva da SAVE Brasil



Formações rochosas diferenciadas compõem a beleza cênica da região de Botumirim

cuidar dos trabalhos de campo. Logo depois a área da reserva foi cercada e ganhou placas informativas, e o projeto foi oficialmente lançado na cidade. A organização realizou então uma expedição com os Amigos da SAVE Brasil e uma equipe de televisão para conhecer a nova área protegida, e os moradores começaram a perceber o potencial turístico que a região, com uma beleza cênica fantástica, havia conquistado.

A visibilidade dada pela criação da reserva natural fez renascer um movimento iniciado em 1999 pelo Instituto Grande Sertão de Montes Claros para a criação de uma unidade de conservação na região.

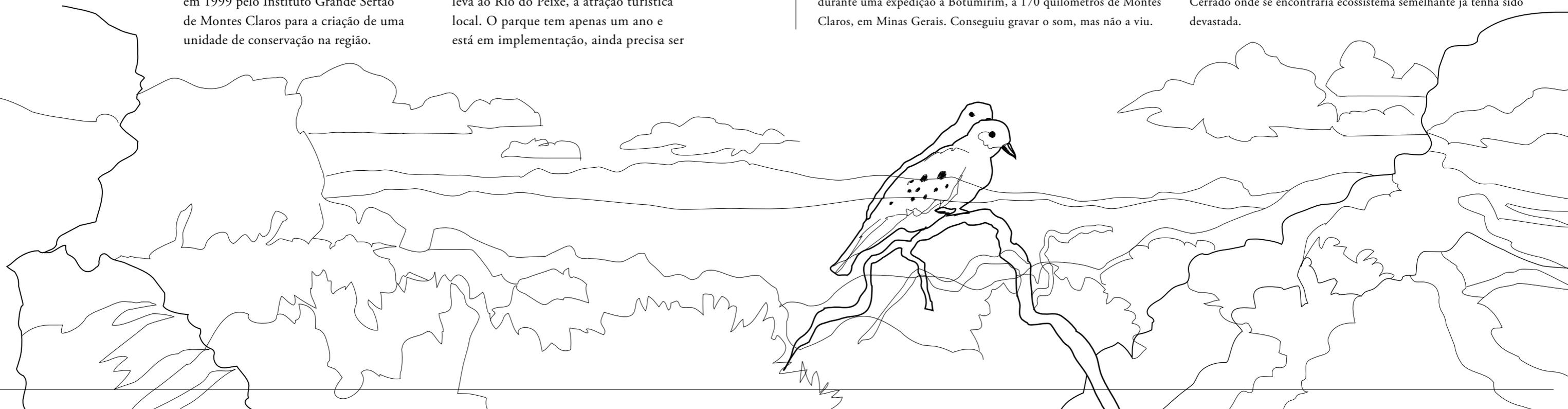
A comoção causada pela fragilidade da rolinha-do-planalto, junto com um forte trabalho de articulação da equipe da SAVE Brasil, colaborou para que o Parque Estadual de Botumirim fosse promulgado em junho de 2018. Com 35682 hectares, a nova área protegida se sobrepõe à Reserva Natural Rolinha-do-planalto, que corresponde à área principal de ocorrência da espécie. “A reserva da SAVE Brasil é a parte mais frágil e mais ameaçada, pois está a 10 minutos da cidade, ao lado da estrada que leva ao Rio do Peixe, a atração turística local. O parque tem apenas um ano e está em implementação, ainda precisa ser

APARIÇÕES INTERMITENTES E HABITAT SINGULAR

As primeiras cinco rolinhas-do-planalto foram coletadas nos arredores de Cuiabá, em Mato Grosso, entre 1823 e 1825. Foram necessários mais 40 anos para que a espécie fosse descrita, sem que se tivesse notícias de novos avistamentos. Em 1901, um indivíduo foi encontrado em Itapura, São Paulo, e, entre 1940 e 1941, mais dois foram achados no sudeste de Goiás. Até então, só se conhecia a espécie por meio desses oito exemplares empalhados em museus, e havia dúvidas até se seus olhos eram realmente azuis. Em 2015, o ornitólogo Rafael Bessa escutou uma ave diferente durante uma expedição a Botumirim, a 170 quilômetros de Montes Claros, em Minas Gerais. Conseguiu gravar o som, mas não a viu.

Voltou ao local no dia seguinte e conseguiu fotografar a pombinha rara. Fez algumas consultas para confirmar se era mesmo aquela espécie e decidiu procurar a SAVE Brasil.

O ambiente onde o ornitólogo encontrou a rolinha-do-planalto é bastante especial, associado a afloramentos rochosos, de vegetação fechada mais baixa e mais arbustiva do que outras regiões de Cerrado, com solo bastante pedregoso e arenoso. O local é tão peculiar que se suspeita que a raridade da ave seja motivada pela escassez desse tipo de ambiente. Possivelmente a maior parte do Cerrado onde se encontraria ecossistema semelhante já tenha sido devastada.





UMA BELA CASA, PARA SEUS BELOS OLHOS

A rolinha-do-planalto chama a atenção pelo encanto de seus olhos azuis, assim como o campo rupestre de Botumirim, que tem uma beleza única.

PRÊMIO RECEBIDO

Prêmio Campanha-azul (2018), concedido pela Ecoavis (MG) pelo trabalho de conservação da rolinha-do-planalto e pela conservação das aves do país.



NECESSIDADE DE MANEJO DIRETO

A conservação dos habitats é sem dúvida uma das ações mais efetivas para a conservação das espécies. No entanto nos casos em que as populações remanescentes são muito pequenas, são necessárias ações de manejo direto. Esse é o caso da rolinha-do-planalto, com apenas 27 indivíduos na última contagem de 2020. O programa de reprodução ainda está no início, mas espera-se em breve conseguir uma população de segurança em cativeiro para futuras solturas na natureza.

estruturado. Nossa intenção é, no longo prazo, doar a área da reserva para o estado. A SAVE Brasil comprou a terra para ser um patrimônio de todos”, diz Albert. Segundo o coordenador do projeto, foram descobertas também pinturas rupestres na reserva natural, e a SAVE Brasil atua para que a descoberta seja regularizada no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Por enquanto, a organização instalou placas nas trilhas da reserva, para as atividades de observação de aves e educação ambiental. Futuramente as trilhas levarão também às pinturas rupestres. Localizada no início do sertão, marcado pelo polígono da seca, a unidade de conservação é ainda rica em água e abrigo para quase 300 espécies de aves e 17 espécies de mamíferos, duas delas ameaçadas de extinção: a anta e o gato-do-mato. Mas também é lar de lobos-guarás, cachorros-do-mato, gatos-do-mato,

ESTUDOS SOBRE A ESPÉCIE

Manter o habitat da rolinha-do-planalto em Botumirim é essencial para a sobrevivência dessa população, mas para garanti-la é preciso mais. Logo que a redescoberta foi anunciada, havia a expectativa da divulgação da vocalização da ave. A equipe da SAVE Brasil segurou a informação em um primeiro momento, para evitar invasão na área antes da criação da reserva. Depois de instaurar a governança no local, a situação se inverteu, e a divulgação de todas as informações se tornou essencial para motivar que se procure a espécie em outros locais. “Até agora ninguém encontrou, mas torcemos para que isso aconteça”, diz o coordenador do projeto Albert Gallon de Aguiar. Além disso, a SAVE Brasil reuniu, em setembro de 2018, especialistas para discutir o futuro da espécie e desenvolver um plano de ação

tamanduás-mirins, veados, onças-pardas, entre outros. Em julho de 2019, a Reserva da Biosfera do Espinhaço, da Unesco, aumentou seu tamanho para incluir essa região. Com a criação da reserva, o monitoramento das rolinhas-do-planalto tem sido realizado sistematicamente. Marcelo encontrou o primeiro ninho da espécie, o qual, infelizmente, foi predado naturalmente. Câmeras foram instaladas para monitorar as ameaças à ave. O número de indivíduos da espécie encontrados passou de 11, em 2015, para 20 em 2019, todos dentro da área abrangida pelo Parque Estadual e pela reserva da SAVE Brasil. Com a ajuda do senhor Osmane, um morador da cidade que conhecia lugares onde havia uma população de rolinhas e se engajou no projeto, Marcelo monitora a área em busca de novos locais de ocorrência e ninhos. Ele também criou o Clube da Rolinha, com o qual leva crianças

relacionado a ela. Entre as conclusões, a recomendação de que não se anilhem as aves – para não colocá-las em risco – e a necessidade, em um futuro próximo, de se iniciar um programa de conservação *ex situ*, com a reprodução da espécie em cativeiro para posterior reintrodução na natureza. Em agosto de 2019, em parceria com o Parque das Aves, um *workshop* discutiu como fazer a conservação *ex situ* da rolinha-do-planalto. Um plano detalhado com ações de pesquisa e o passo-a-passo para começar um programa nesse sentido foi elaborado e já está sendo implementado. Em paralelo, a equipe da SAVE Brasil tem realizado expedições em diferentes regiões do Cerrado brasileiro em busca da espécie. Por enquanto o único local conhecido de ocorrência continua a ser Botumirim.

para passarinho. A SAVE Brasil realiza educação ambiental nas escolas, palestras em locais públicos e forma guias para receber turistas. Em dois anos, mais de 400 pessoas visitaram o município somente para ver a rolinha-do-planalto. Albert conta que os moradores criaram uma identidade com a rolinha-do-planalto,



Grupo de moradores de Botumirim durante a visita à Reserva Natural Rolinha-do-planalto da SAVE Brasil

e veem nela potencial de desenvolvimento para a região. Os restaurantes investiram em melhorar o atendimento, passaram a aceitar cartão e a dar nota fiscal, as pousadas estão renovando suas estruturas, uma delas dobrou de tamanho. “Antes, a população especulava se havia ouro na cidade. Hoje dizem que a joia de Botumirim é a rolinha”, diz.



Tecendo a rede da Conservação

OBSERVAR AVES, GANHAR AMIGOS E FAZER CIÊNCIA CIDADÃ

As aves nos conquistam com sua beleza e leveza, inspiram afeto e aproximam as pessoas da conservação

SABIÁ-LARANJEIRA
(*Turdus rufigiventris*)

Família TURDÍDEOS

sabiás, caraxués

Comprimento 25 cm

Distribuição MA a RS, MG,
MT, MS e GO

Grau de ameaça **LC**

Ave símbolo do Brasil. Vive no Brasil oriental e central (do Maranhão ao Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul), chegando até Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. É prontamente identificada pela cor de ferrugem do ventre e por seu canto melodioso durante o período reprodutivo.

É onívora. Alimenta-se de insetos, larvas, minhocas, frutas maduras (incluindo as cultivadas, como mamão, laranja, manga e abacate) e come coquinhos de várias espécies de palmeiras. O sabiá cospe os caroços, contribuindo para a dispersão de sementes. O ninho é feito entre setembro e janeiro, geralmente em arbustos e árvores, mas também em beirais de telhados, empregando fibras e gravetos ligados por um pouco de lama, num formato de tigela funda. É comum em bordas de florestas, parques, quintais e áreas urbanas arborizadas.

MARCO SILVA

Envolver a sociedade em sua causa e incentivar a participação ativa nos projetos e na organização estão entre os pilares da atuação da SAVE Brasil, e seus principais aliados nessa tarefa são os observadores de aves. Essa parceria é possível porque os observadores vêm crescendo rapidamente no país, e já começaram a apreciar a atividade dentro de um contexto de conservação, o que não acontece em outros locais do mundo, onde é um *hobby* muito associado ao turismo. Por aqui, a prática ganhou força com as redes sociais e as fotos digitais, mas rapidamente se transformou em veículo de conscientização ambiental. Profissional de comunicação e dono de uma produtora, Guto Carvalho foi uma das pessoas que se encantou com as aves e resolveu colocar a mão na massa. “Senti a necessidade de traduzir meu trabalho em conservação. Escolhi as aves porque, como profissional, vi que traziam uma agenda positiva, em uma área que cultiva um certo catastrofismo. As aves quebram barreiras com sua beleza e leveza, inspiram afeto e aproximam as pessoas da conservação”, conta. Com alguns parceiros, idealizou o Avistar – Encontro Brasileiro de Observação de Aves, em 2006, que reúne anualmente os amantes dos pássaros – observadores e

especialistas – para trocar ideias e discutir o tema, em São Paulo.

“Procurei a SAVE Brasil para participar já na primeira edição, porque era importante contar com uma organização que faz conservação *in situ*, com trabalho de campo, e Pedro Develey topou ser palestrante. Naturalmente, a parceria cresceu, e percebemos que era estratégica para os dois lados, uma maneira de dar visibilidade à ONG e alinhar as organizações que atuam no tema ‘aves’ para o Avistar”, conta Guto. Ao longo do tempo, a SAVE Brasil ampliou sua participação e, desde que o evento passou a acontecer no Parque Villa-Lobos, a SAVE Brasil se tornou o ente institucional do encontro – que nunca se institucionalizou –, tornando-se correalizadora.

“Conforme fomos interagindo, percebemos que a SAVE Brasil estava aberta para ver a observação de aves como estrategicamente importante, e a prática foi sendo incorporada às atividades da organização”, diz Guto, que também passou a participar ativamente da ONG, como membro de seu Conselho Deliberativo. O resultado pôde ser visto no Censo Brasileiro de Observadores de Aves, realizado pelo Avistar e parceiros em 2012 e 2017, no qual



A OBSERVAÇÃO DE AVES TEM UM IMPORTANTE PAPEL PARA:

- Diminuir a barreira entre academia e sociedade
- Gerar informações para a ciência
- Conectar pessoas à natureza
- Despertar a consciência para a conservação

PRÊMIO RECEBIDO

2º lugar no Prêmio Von Martius de Sustentabilidade (2017) Categoria Natureza – Projeto Cidadão Cientista, concedido pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha.



Saída dos Amigos da SAVE Brasil para observação de aves em São Francisco Xavier, SP



Saída dos Amigos da SAVE Brasil para observação de aves na Reserva Natural Rolinha-do-planalto, MG

a SAVE Brasil é percebida como a “ONG dos passarinhos”. Para Guto, “esse é um indício concreto de que a observação de aves é um campo de parceria na luta pela conservação”.

CIDADÃO CIENTISTA

O envolvimento com observadores, no Avistar e nos muitos eventos nos quais é convidada a participar, levou a equipe da SAVE Brasil a aproveitar a via conservacionista e participativa desses praticantes para ampliar o conhecimento sobre as aves no Brasil. Iniciado em 2016, o projeto Cidadão Cientista utiliza a observação de aves como forma de monitoramento de unidades de conservação. “Queríamos entender se



Amigos da SAVE Brasil durante excursão para observação de aves no Parque Estadual de Carlos Botelho



Amigos da SAVE Brasil durante excursão para observação de aves no Parque Estadual de Carlos Botelho

conseguiríamos fazer monitoramento participativo com o cidadão comum, e conseguimos. Pessoas de todas as profissões ajudam a aumentar nosso conhecimento sobre as aves”, diz a bióloga e mestre em conservação ambiental Karlla Vanessa de Camargo Barbosa, coordenadora do projeto.

O primeiro teste foi realizado em quatro áreas: Parque Nacional de Boa Nova, na Bahia; Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro; Parque Estadual da Cantareira, em São Paulo; e Reserva Natural de Salto Morato, reserva particular do patrimônio natural no Paraná. “Convidamos pessoas da comunidade que quisessem observar aves, mensal ou bimestralmente, e pedimos que anotassem o que estavam vendo”,





PESSOAS CONECTADAS

A força das redes surge do conjunto de pessoas unidas por interesses e objetivos comuns, com laços de amizade e compromisso. Estabelecer uma rede de apoio à conservação das aves brasileiras é parte integrante da missão da SAVE Brasil.

conta Karlla. Além do grande número de participantes, somente no Cantareira, 32 espécies de aves foram incluídas no inventário, aumentando o número de aves do plano de manejo do parque a partir da ação. Essa atividade terminou em 2017, mas os grupos do Paraná e da Bahia continuam ativos por conta própria, mostrando o potencial desse tipo de engajamento.

O projeto cresceu e foi estendido para áreas urbanas do município de São Paulo ainda em 2016. Foram feitas parcerias com a Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo de Fauna Silvestre (Depave-3) da prefeitura de São Paulo e com o Observatório de Aves do Instituto Butantan, para o projeto Vem Passarilhar. Desde então, são realizadas observações no último sábado do mês, cada mês em um parque diferente. A atividade já contemplou mais de 15 parques, reunindo a cada vez aproximadamente 30 pessoas. “É uma forma de engajar cidadãos e trazer conscientização sobre a importância dos parques urbanos”, diz Karlla.

Os dados compilados pelos participantes são inseridos na Plataforma eBird Brasil, via aplicativo no celular ou *site*. Os observadores vão anotando tudo o que veem, e os dados ficam disponíveis para pesquisadores de todo o mundo. A importância desses cidadãos cientistas é ressaltada por Guto em um caso concreto: “O Tanquã, uma área muito conservada nas margens do rio Piracicaba, no interior de São Paulo, era conhecida como minipantanal, sendo muito procurada pelos observadores de aves. No local, o governo do estado planejava a construção de uma nova hidrovía, e, na luta por sua defesa, as listas de aves feitas sistematicamente pelos visitantes foram fundamentais para que o Ministério Público barrasse o empreendimento. No final de 2018, virou

uma área de conservação ambiental.” A série de eventos ligados à ciência cidadã, com suas produções de listas de espécies e quantidades de aves, ganhou importância internacional. Iniciativa da Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, o Big Day acontecia anualmente em um dia de maio, no qual observadores de todo o mundo saíam a campo para engrossar as informações do eBird. São 24 horas para observar o maior número de espécies possível. A data tem a ver com o início da primavera no Hemisfério Norte, melhor época para a observação de aves. As iniciativas promovidas pela SAVE Brasil e pelo Avistar chamaram a atenção para a necessidade de um Big Day no início da primavera do Hemisfério Sul, e o evento global passou a acontecer também em outubro.

A partir dessas experiências, a observação de aves faz parte de todos os projetos da SAVE Brasil. Na Reserva Pedra D’Anta e no Projeto Jacutinga são atividades mensais. “Com isso, podemos avaliar as espécies na região. Além de ajudarem a ciência, as pessoas caminham, treinam a audição e a visão, fazem amigos”, diz Karlla.

AMIGOS ENGAJADOS

Contar com essa rede de pessoas engajadas na conservação de aves levou a organização a incluir a participação de simpatizantes, por meio do programa Amigos da SAVE Brasil, no qual os colaboradores pagam uma anuidade para fazer parte do grupo de apoiadores da organização. O programa é aberto a qualquer interessado. Os participantes têm carteirinha de amigo, são convidados para eventos e para conhecer os projetos e contam com grupos nas redes sociais. Iniciado em 2016, já tem mais de 300 membros. A comunicação também é realizada por meio de *newsletters*, *site* e redes sociais mantidos pela SAVE Brasil para todos os interessados no tema. Ter uma

rede de pessoas representantes da sociedade civil apoiando a SAVE Brasil confere ainda mais legitimidade para a organização. No início de 2018, foi organizada a primeira visita à Reserva Natural Rolinha-do-planalto, em Botumirim, Minas Gerais, com exclusividade aos Amigos da SAVE Brasil. Ao longo do ano, visitas a outros *hotspots* para observação de aves foram agendadas, como o Parque Estadual Carlos Botelho e o Parque Intervales, ambos no interior de São Paulo, e uma visita especial à Reserva de Pedra D’Anta da SAVE Brasil na Serra do Urubu, Pernambuco. Os Amigos da SAVE Brasil

não pagam taxa de visitação nas reservas da organização. As edições do Avistar, tanto em São Paulo como algumas edições regionais ao longo do ano, também são um mote para uma maior participação e divulgação dos Amigos da SAVE Brasil. Nesses eventos, também são lançadas grandes ações, como a apresentação da redescoberta da rolinha-do-planalto em Botumirim, que teve um impacto mundial importante. Quase 500 pessoas estavam presentes no dia do anúncio.

PLANO DE VOO: DE VOLTA À NATUREZA

Também baseada na participação de uma rede de colaboradores, a iniciativa Plano de Voo possibilita que aves apreendidas do comércio ilegal sejam soltas na natureza. A partir de um convênio com a Secretaria Estadual de Infraestrutura e Meio Ambiente de São Paulo, foi promovido pela SAVE Brasil um *workshop* com especialistas, que gerou um protocolo de soltura no estado. A partir disso, foi criado um cadastro de proprietários com áreas aptas para a soltura. Para participar, é preciso preencher alguns requisitos, como ter o Cadastro Ambiental Rural (CAR). Pelo projeto, os centros de triagem estaduais, como o do Parque Ecológico Tietê, ligam para a SAVE Brasil, que indica a melhor área para a soltura. Com uma propriedade de 25 hectares de matas na Serra do Japi, em Jundiá, Guto é um dos proprietários que participam do projeto. Explica que a importância do protocolo foi

desburocratizar o processo. “Um conhecido queria salvar passarinhos na área dele e soube que precisava ter um estudo, contratou especialistas, gastou R\$ 30 mil e não conseguiu tirar a autorização. Com o protocolo, em pouco tempo a pessoa consegue cadastrar a área e reduzir o sofrimento dos bichos. Nas minhas terras, nos últimos quatro anos, tivemos solturas sistemáticas de animais vindos do centro de triagem do Parque Ecológico do Tietê. Fazemos o monitoramento e vemos que a maior parte se estabeleceu na região. Com o cadastramento da área, já tivemos solicitação para soltura de outros órgãos e outros animais – inclusive um gambá, junto com o próximo lote de aves”, conta ele. Desde 2013, o Plano de Voo já propiciou a soltura de mais de 3 mil aves e cadastrou 11 áreas de soltura e monitoramento de aves no estado de São Paulo.

UMA GRANDE REDE DE CONSERVAÇÃO

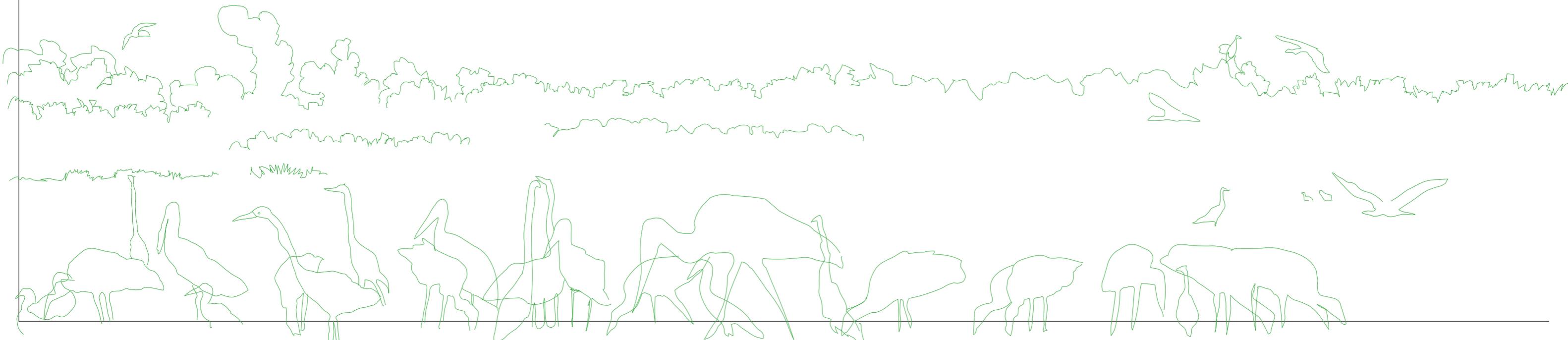
A SAVE Brasil acredita na participação ativa da sociedade civil na reversão da grave crise ambiental e perda de espécies que o mundo vem enfrentando. Apoiar iniciativas de conservação das aves e da biodiversidade advindas da própria sociedade é uma forma de atuação que deverá nortear o crescimento da SAVE Brasil nos próximos anos. Esse crescimento em rede, aumentando o engajamento das pessoas, permitirá um ganho de escala e maior impacto da organização no cumprimento da sua missão. E o momento é favorável.

Ao mesmo tempo em que o nosso país passa por uma fase extremamente difícil em relação à conservação ambiental, o número de observadores de aves brasileiros cresce significativamente. São pessoas que valorizam, registram e promovem a nossa biodiversidade, formando uma rede de cidadãos que atuam nas mais diferentes áreas, com diferentes profissões, mas que compartilham a paixão pelas aves livres na natureza. Elas têm esse poder incrível de nos engajar e nos unir na busca de um mundo melhor.

NOVOS VOOS

15 anos de projetos. Começamos em áreas específicas na Bahia e Alagoas e hoje atuamos em quase todo o país, do sul do Rio Grande do Sul, passando por várias áreas no Sudeste e Nordeste, até a costa do Amapá. Esse caminho foi guiado pela vontade e compromisso de conservar as aves mais ameaçadas do Brasil. Cada uma das 15 histórias que contamos envolveu mudanças e transformações. Nas pessoas, nas paisagens e na situação de conservação das espécies de aves. Mudanças que marcaram as nossas vidas para sempre. Terminamos este livro em um momento de muitas incertezas; a pandemia do novo

coronavírus fez o ser humano repensar a relação com o planeta e expôs a nossa fragilidade. O mundo está mais vulnerável, e a pauta ambiental nunca foi tão presente, reforçando a importância da conservação dos recursos naturais. Nossa trajetória até aqui nos dá otimismo para acreditar em um futuro promissor. Serão novos desafios, novas pessoas e maneiras de atuar compatíveis com esses novos tempos, mas sempre mantendo o compromisso de conservar as aves e seus habitats por um planeta mais saudável e harmônico para todos.



1998 British Birdfair – 1ª captação BirdLife International

2000 Murici
Serra das Lontras

2000 Estabelecimento do Programa do Brasil da BirdLife International

2003 Formigueiro-do-litoral
Saíra-apunhalada, Boa Nova
Serra do Urubu

2001 Criação da Estação Ecológica de Murici – AL

2004 Murum-do-sudeste

2004 Criação da Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil – SAVE Brasil

2004 Murum-do-sudeste

2004 Criação da RPPN Pedra D'Anta na Serra do Urubu – PE

2005 Pampa

2006 Criação da Alianza del Pastizal

2006 Publicação *Livro das IBAs Parte I (Mata Atlântica)*

2006 Prêmio Ecologia (Projeto Saíra-apunhalada)

2009 Publicação *Livro das IBAs Parte II (Amazônia, Cerrado e Pantanal)*

2010 Projeto Jacutinga

2010 Criação do Refúgio de Vida Silvestre e Parque Nacional de Boa Nova, e Parque Nacional da Serra das Lontras – BA

2010 Prêmio de Conservação e Desenvolvimento na América Latina, Fundación Biodiversidad – Projeto Serra das Lontras

2012 Ararinha na Natureza

2011 Criação do Parque Estadual da Costa do Sol – RJ
(Projeto Formigueiro do Litoral)

2013 Plano de Voo

2014 Prêmio Muriqui

2015 Aves limícolas

2016 Rolinha-do-planalto

2016 Prêmio Wings of Americas (Alianza del Pastizal)

2016 Lançamento do Programa Amigos da SAVE Brasil

2016 Carne certificada da Alianza del Pastizal chega ao mercado

2016 Soltura das primeiras jacutingas na natureza

2017 Bicudinho-do-brejo-paulista

2017 Criação da RPPN Água Branca – ES (Saíra-apunhalada)

2017 Criação da Reserva Natural Rolinha-do-planalto – MG

2017 Prêmio Von Martius (Projeto Cidadão Cientista)

2018 Criação do Parque Estadual de Botumirim – MG

2018 *Ortalis remota*

2018 Criação da Área de Proteção Ambiental e Refúgio de Vida Silvestre da Ararinha-azul

2018 Prêmio Campanha-azul (Rolinha-do-planalto)

2019 Mutum-de-penacho

2019 Criação do Refúgio de Vida Silvestre Bicudinho-do-brejo-paulista – SP

2019 15 anos da SAVE Brasil

AGRADECIMENTOS

Da mesma forma que todas as ações de conservação realizadas pela SAVE Brasil, este livro é o produto do envolvimento de muita gente. Pessoas que direta ou indiretamente se comprometeram e se dedicaram à conservação das aves.

Os resultados alcançados não seriam possíveis sem a confiança e o apoio dos financiadores, nacionais e internacionais, privados e públicos, grandes ou pequenos. Somos muito agradecidos a todos.

A equipe da SAVE Brasil fez tudo acontecer. Ao longo desses 15 anos foram mais de 60 colaboradores diretos trabalhando nos diferentes projetos. Vocês fazem parte dessa história. Nossa equipe é nossa maior fortaleza. Todos que passaram por aqui deixaram suas marcas e ensinamentos e levaram para suas vidas, um pouco do jeito SAVE de encarar o mundo, com a leveza das aves. Muito obrigado!

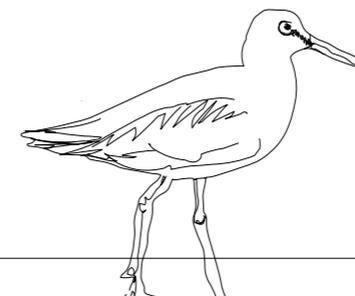
Os nossos conselheiros estiveram sempre presentes, fornecendo um suporte institucional que foi e continua sendo chave para o desenvolvimento da SAVE Brasil.

Profissionais e organizações parceiras também acreditaram nos projetos e compartilharam com a gente as angústias, preocupações e sucessos.

A equipe de produção do livro foi especial, desde as entrevistas e visitas de campo até o processo de criação, diagramação e editoração. Foi um prazer trabalhar com vocês!

Agradecimento especial aos fotógrafos e familiares que gentilmente cederam as imagens que ilustram este livro.

Finalmente, agradecemos do fundo do coração o apoio e incentivo constante das nossas famílias. Fez toda a diferença e nos dá mais força para continuar lutando por um mundo equilibrado onde a biodiversidade seja respeitada.



Organização
PEDRO DEVELEY, JAQUELINE GOERCK

Entrevistas e texto
MAURA CAMPANILI

Textos técnicos
PEDRO DEVELEY, JAQUELINE GOERCK

Edição
GUTO CARVALHO

Projeto gráfico, infográficos e ilustrações
CIRO GIRARD

Coordenação editorial e produção gráfica
HELOISA VASCONCELLOS

Preparação e revisão
JONATHAN BUSATO

Tratamento de imagens
MILLARD SCHISLER

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S266 Save Brasil – 15 histórias de conservação: comunidades, pessoas e aves que marcaram a nossa vida / Organizadores Pedro Develey, Jaqueline Goerck; textos Maura Campanili; ilustrações Ciro Girard. – São Paulo, SP: Edições TIJD, 2020.
144 p. : il. ; 21 x 24,5 cm

ISBN 978-65-88932-00-1

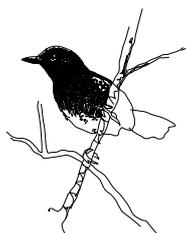
1. Meio ambiente – Conservação. 2. Aves. 3. Sustentabilidade.
I. Girard, Ciro, 1961-. II. Develey, Pedro, 1969-. III. Goerck, Jaqueline, 1965-. IV. Campanili, Maura, 1969-.

CDD 333.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Citação recomendada:
Develey, P., J. Goerck, M. Campanili e C. Girard. 2020. Save Brasil - 15 histórias de conservação: comunidades, pessoas e aves que marcaram a nossa vida. São Paulo: Edições TIJD.

SAVE Brasil - Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil
R. Fernão Dias, 219
05427-010 – São Paulo, SP
www.savebrasil.org.br



Durante a feitura deste livro,
em um outono atípico, aprendemos, por
força das mais inusitadas circunstâncias,
que um projeto pode vir a ser tarefa,
que simplesmente se cumpre;
história, um conjunto de tarefas
encadeadas que levam a um fim,
ou épico: histórias que não têm fim.
De certa forma podemos dizer que
esta obra passou por todos os estágios –
tarefa cumprida com base em histórias
de conservação emocionantes que,
esperamos, não tenham fim.
Ciro Girard desenhou cada página
desta obra, que utiliza as fontes
Gill Sans e Adobe Garamond,
para a Edições TIJD, impressa na
Stilgraf em novembro de 2020